

Maria Alves de Toledo Bruns

Não Era Bem Isto o Que Eu
Esperava da Universidade: um
Estudo de Escolhas
Profissionais

Universidade Estadual de Campinas

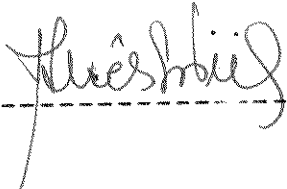
Faculdade de Educação

1992

BC 912.165.5.9

Este exemplar corresponde à redação final da Tese
defendida por Maria Alves de Toledo Bruns e
aprovada pela Comissão Julgadora em

Data: Campinas, 22 de junho de 1992

Assinatura: 

Tese apresentada como exigência parcial
para obtenção do Título de Doutor em
Educação na Área de Concentração:
Psicologia Educacional, à Comissão
Julgadora da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas, sob a
orientação da Prof^a Dra. Maria Inês Fini.†

Comissão Julgadora:

Jose Martin
mp3olme
~~*Quilata*~~
Mr. Paris Bardo
Queshui

AGRADECIMENTOS

Sou grata a cada pessoa que teve em algum momento de seu tempo vivido compartilhado comigo nessa trajetória de elaboração de tese.

Por esses momentos, agradeço especialmente a:

- Prof^ª Dr^ª Maria Inês Fini, orientadora que me propiciou desenvolver com liberdade esse trabalho.

- Prof. Dr. André Jacquemin, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP - "Campus" de Ribeirão Preto, pelo apoio demonstrado ao tema "escolha profissional" e por possibilitar-me o acesso ao registro dos sujeitos referentes a esse estudo.

- Prof^ª Dr^ª Maria Clotilde Rossetti Ferreira, chefe do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP -

- Prof^ª Dr^ª Lisete Casagrande, coordenadora do setor de educação do Departamento de Psicologia e Educação da

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
- USP -, pelo incentivo à execução dessa pesquisa.

- Prof. Dr. Joel Martins, do programa de Doutorado da
Faculdade de Educação da UNICAMP, com minha admiração e
respeito pelo despertar fenomenológico.

- Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu, chefe do Departamento de
Linguística da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras -
USP - São Paulo, cujos cursos, diálogos e escritos me
possibilitaram conhecer a fascinante viagem que se processa
num texto argumentativo.

- Prof. Dr. José Walter Martins, pela revisão do português.

- Prof. José Marcelino Pinto, pela amizade e diálogos ao
longo dessa jornada.

- Paula Helena Suárez Abreu, pelo bonito trabalho de
digitação.

- Maria Virgínia F. Cremasco Grassi, César Sandoval Moreira
Júnior, Juliano Bologna Garcia, Ellika Trindade, alunos do
curso de Psicologia, Cristina Marçal do curso de Biologia da
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto -

USP - "Campus" de Ribeirão Preto e a Maria Goreti de Almeida Guerra, aluna do curso de Psicologia da Universidade São Francisco - Campus de Itatiba - pelo compartilhar do "fazer fenomenológico".

- Funcionários da F.F.C.L. R.P. - USP - Campus de Ribeirão Preto: Maurício Monteiro Rodrigues, encarregado do setor - Seção de Graduação - e em particular a Cristina Bernardi Lima, supervisora da Seção de Graduação, pelas horas de trabalho dedicadas ao levantamento dos dados acadêmicos referentes aos sujeitos desse estudo; Luciana Maria Savoya da Silva de Almeida, secretária sênior - expediente de diretoria -, Sérgio Henrique Salles Paschoal, secretário da Assistência Técnica Acadêmica e a Regina Maura Troca Queiróz, secretária do Setor de Educação, pelo fornecimento dos dados referentes a história da F.F.C.L. R.P. - USP - Campus de Ribeirão Preto.

- Funcionários da Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp: Nadir Aparecida Gomes Camacho, diretora de serviços da Pós-Graduação; Maria de Almeida Viana, secretária; Wanda F. dos Santos Silva e Cláudia Maria Pereira Moreira dos Santos, técnicas em Atividades Administrativas, cuja compreensão tornaram agradáveis as "exigências burocráticas".

- Agradeço ainda a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior - pela bolsa PICD.

Janaina e Juliana

Por lançarem-me a infinitos
desafios...

Roy

Obrigada pelo apoio constante.

RESUMO

Movida pelo desejo de interrogar o Ser que experiencia a escolha profissional, optei intencionalmente pela trajetória fenomenológica para realizar este trabalho, a qual possibilitou-me o acesso aos discursos de jovens que vivenciaram a escolha pelo curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - USP - Campus de Ribeirão Preto - período de 1980-1989.

E, dessa forma, vir a compreender a vivência desta escolha a partir das possibilidades dos modos de Ser autêntico e/ou inautêntico sob a luz das idéias de Heidegger. Para este, o Ser está aberto a possibilidades de construir o seu próprio projeto de vida, que inclui o poder de fazer continuas escolhas, bem como de assumir responsabilidades, compromissos e riscos dessas escolhas ao longo de seu tempo vivido.

ABSTRACT

Moved by the desire to interrogate the Being that experiences the process of choosing a profession, I intentionally selected the phenomenological trajectory to carry out this study.

This provided me with access to the speech of young adults of the psychology course of the College of Philosophy, Science and Letters of the University of São Paulo, Ribeirão Preto campus who were experiencing this process at times between 1980 and 1989.

The experience of choosing a profession can be understood considering the possible manners of an authentic and/or unauthentic Being in light of the ideas of Heidegger. As such the Being is open to possibilities of constructing his own life project, which includes the power to make continuous choices as well as to assume the responsibilities, compromises and risks related to these choices.

SUMÁRIO

Apresentação: Situacionalidade do Autor	1
Capítulo I: Trajetória Pré-Reflexiva	15
O Discurso Oficial	19
O Discurso das Pesquisas	35
Capítulo II: O Ser e a Escolha	56
Capítulo III: Trajetória Fenomenológica	69
Redução Fenomenológica	76
Descrição	77
Obtenção dos Depoimentos	79
O Sentido do Todo dos Discursos	82
Unidades Significativas	83
Variação Imaginativa	84
O Curso de Psicologia de F.F.C.L.R.P.-U.S.P.-	88
O Departamento de Psicologia e Educação	91
Capítulo IV: Análise Ideográfica	96
Discurso dos Sujeitos do Grupo A	97
Discurso dos Sujeitos do Grupo B	118
Discurso dos Sujeitos do Grupo C	140
Capítulo V: Análise Nomotética	165
A Compreensão do Fenômeno Interrogado	169
A Estrutura do Curso de Psicologia limita as possibili- dades de escolha do jovem	172

O Mercado de Trabalho do Psicólogo do sonho à realidade	177
Os jovens buscam fora do universo acadêmico novas abordagens teórico-metodológicas	183
Horizontes?!	189
Anexos	201

APRESENTAÇÃO

SITUACIONALIDADE DO AUTOR

Trabalhando em escolas de 1^o e 2^o graus e convivendo com o fracasso escolar há mais de 18 anos, perplexidades foram surgindo em minha prática pedagógica. Elas deram origem a interrogações norteadoras na estruturação e elaboração final de minha Dissertação de Mestrado "Evasão escolar: - Causas e Efeitos Psicológicos Sociais", apresentada em dezembro de 1985 no Programa de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação UNICAMP (Bruns, 1987).

No estudo realizado, as causas mais apontadas pelos evadidos foram relativas: a problemas econômicos - que os levaram a abandonar os estudos para ingressar no mercado de trabalho; a problemas pedagógicos - dada a total desvinculação dos conteúdos às reais possibilidades dos alunos; e a discriminação social - através das práticas docentes e da postura do corpo administrativo das escolas.

Percebi, ainda, nesse estudo, que a escola pública, da maneira como se apresenta hoje, não se pode eximir de sua parcela de responsabilidade no fracasso do aluno. E, ainda, que as

"marcas" do fracasso escolar se fazem presentes na vida do egresso, que se sente estigmatizado de outras vantagens sociais, por não possuir escolaridade completa.

Nesse contexto, a aspiração de terminalidade real e a continuidade de estudos - tão almejadas pelos excluídos do sistema, e implícitos na lei (5692/71)-, não se concretizam, ficam como representações falseadas da realidade.

A partir desse trabalho, outras interrogações se fizeram presentes nas minhas atividades profissionais.

Ao lado de minhas funções docentes no 1º e 2º Graus, iniciei uma experiência no magistério superior, como monitora voluntária das disciplinas Psicologia Social e Psicologia do Trabalho, ambas do curso de Pedagogia da UNICAMP. A temática dos cursos envolveu discussão sobre a escolha profissional e vida universitária, enfatizando a relação escola/trabalho, o papel e alcance da escola.

Na discussão com alunos desses cursos, e na orientação de trabalhos, pude constatar um grau de insatisfação muito grande em relação à escolha feita por eles. Esta insatisfação ora era atribuída à organização da vida universitária - que compreende a própria estrutura do ensino de graduação na

Universidade: organização curricular, conteúdo específico das disciplinas, relação professor-aluno, etc. - ora era atribuída ao próprio aluno em função de sua vida escolar e dos "condicionamentos" que determinaram a escolha do curso que fazia, no caso a Pedagogia.

A partir de então, num momento pré-reflexivo, comecei a explorar mais a questão com os alunos do curso de Estatística da UNICAMP. Sob a coordenação da Professora Maria Inês Fini, foi desenvolvido um projeto: Determinantes da Escolha Profissional dos alunos da UNICAMP (Fini e Bruns, 1986). O resultado dessa pesquisa foi que a insatisfação com a escolha realizada se mostrou igualmente freqüente e intensa. Essas reflexões levaram-me a uma sistematização formal deste problema junto à DAC, Diretoria Acadêmica da UNICAMP, e os dados mostraram-me que no curso de Estatística, no período de 1980 a 1985, o número de alunos formados correspondeu somente a 25% das vagas oferecidas.

Levando em consideração que as 70 vagas oferecidas pelo curso se mantiveram constantes desde 1970, essa situação é muito preocupante. O mesmo cálculo foi realizado para o curso de Física onde constatei 45%; Química 57% e Pedagogia 60%. Estes dados revelaram-me que o fracasso escolar expresso pelo abandono do curso, ou pela "migração interna" (transferência

de curso) nos cursos de graduação, é um fenômeno intenso, e evidencia uma grande insatisfação com a escolha realizada (Quadro Estatístico dos Graduados pela Unicamp - Período de 1965-1985 - anexo I e II).

Observei também em minha experiência docente nos cursos de licenciatura (Estudos Sociais, Letras e Matemática) da Universidade São Francisco - Campus de Itatiba, no período de 1987 a 1988 -, que os jovens não estavam satisfeitos com o curso que tinham escolhido, só que para estes jovens a justificativa da insatisfação advinha da frustração de não terem tido a oportunidade de conseguir uma vaga em uma universidade pública.

Nesse sentido, a "escolha" era explicada pela não possibilidade de escolher, e vivida de maneira "adaptativa": uma forma de recompensa. Vivenciavam esses jovens o "status" tão almejado de universitário, frequentando uma faculdade particular, que, na realidade brasileira, assumiu a responsabilidade de "formar" os excedentes das universidades públicas, oferecendo cursos no período noturno e, com raríssimas exceções, de qualidade duvidosa.

Situação análoga vivenciei em 1988-1989, quando trabalhei com os jovens dos cursos de licenciatura (Pedagogia, Educação

Física e História) da PUC de Campinas. Percebi nos "desabafos" dos alunos, (tão comuns ao professor de Psicologia Educacional, cuja especificidade do conteúdo provoca um re-avaliar, um re-pensar do ser-aí), uma sensação de angústia pela escolha realizada, mas as explicações continuavam girando em torno da própria situação econômica vivenciada por eles.

Nesse momento, novas perplexidades surgiram, pois, se de um lado, a pesquisa que realizei no mestrado havia constatado que a grande maioria da população brasileira não chega a terminar o 1º grau de escolaridade e que ali talvez residissem a insatisfação, a angústia vivenciada pela maioria dos jovens, aos quais foi negada até a possibilidade de sonhar em escolher uma profissão, - por outro lado, para sonhar era necessário ter garantido um mínimo de qualidade de vida. "Os sonhos levam a utopias, a elaborar projetos, e a grande maioria da população jovem brasileira não sonha, porque nega o amanhã, porque não tolera o hoje" (Bruns, op.cit, p. 144).

Convivendo ainda com jovens que "tinham" escolhido ser psicólogos, engenheiros, pedagogos, geógrafos, médicos, a insatisfação, a angústia pela escolha realizada se fazia sentir no dia-a-dia.

Se para os que ingressaram na faculdade particular a insatisfação era explicada pela limitação da situação econômica, para os que freqüentavam a UNICAMP, o fenômeno da insatisfação pela escolha realizada era vivenciada e representada por contínuas reprovações e tentativas de transferência de cursos, explicitando dessa forma um descompasso entre o "experenciado da escolha" com a escolha projetada no 2º grau e "oficializada" no momento da concorrência criada pelo vestibular, que os seleciona e classifica, para o ingresso no 3º grau.

Outro momento relevante ocorreu quando, já então como docente na F.F.C.L.R.P - USP - Campus de Ribeirão Preto, a partir de abril de 1989, na discussão com alunos dos cursos de Biologia, Química e Psicologia e na orientação de trabalhos, pude constatar um grau de insatisfação muito grande em relação à escolha do curso feita por eles. Aqui também mais uma vez a insatisfação ora era atribuída à organização da vida universitária - que compreende a própria estrutura do ensino de graduação da Universidade, a organização curricular, conteúdo específico das disciplinas, relação professor-aluno, expectativa em relação ao mercado de trabalho - ora era atribuída ao próprio aluno, em função de sua vida escolar e dos "condicionamentos" que "determinavam" a escolha do curso que fazia.

Verifiquei também que os dados gerais do Anuário estatístico da USP (1988:50), revelam que o fracasso escolar (abandono do curso e/ou contínuas reprovações) é de grande relevância e que não há um estudo sistematizado que procure responder às seguintes questões: O que leva alguns jovens após terem vencido todo o drama, ansiedade, "passaporte com visto de entrada" à Universidade e após um "certo tempo vivido" no curso - perceberem que não estavam satisfeitos com sua escolha profissional? O que leva alguns jovens a reelaborar sua escolha e reconstruir outro caminho? O que leva alguns jovens a concluir o curso, reafirmando assim a escolha inicial? Estarão atuando profissionalmente?

Estas interrogações aguçavam mais e mais a minha curiosidade e percebi nesse momento que me projetava em direção ao fenômeno da escolha profissional, buscava explicitá-lo, compreendê-lo.

Foi a partir dessa trajetória de vivências, estudos e perplexidades, que dirigi um olhar atento ao curso de Psicologia, principalmente por compreender que a Psicologia é uma ciência humana e como tal está (ou deveria estar) direcionada ao pluridimensionamento da existência humana, que envolve as mais diversas experiências humanas, como por exemplo, desde o planejamento simples, como a escolha do dia e

horário de uma festa até decisões mais complexas, como a escolha de uma profissão. Desse modo o seu objeto de estudo é (ou deveria ser) a busca da compreensão desse existir humano.

Com isto, não quero dizer que desconheço a história da Psicologia, a qual, por pautar-se no modelo das ciências denominadas positivistas, dirigiu seu estudo à dicotomização do SER (Giorgi, 1978; Merleau-Ponty, 1973). Postura esta que ainda se faz presente e que é facilmente comprovada pelo número elevado de pesquisas que são desenvolvidas e apresentadas em congressos, encontros e reuniões científicas (Comunicações Científicas em Psicologia, 1991 e I Congresso Nacional de Psicologia Escolar, 1991).

Essa postura tem-me despertado a atenção porque sabe-se que, subjacente a esta metodologia, permeia um modo peculiar de olhar o mundo, e esse olhar se dirige para os atos de medir, discriminar, classificar, identificar as coisas e o humano, a partir de padrões pré-estabelecidos, objetivando dominá-lo.

Assim esses pesquisadores ao dirigirem seus estudos ao comportamento manifesto pela pessoa humana, vêm afastando-se da possibilidade de compreender o ser-do-homem, de refletir sobre o significado do existir do ser como um devir, num projeto que, segundo minha visão de mundo, deveria ser a

questão orientadora de qualquer estudo sobre o humano e, principalmente, dos psicólogos.

Nesse momento percebi que buscava uma trajetória que me permitisse iluminar a escolha como fenômeno, que me possibilitasse mergulhar no mundo do ser que escolhe, e que respondesse - O que é isto, a escolha profissional? O que é isto, estar experienciando a escolha? O que é isto, o escolhendo? O que é isto, o ser que escolhe? - e a partir daí compreendê-lo.

Nesse sentido, compreender significa a capacidade do ser de: esclarecer, de ir à coisa mesma, de tornar explícito e transparente o que se mostra obscuro.

É sob a perspectiva da compreensão do SER que escolhe, que optei pela trajetória fenomenológica.

A fenomenologia trata de descrever os fenômenos, tais como eles se apresentam, e significa discurso esclarecedor a respeito daquilo que se mostra obscuro. Ela permite o acesso à vivência original do experienciado e estuda-o de forma rigorosa.

A pesquisa, na perspectiva fenomenológica, não parte de pressupostos teóricos, de crenças ou de hipóteses a serem comprovadas; não é definida a priori pelo experimentador. Ela se constrói a partir das percepções que os sujeitos têm do fenômeno que está sendo interrogado.

No percurso dessa trajetória, buscando mergulhar no mundo dos jovens que tiveram a possibilidade de escolher uma "Universidade Pública", que sem dúvida está entre as melhores do país e de frequentar o curso de Psicologia, um dos mais concorridos nesta Faculdade, estava diante de uma interrogação sobre a questão do SER, questão esta que é o ponto de partida, é a inquietação do homem sobre si mesmo.

Deste Ser que é livre para escolher entre as várias possibilidades que se lhe apresentam, mas que as realiza com inquietação, angústia e ansiedade, próprias da materialidade, facticidade e temporalidade de seu existir, pois nem sempre as possibilidades que se apresentam são de fácil escolha.

Escolher entre ir ao cinema ou ao jogo de basquete provoca menos ansiedade do que escolher ser psicólogo, dançarino ou piloto.

O homem como ser-no-mundo, existe numa situação de ambigüidade e de riscos, ou seja, ele é livre mas é também circunstancial, próprio de sua condição de ser humano. O homem não escolhe a família onde nasce, não escolhe as diversas situações na qual é lançado.

Ao nascer, o ser humano já se encontra num mundo que é um mundo humano, e é dentro dessas circunstancialidades que as possibilidades para escolher acontecem.

O homem não é apenas o que é, mas aquilo que deseja ser, deseja tornar-se. Ao longo de seu tempo vivido, o humano elabora o seu projeto de vida, que implica em inúmeras possibilidades e modificações que ocorrem entre pessoas, num mundo habitado por seres humanos. Existir é estar em constante movimento, é perceber que o viver está repleto de aspectos que se opõem mas que são coexistentes; vive-se e morre-se, simultaneamente, pois, a cada dia que passa, ao projetar-se o ser visualiza múltiplos e infinitos horizontes, assim como caminha para a finitude, a morte.

Imerso nesse mundo de ambigüidades e de riscos, é preciso coragem para ser, para escolher, para assumir compromissos, responsabilidades, e para sofrer as conseqüências das escolhas realizadas ao longo desse existir.

Desse modo, partindo dos limites da circunstancialidade humana, busquei na teoria do SER, elaborada por Heidegger (1889-1976), compreender o ser em sua temporalidade, isto é, do ser que descobre que pode tomar iniciativa de desvendar o sentido de sua própria existência, do ser que atribui sentido ao passado e que elabora projetos. Do ser que percebe que do sentido, da intenção que imprimir ao seu projeto de vida, decorrerá a autenticidade ou inautenticidade de sua existência.

Desse ser que é lançado adiante e que ao tornar-se consciente se percebe aberto a possibilidades de construir ele próprio a sua existência.

Sob esta ótica, o jovem, frente à escolha profissional, é um SER-aí-no-mundo, que merece ser compreendido em termos de sua existência historicamente situada.

Enfim: mergulhar no mundo do jovem que escolheu o curso de Psicologia, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - USP - Campus de Ribeirão Preto, que teve sua existência compartilhada com a dinâmica própria da instituição, que inclui viver um horizonte de livros, de sala de aula, oferta de disciplina, conteúdos, de equipamentos escolares,

professores, como também o horizonte da sua família, de seus amigos, de novos colegas, do mercado de trabalho. Vive ainda o seu próprio mundo interno, o mundo de si-mesmo, dos seus sentimentos, angústias, dúvidas e inquietações.

Compreendê-lo neste mundo, pois é o propósito deste trabalho, e o acesso a este seu mundo vida, ocorreu por intermédio de seu discurso, sua fala. Ou seja, busco compreender a experiência da escolha, sob a perspectiva do jovem que escolhe, isto é mais que explicar, medir definir, analisar, teorizar. Aqui reafirmo minha opção pela trajetória fenomenológica, a qual possibilita o estudo da experiência humana (escolha profissional), na medida em que ela é acessível à consciência percebida e relatada pelo próprio sujeito que a vivencia.

Nesse sentido, essa trajetória diferencia-se da maioria dos estudos realizados nessa área do conhecimento, os quais passo a apresentar no próximo capítulo, e que a meu ver, em sua maioria, não têm dado conta de explicitar e desvendar o fenômeno da escolha profissional.

BIBLIOGRAFIA

Bruns, M.A.T. - Evasão escolar: Causas e Efeitos Psicológicos e Sociais, S.P., Editora Unicamp - Coleção Teses, 1987.

Cadernos de Planejamento - Anuário Estatístico da USP, nov/1988.

Comunicações Científicas em Psicologia - XXI Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, vol.1, ano 1, 1991.

Fini, M.I. e Bruns, M.A.T. - "Trabalho apresentado em forma de seminário aos alunos que cursavam a disciplina Psicologia do Trabalho" - ano de 1986.

Giorgi, A. - A Psicologia como Ciência Humana - Uma Abordagem de Base Fenomenológica, Trad. Riva S. Schwartzman, B.H., Minas Gerais, Interlivros, 1978.

Heidegger, M. - Ser e Tempo - Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti, vol. 1 e 2, Editora Vozes, Petrópolis, R.J., 16ª ed., 1989.

I Congresso Nacional de Psicologia Escolar - Tema: Psicologia Escolar: identidade e perspectivas - Promovido pela ABRAPEE - PUCCAMP - Valinhos, 1991.

Merleau - Ponty, M. - Ciências do Homem e Fenomenologia - Tradução de Salma Tannus Muchail, S.P., Edit. Saraiva, 1973.

Quadro Estatístico dos Graduados pela Unicamp (Período de 1965-1985 - anexo I e II).

CAPÍTULO I

TRAJETÓRIA PRÉ-REFLEXIVA

Apresento, neste capítulo, o contexto de surgimento da Psicologia Vocacional, bem como do serviço de Orientação Educacional, com o propósito de possibilitar ao leitor uma maior transparência de seus significados na escolha profissional.

Ao primeiro contato com a documentação oficial tem-se a impressão de que se trata de uma "revolução pedagógica" e que poderia ter provocado mudanças qualitativas no sistema escolar brasileiro. No entanto, uma análise atenciosa desvenda os verdadeiros objetivos deste serviço no Brasil.

Para maior clareza, faz-se necessário esclarecer o sentido dos termos "orientação vocacional", "orientação profissional" e "orientação educacional", porque há uma tendência acentuada nos discursos oficiais e nas pesquisas realizadas no Brasil, de serem utilizadas essas expressões com os mesmos significados. Isto tem dificultado a compreensão da finalidade do Serviço de Orientação Educacional no Brasil, tão

discutido nos meios escolares e com forte tendência à extinção, se é que já existiu algum dia.

Martins (1978:13-14) explicita esta dúvida através do movimento inicial de orientação nos E.U.A. que foi denominado "Vocational Guidance": a expressão foi utilizada por Parson (1909), cujo significado em inglês, vocational é emprego regular, ocupação e profissão. Em português, o termo "vocaçãõ" tem o significado de descoberta, sondagens exploratórias no campo das ocupações.

A diferença desses significados tem criado confusões porque geralmente se utiliza o termo vocaçãõ ou vocacional com o sentido de profissão.

Segundo o autor, as expressões orientação profissional (destinado à escolha de profissão) e a orientação vocacional (destinado à descoberta de vocações), foram tidas, no Brasil, como equivalentes; ainda segundo ele, o sentido vocacional é mais geral e abarca os processos de escolha profissional, ou seja, a descoberta e a sondagem de aptidões.

Já a expressão orientação educacional está estritamente ligada à instituição escolar e foi empregada pela primeira vez no Brasil em 1942, para designar um serviço auxiliar da escola.

Contexto Histórico

Um acontecimento histórico que contribuiu de maneira decisiva para a criação do serviço de orientação profissional, foi, sem dúvida, a revolução industrial, que teve início no século XVIII nos principais países desenvolvidos da Europa e nos Estados Unidos, e, após algumas décadas, chegou ao Brasil. O desenvolvimento industrial produziu mudanças na infra e na super estrutura da sociedade brasileira, porque provocou uma extensão gradual do uso de máquinas, a multiplicação dos locais de trabalho, a generalização do emprego assalariado e a divisão do trabalho, que, por sua vez, exigiu uma maior especialização técnica, para atender às especificidades de cada setor industrial.

Criou-se assim a necessidade de uma seleção profissional antecipada que permitisse ao empresário uma maior eficácia e um menor risco na utilização de seus recursos humanos.

Este momento resultou também de transplantes de modelos americanos e europeus, principalmente da influência da teoria traço e fator de Frank Parson elaborada em 1909, nos E.U.A que estabeleceu as bases "científicas" da Psicologia Vocacional criando um método de orientação que ofereceu ao

orientador um "manual", o instrumento básico para realizar o seu trabalho - que consistia em baterias de testes de aptidões e desempenho na realização de tarefas. Caberia ao orientador educacional selecionar e encaminhar para treinamento os jovens egressos da escola entregues à "própria sorte" e que pudessem "escolher" adequadamente cursos que lhes possibilitassem engajar de maneira "digna" ao mercado de trabalho.

Neste contexto, o serviço de orientação profissional foi criado - com o objetivo (até hoje) de selecionar e classificar os "melhores futuros operários", que, após serem aprovados nos testes, estariam aptos a iniciar o processo de aprendizagem nas indústrias.

Acredito que esses esclarecimentos se fazem necessários à medida em que possibilitam uma maior transparência de seus significados e a compreensão da trajetória histórica deste serviço no Brasil.

O DISCURSO OFICIAL

Período Inicial : 1924-1941

A trajetória a seguir esclarece que a criação do serviço de orientação chega ao Brasil através do Serviço de Orientação Profissional.

1924: Foi iniciado esse serviço no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, pelo Professor Roberto Mange, engenheiro suíço contratado pelo governo brasileiro, objetivando selecionar e preparar jovens para o curso de mecânica oferecido por este estabelecimento de ensino.

1930: Ainda sob a direção de Roberto Mange, foi criado o serviço de seleção, orientação, preparação e formação de aprendizes matriculados em cursos oferecidos pela Estrada de Ferro Sorocabana.

1931: Foi criado, por Lourenço Filho o primeiro Serviço de Orientação Profissional na cidade de São Paulo e dirigido por Noemy Silveira Rudolfer. Este serviço foi estendido ao Instituto de Educação da

Universidade de São Paulo, no atendimento profissional de jovens estudantes.

1934: Foi criado no Rio de Janeiro, por Aracy Muniz Freire e Maria Junqueira Schmidt - o setor de orientação educacional na escola de comércio Amaro Cavalcanti (da prefeitura do Rio de Janeiro).

1937: Dessa data em diante, a orientação profissional no Brasil, e especificamente no Estado de São Paulo, ficou sob a responsabilidade da própria indústria e/ou SENAI.

1942: é criada a Lei Orgânica do Ensino Industrial, pelo Decreto-Lei nº 4.073/42, em 30/01/42, e, no mesmo ano é criada a Lei Orgânica do Ensino Secundário, pelo Decreto-Lei nº 4.424, de 09/04/42, que regulamenta a orientação, como um serviço auxiliar da escola através dos seguintes artigos:

Art. 80 - Far-se-á, nos estabelecimentos de ensino secundário a Orientação Educacional.

Art. 81 - É função da Orientação Educacional, mediante a necessária observação, cooperar, no

sentido de que cada aluno se encaminhe convenientemente nos estudos e na escolha de sua profissão, ministrando-lhe esclarecimentos e conselhos, sempre em entendimento com sua família.

Art. 82 - Cabe ainda à Orientação Educacional cooperar com os professores no sentido da boa execução, por parte dos alunos, dos trabalhos escolares, buscar imprimir segurança e atividade aos trabalhos complementares e velar para que o estudo, a recreação e o descanso dos alunos, decorram em condições de maior conveniência pedagógica.

1957 - 1962 - CADES - Sua Importância para a Orientação Educacional

Através da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário - CADES (órgão Filiado à Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura), realizaram-se, neste período, cursos, simpósios e seminários por várias partes do país, incentivando a criação e a implantação do serviço de Orientação Educacional nas unidades escolares

Esse movimento mobilizou a comunidade civil e representantes do governo que, sensibilizados, elaboraram a Lei nº 5.564/68, que estabeleceu as finalidades do serviço de Orientação Educacional.

Década de 1960 - Momentos Significativos para a Orientação Educacional

1961 - Aprovada pelo Congresso Nacional, a lei nº 4.024/61 (LDB), que em seu artigo 63/64, assegura o exercício da profissão de orientador educacional.

1968 - Aprovada a Lei nº 5.540/68 - Reestruturou a Universidade Brasileira e estabeleceu as normas para o funcionamento dos cursos de Licenciatura com seu leque de habilitações.

1968 - A Lei nº 5.564/68, estabelece: "A orientação educacional destina a assistir o educando individualmente ou em grupo, no âmbito das escolas e sistemas escolares de nível médio e primário, visando ao desenvolvimento integral e harmonioso de

sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência das opções básicas".

Década de 1970 - Momentos Significativos para a Orientação Educacional

1971 - Aprovada a Lei nº 5.692/71 (LDB), que através de seu artigo 10 diz que "Será instituída, obrigatoriamente a Orientação Educacional, incluindo aconselhamento vocacional, em cooperação com professores, família e comunidade" em todas as unidades escolares.

1973 - Decreto nº 72.846 - Legalizou o exercício da profissão de orientador educacional que foi prevista na Lei nº 5.564/68, com o seguinte texto:

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 81, item III, da constituição, decreta:

Art. 1º - Constitui o objeto da Orientação Educacional a assistência ao educando, individualmente ou em grupo, no âmbito do ensino de 1º e 2º graus, visando o desenvolvimento integral e harmonioso de sua personalidade, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação e preparando-o para o exercício das opções básicas.

Art. 2º - O exercício da profissão de Orientador Educacional é privativo:

I - dos licenciados em Pedagogia, habilitados em Orientação Educacional, possuidores de diplomas expedidos por estabelecimentos de ensino superior oficiais ou reconhecidos.

II - dos portadores de diplomas ou certificados de Orientador Educacional obtidos em cursos de pós-graduação, ministrados por estabelecimentos oficiais ou reconhecidos, devidamente credenciados pelo Conselho Federal de Educação.

III - dos diplomados em Orientação Educacional por escolas estrangeiras, cujos títulos sejam revalidados na forma da legislação em vigor.

Art. 3º - É assegurado ainda o direito de exercer a profissão de Orientador Educacional:

I - aos formandos que tenham ingressado no curso antes da vigência da Lei nº 5.692/71 na forma do artigo 64 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, até a 4ª série do ensino de 1º grau.

Art. 4º - Os profissionais, de que tratam os artigos anteriores, somente poderão exercer a profissão após satisfazerem os seguintes requisitos:

I - Registro dos diplomas ou certificados no Ministério de Educação e Cultura.

II - Registro profissional no órgão competente do MEC.

Art. 5º - A profissão de Orientador Educacional, observadas as condições previstas neste regulamento, se exerce, na órbita pública ou privada, por meio de

planejamento, coordenação, supervisão, execução, aconselhamento e acompanhamento relativo às atividades de Orientação Educacional, bem como por meio de estudos, pesquisas, análises, pareceres compreendidos no seu campo profissional.

Art. 6º - Os documentos referentes ao campo de ação profissional de que trata o artigo anterior só terão validade quando assinados por Orientador Educacional, devidamente registrado na forma desse regulamento.

Art. 7º - É obrigatória a citação do número do registro do Orientador Educacional em todos os documentos que levem sua assinatura.

Art. 8º - São atribuições privativas do Orientador Educacional:

a) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional em nível de:

1 - Escola

2 - Comunidade

b) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional dos órgãos de Serviço Federal, Estadual, Municipal e Autárquico, das Sociedades de Economia Mista, Empresas Estatais, Paraestatais e Privadas;

c) Coordenar a orientação vocacional do educando, incorporando-o ao processo educativo global;

d) Coordenar o processo de sondagem de interesses, aptidões e habilidades do educando;

e) Coordenar o processo de informação educacional e profissional com vistas à orientação vocacional;

f) Sistematizar o processo de acompanhamento dos alunos, encaminhando a outros especialistas aqueles que exigirem assistência especial;

h) Coordenar o acompanhamento pós-escolar;

i) Ministras disciplinas de Teoria e Prática da Orientação Educacional, satisfeitas as exigências da legislação específica do ensino;

j) Supervisionar estágios na área da Orientação Educacional;

l) Emitir pareceres sobre matéria concernente à Orientação Educacional.

Art. 9º - Compete, ainda, ao Orientador Educacional as seguintes atribuições:

a) Participar no processo de identificação das características básicas da comunidade;

b) Participar no processo de caracterização da clientela escolar;

c) Participar no processo de elaboração do currículo pleno da escola;

d) Participar na composição, caracterização e acompanhamento de turmas e grupos;

e) Participar do processo de avaliação e recuperação dos alunos;

f) Participar do processo de encaminhamento e acompanhamento dos alunos estagiários;

g) Participar no processo de integração escola-família-comunidade;

h) Realizar estudos e pesquisas na área da Orientação Educacional.

Art. 10º - No preenchimento de cargos públicos, para os quais se faz mister qualificação de Orientador Educacional, requer-se como condição essencial, que os candidatos hajam satisfeito, previamente, as exigências da Lei nº 5.564 de 21 de dezembro de 1968, e deste regulamento.

Art. 11º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 26 de setembro de 1973, 152º da Independência e 85º da República"

1982 - A Lei 7.044 estabelece o fim à obrigatoriedade do ensino profissionalizante.

Já se pode perceber, com relativa clareza, a coerência ideológica que permeia os discursos, desde a criação legal (1942) do Serviço de Orientação Educacional, até a Lei de Diretrizes e Bases, 5.692 de 1971, que consagrou a obrigatoriedade da orientação educacional nas escolas públicas brasileiras.

Essa coerência é evidenciada ora através da finalidade e/ou objetivo do Serviço de Orientação, ora pela orientação filosófica que embasa os princípios da orientação, presentes na bibliografia utilizada nos cursos de licenciatura em Pedagogia, responsáveis pela habilitação específica em Orientação Educacional, analisada no próximo item desse capítulo.

As suas atribuições vão desde "guiar convenientemente o jovem nos seus estudos", a "conduzi-lo" a uma "escolha" correta de seu "lugar social pela profissão", em comum acordo com sua família, visando ao desenvolvimento integral de sua personalidade, para que se torne livre e capaz de realizar escolhas profissionais "corretas".

Nesse sentido, este discurso veicula a idéia de sociedade harmônica e ideal, cabendo ao serviço de orientação "ajustar", através de conselhos, os jovens que porventura agridam a ordem vigente, seja por um "desvio de comportamento", ou seja pelo possível "desajuste" ao emprego.

Ocultavam-se dessa maneira as contradições inerentes ao próprio contexto histórico além de atribuir ao orientador o papel de "descobrir" que curso o jovem precisava fazer para atender suas tendências e/ou aptidões, percebe-se que enfatizam o enfoque psicologista, que, apesar de insuficiente, tem sido utilizado para resolver os problemas de escolha profissional.

Esse enfoque coloca o ser como determinado biologicamente ou socialmente e não possibilita e nem lhe suscita a liberdade de intervenção, de repensar, realizar o seu próprio projeto de vida.

Outro aspecto que precisa ser explicitado no discurso da Lei nº 5.692/71 refere-se à obrigatoriedade do Serviço de Orientação Educacional em todos os estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus. Aparentemente foi um avanço em relação a Lei nº 4.024/61. Nesse sentido, criaram-se expectativas para

o mercado de trabalho dos orientadores, uma vez que poucas escolas contavam com a presença desse profissional.

Entretanto, após 20 anos de sua criação, nossas escolas públicas continuam não só sem a prestação deste trabalho, o que pode ser comprovado através do estudo realizado por Galvão (1980:8-9), em que os dados revelaram que: das 541 escolas estaduais da Grande São Paulo, somente 51 tinham orientador educacional; das 278 escolas municipais, 95 contavam com este serviço; e das 278 escolas particulares, 130 ofereciam o serviço do profissional, como também não conseguiram atender à solicitação de vagas para os ingressantes na 1ª série do 1º grau. A iniciação para o trabalho no 1º grau e a criação de cursos profissionalizantes no 2º grau continuam como representações falseadas da nossa realidade.

Mais uma entre tantas vezes, nossos legisladores não possibilitaram ao jovem um viver autêntico, um viver sem ameaças. Precisa-se de um mínimo de coerência entre o discurso legal e sua prática, isto é, que revele respeito ao ser que está se desvendando.

Sou testemunha desse momento da criação de mais de cem cursos profissionalizantes de 2º grau. Sem nenhuma infra-estrutura física e/ou humana, forjaram esses cursos uma "fábrica de

ilusões" e os jovens embarcaram com seus projetos de vida para serem guias turísticos, numa escola em que não havia nem mapas geográficos, técnicos de enfermagem, quando a escola não contava nem com profissionais habilitados na área de ciências biológicas. "Laboratórios", "Bibliotecas", eram expressões contidas em algum dicionário engavetado. Romanelli (1988), Freitag (1986), realizaram pesquisas que muito contribuíram para o desvendamento das incoerências geradas pela reforma do ensino de 1º e 2º graus prevista na LDB nº 5.692/71.

Outra consequência dessas arbitrariedades oficializadas diz respeito aos efeitos psicológicos e sociais vivenciados pelos jovens que acreditaram que estavam realizando escolhas profissionais, uma vez que o próprio sistema escolar legalizava a criação de mais de cem cursos técnicos. Passados alguns meses de aula, defrontaram-se com as reais condições de infra-estrutura das unidades escolares e experienciaram que a habilitação profissional prevista no discurso oficial era um engodo que constava apenas na "grade curricular". Quem se responsabilizou por esses estragos? Quantos refizeram seus projetos de vida, seus sonhos e fantasias?

Essas ações do Estado geram um clima de tensão social, causando ansiedade e dúvida, e revelaram também um total

desrespeito à pessoa do jovem que se defronta com uma escola que não dispõe de nenhuma condição para auxiliar sua formação. Mas há um exemplo que ilustra muito bem esse discurso: - em 1988 eu lecionava no curso de licenciatura em História da PUCCAMP e realizei um levantamento com os alunos sobre as suas habilitações obtidas no 2º grau.

Solicitei a eles que trouxessem seus históricos escolares para averiguação das habilitações. A maioria deles ficou surpresa ao constatar que eram legalmente técnicos em enfermagem, turismo ou secretariado.

Em 1982, essa situação se tornou insustentável ao ponto de levar os legisladores a elaborar a Lei nº 7.044/82, que estabeleceu o fim à obrigatoriedade do ensino profissionalizante.

Como vemos, foram necessários dez anos para que esse mundo de "faz de conta" fosse percebido e nele colocasse a pá de cal da legislação.

O DISCURSO DAS PESQUISAS

Apresento nesse momento o discurso de alguns autores na intenção de explicitar as tendências filosóficas, ideológicas que essas pesquisas veiculam, sobre escolha profissional nas quais o Serviço de Orientação Educacional tem-se apoiado.

Para Pimentel e Sigrist (1976:17) - a orientação educacional apresenta um sentido amplo que se propõe a "levar o adolescente a opções conscientes, baseadas no conhecimento racional dos fatos e situações bem como na avaliação objetiva de seu próprio potencial, num processo de conscientização versus manipulação social, caminhando gradativamente para a maturidade individual e social".

Observa-se que para as autoras é o "conduzir", o "guiar", o conhecimento "racional dos fatos", o "amadurecimento" que levam o adolescente a escolher conscientemente. Fica aqui, entretanto, uma pergunta importante: de que maneira, ou com que critérios um jovem pode escolher conscientemente, dentro de uma situação em que é conduzido e/ou manipulado?

Na visão de Schmidt e de Pereira (1975:71) a "orientação educacional no seu sentido restrito, é um método pelo qual o

orientador educacional ajuda o aluno a tomar consciência de seus valores e dificuldades, concretizando, principalmente através do estudo sua realização em todas as suas estruturas e em todos os planos da vida: escolar, familiar, social e espiritual".

A preocupação do autor recai também no ajustamento do educando ao meio, fator que determinará o sucesso da escolha profissional.

Essa concordância se faz presente também nos discursos dos especialistas Miguel (1973:12) e Jones (1977:11), para os quais, segundo a síntese elaborada por Nérice (1976:23) a "Orientação Educacional é o trabalho conjugado de todos os membros de uma escola, coordenados por um orientador, junto ao educando, a fim de levá-lo a realizar da melhor forma possível e sob todos os aspectos, com base na sua realidade bio-psicossocial, tendo em vista integrá-lo na sociedade, com base em uma atividade profissional, para torná-lo um cidadão consciente, eficiente e responsável" - e por que não feliz!?

É importante salientar que para esses autores o Serviço de Orientação Educacional, além de propiciar um amadurecimento pessoal do educando, facilita-lhe a descoberta de si mesmo - condições básicas para realizar uma escolha profissional

correta. Nessa perspectiva, esses autores apresentam a orientação como um poder salvador, meio "messiânico", capaz de resolver todos os problemas educacionais, sociais e profissionais experienciados pelos jovens.

Esse discurso tenta ainda dissimular também as contradições inerentes às classes antagônicas, que sob a aparência de neutralidade e objetividade reforçam os princípios do liberalismo, do individualismo tão arraigado em nossa sociedade e denunciado pelos estudiosos: Cunha (1975), Patto (1987), Libâneo (1986), Maia e Garcia (1985) e Teixeira (1979).

Desse modo é um discurso ideológico, tanto quanto o discurso dos legisladores (oficial), porque ambos discorrem sobre o aparecer, isto é, sobre "as representações ilusórias, nas quais os fenômenos manifestos ocultam as estruturas latentes" (Patto, 1987:85), e por não discorrerem sobre o ser reforçam, em nome do discurso científico, a ideologia das aptidões naturais, que visam adaptar o jovem ao mercado de trabalho em função de sua capacidade inata e do esforço pessoal.

Essa preocupação com a neutralidade e objetividade do Serviço de Orientação Educacional revela também uma postura que está fundamentada no modelo positivista de ciência, que defende a

necessidade de medir, comparar, tentar prever e de controlar objetivamente o comportamento humano.

É nesse modelo que esses estudiosos se inspiraram e realizaram suas pesquisas que visavam adaptar o indivíduo à sociedade, fosse preparando-o para o mercado de trabalho, fosse adaptando-o ao universo educacional, social e/ou cultural.

A orientação educacional é vista por esses autores como um recurso, um instrumento a que pode a escola recorrer para "auxiliar", "dar conselhos", "integrar" as "personalidades desajustadas" ao sistema. Tentam assim integrar os vários segmentos da ação educativa através do orientador educacional, esquecendo que ela representa apenas mais um elemento dessa dividida ação.

Nesse sentido esses autores deixaram de lado questões fundamentais, essenciais à compreensão do SER, do ser enquanto projeto humano, que se "lança para frente", em busca da verdade de si mesmo, portanto dos outros, das coisas, enfim do mundo, ou seja como Bicudo (1978:2) se expressa do "ser que se atualiza no seu processo de tornar-se, de vir a se realizar plenamente".

Buscaram também, nos enfoques teóricos importados dos E. U. A. e da Europa, a sustentação para suas pesquisas, e, nesse aspecto, faz-se necessário citar a influência da teoria Traço e Fator de Frank Parson (1909) que, elaborada nos E.U.A., estabeleceu as bases científicas da Psicologia Vocacional que vem servindo de modelo desde o início deste século até nossos dias.

Ao veicular que as aptidões eram inatas e os instrumentos precisos (os testes) para identificá-las, o serviço profissional "seleccionava" o jovem excedente dos cursos universitários, dissimulando dessa maneira "científica" a divisão de classe social e o caráter científico seletivo do nosso sistema educacional. Encobria também o exército de excedentes de mão-de-obra, ou seja, um excesso de "homens livres", cuja única mercadoria que possuíam para vender era a própria força de trabalho à classe empresarial, que assim ampliava seus rendimentos e lucros.

Num outro sentido, essas pesquisas, ao objetivarem o "ajustamento" do jovem, perdem de vista que, no processo de nosso existir, as situações estão se modificando conforme as circunstâncias e o momento histórico vivido pelo sujeito, passando de um significado para outro. Por ser anacrônico, esse discurso perde de vista o movimento do existir humano,

como também não mostra a menor preocupação em explicitar a concepção do SER, cuja característica é ser humano, portanto capaz de pensar e decidir sobre sua própria existência. E graças a este movimento outras pesquisas foram realizadas visando explicitar o caráter determinista e psicologista das principais teorias utilizadas pela Psicologia Vocacional.

Nessa perspectiva, Zaslavsky (1979) realizou um estudo teórico crítico sobre o desenvolvimento dos conceitos utilizados pelos teóricos responsáveis pela elaboração das quatro principais teorias que a Psicologia vocacional vem utilizando, e que são, segundo Crites (1969) - Teoria Traço e Fator de Frank Parson (1909), Teoria Psicodinâmica representada pelos teóricos Roe, A. (1956), Holland (1960) e Bohoslavsky (1971) no Brasil - Teoria Desenvolvimentalista e/ou Evolutiva de Ginzberg (1951), Fiedman e O'Hara (1963), Super e Pelletier (1970), Teorias de Decisão - Gelatt (1962); Hilton (1962); Hershenson e Roth (1966). Após um exaustivo estudo desses teóricos, a autora concluiu que, apesar de se diferenciarem sob vários aspectos na explicação da escolha profissional, todas essas teorias evidenciam a insuficiência do modelo positivista adotado pela Psicologia Vocacional.

Ainda em concordância com esse enfoque, Garrido (1986:124) apresenta na primeira parte de seu estudo sobre o papel da

decisão na orientação vocacional, os limites do psicologismo, veiculado pelas teorias psicológicas que cria "no indivíduo a impressão de que é ele quem decide, com isso facilita o ajustamento dele à estrutura ocupacional. Imbuído de uma "certeza" de que escolheu (a partir daquilo que era possível) o indivíduo tem maiores chances de vir a ser mais produtivo. Isto é, contribuir para o aumento da mais-valia de classe dominante, que é a que detém o controle da produção".

Neste contexto a orientação não permite ao sujeito a liberdade de decidir, já que a liberdade de decidir é da classe dominante.

Num segundo momento da análise, Garrido busca na fenomenologia existencial a possibilidade de colocar o homem como sujeito da decisão, mas depara com os limites desta abordagem em que segundo suas interpretações a fenomenologia não resolve o problema da decisão pois, "não possibilita trabalhar as contradições advindas do ser, porque tem como base uma concepção arbitrária, aleatória do homem - uma metafísica do indivíduo, do sujeito, da pessoa, como se o indivíduo existisse em si e por si. Assim, ela não permite que trabalhe as contradições advindas do ser - como - encarnado - no mundo" (Garrido, 1986:61).

Para ela (idem, ibid. p.61), os problemas da decisão, não resolvidos pelo "psicologismo", acabaram por gerar um "filosofismo", já que a "orientação vocacional vai à filosofia buscar soluções para o problema da decisão e lá fica".

Revelando com esses argumentos a insuficiência do "psicologismo" e do "filosofismo" a autora "atribui ao contexto sócio-econômico, como condição de possibilidade para a explicação do significado real da orientação vocacional" (Garrido,1986:124), e analisa dialeticamente a liberdade de decisão no contexto da educação brasileira no período de 1942 a 1978 em confronto com a legislação, pressupostos teóricos e a prática da orientação vocacional.

Quando Garrido se refere à fenomenologia, seu discurso me parece pouco esclarecedor e até certo ponto tendencioso, e em oposição a esta postura, os fenomenólogos Martins e Bicudo (1983:41), afirmam que a "fenomenologia existencial está convicta de que o modo do homem-ser-do-mundo, de existir aí, é um modo de absoluta liberdade".

O homem existe numa situação de ambigüidade, isto é, ele é livre mas, é também circunstancial, ou seja, é um ser histórico, inserido num determinado tempo e espaço de uma

cultura, e é dentro dos limites da circunstancialidade que ele tem possibilidade de escolher.

Parece-me ainda que, apesar de Garrido analisar dialeticamente "a liberdade de decisão do indivíduo", está preocupada em analisar a decisão e não em compreender o SER que decide, desse modo ao mesmo tempo que o "indivíduo" é auxiliado pela classe social é também escravizado por ela.

Nesse sentido essa é uma visão determinista e fechada, que não permite ao humano uma existência autêntica.

Ferretti (1988) é mais um autor que constatou o caráter ideológico veiculado pelas teorias psicológicas através do "psicologismo", e que se faz presente no dia-a-dia da orientação profissional.

Objetivando propiciar ao indivíduo uma maneira de minimizar a responsabilidade por sua escolha profissional, Ferretti elaborou uma proposta de orientação profissional que ofereceria melhores e mais completas informações sobre as profissões, bem como corrigiria as distorções históricas de algumas, e criaria expectativas realistas em relação a outras.

Essa informação estimularia a reflexão crítica sobre as relações de trabalho, evidenciando as contradições e ambigüidades inerentes a cada profissão.

Neste contexto a escolha profissional deixaria de ser apenas "uma aparente questão individual" (Ferretti,1988:107), já que está inserida num complexo conjunto de relações econômicas, sociais, políticas e culturais, que condicionam as relações de trabalho e conseqüentemente as escolhas profissionais.

Esses discursos possibilitaram-me compreender que, ora os autores enfatizaram o papel do "psicologismo" para explicar a escolha profissional - perspectiva essa individual e psicológica, - ora a escolha é explicada como um processo condicionado às relações de produção - perspectiva dialética, histórica e dinâmica.

Nesse sentido esses autores se preocuparam em explicar a escolha profissional, o que não significa compreender o fenômeno escolha profissional: "sempre que se interpreta a história a partir da categoria do objeto, através, por exemplo, de leis econômicas, a subjetividade humana é abandonada e o homem é desfigurado" (Boernhein,1991:201).

Nessa perspectiva, esses discursos não têm dado conta de desvendar ao jovem a possibilidade de decidir sobre o seu projeto de vida, de correr riscos e de assumir responsabilidades pelos seus atos.

Não considera também esse modelo que a realidade só pode ser percebida e experienciada pelo sujeito como um todo, como um SER que não é apenas pensante, mas capaz de criar, projetar e de sentir-se responsável e livre para as possibilidades de escolha e de refazer, de retomar escolhas já feitas na trajetória do existir.

Existir é tornar-se consciente de si mesmo, é chegar às escolhas admitindo que elas envolvem a razão, as emoções, a imaginação, enfim o SER como um todo.

Não se trata aqui de negar o valor dos estudos realizados sobre escolha profissional. O que quero explicitar é que tanto o discurso oficial, quanto o discurso da maioria das obras até aqui analisadas, atribuem à orientação educacional um caráter prescritivo, impessoal, perene e acrítico, e subjacente a este modo de ser da orientação educacional, encontra-se uma visão funcionalista, utilitarista, determinista do homem, própria da Filosofia Liberal.

Sob essa ótica, esses discursos se ativeram em explicar e estudar as causas da escolha profissional, o que não significa penetrar no fenômeno escolha profissional.

Preocuparam-se em obter informações, explicações sobre a escolha, mas o que interessa-me, não é saber o que o sujeito escolhe, e sim compreender a própria experiência de escolher.

Esse modo de ser da orientação educacional por não ver o SER enquanto horizonte de possibilidades, como um projeto humano que "se lança pra frente" em busca de uma existência autêntica, tem deixado de questionar a dimensão ontológica do "SER-Aí" e do "ser-no-mundo-com-outros".

Superando esta visão mecanicista deste modo de ser da orientação educacional, encontra-se o discurso de Bicudo (1978:2) que apresenta uma nova maneira de compreender, conceber e de realizar a orientação educacional; compreende-a enquanto horizonte de possibilidades do "SER que se atualiza no seu processo de tornar-se", do ser que busca a compreensão de si mesmo; nesse sentido a autora concebe a orientação educacional como um recurso, uma possibilidade que a unidade escolar deve ter para auxiliar o educando, cuja praxis é permitir ao ser o seu desvelamento que inicia-se no momento em que é lançado ao mundo e só termina com a morte.

Esse modo de ser da orientação educacional, segundo a autora, permitiria "analisar os diferentes acontecimentos que ocorrerem no meio escolar e que influenciam o processo educativo ali desenvolvido" (pg.107), e, portanto, Bicudo percebe o dinamismo do "meio escolar" e justifica o papel do orientador como um ser que busca desvelar os mais variados significados atribuídos não só pelos jovens estudantes, mas de todos os seres envolvidos na difícil tarefa de educar.

A autora evidencia assim, o aspecto existencial do fazer educativo que envolve a relação professor-aluno-ensino-aprendizagem, que acontece na escola numa dimensão dialética, intencionando à compreensão do ser que se atualiza à medida que se conscientiza do significado de sua própria existência.

Dessa maneira a ação educativa contribuiria para uma existência mais humana e autêntica, a qual, conjuntamente com outros aspectos, como por exemplo os político e filosófico, criaria no homem um estado de abertura para o mundo, que lhe possibilitaria a realização de escolhas autênticas.

Sob essa perspectiva filosófica, que percebe o homem como um SER comprometido com a construção de seu destino, como um ser num estado de solicitude, Siqueira (1984), realizou um estudo

intencionando o des-velar dos fundamentos que sustentam a prática da orientação educacional, utilizando-se para esse propósito das seguintes formas de manifestação da orientação educacional:

- o discurso da legislação, que cria um tal lugar para a orientação;

- o discurso da literatura, isto é, o discurso daqueles que falam sobre a orientação;

- e o discurso do currículo dos cursos de formação profissional do orientador educacional.

Partindo da interrogação o que é isto, a orientação educacional, a autora realizou uma análise hermenêutica, buscando a recuperação da orientação educacional. Desse modo, Siqueira buscou tornar visível o sentido oculto da orientação, isto é, a sua essência e compreensão.

Assim, através do olhar atento para a Orientação Educacional, Siqueira (pg.141) emergiu os seguintes pontos de convergência:

- "o caráter prescritivo, e, portanto, determinista da legislação sobre OE, anunciando o caráter ideológico que permeia o texto legal e que por sua vez normatizou a prática da Orientação Educacional. Prática comprometida com uma determinada formação econômica e sustentada pela Filosofia Liberal, cujo interesse é a legitimação, a manutenção e reprodução da estrutura do poder vigente;

- o comprometimento da literatura especializada com pressupostos teóricos pragmático-funcionalistas, de origem norte-americana, em sua maioria apoiada num referencial basicamente psicológico, aparentemente neutro, veiculando uma visão de neutralidade de Educação e dos fragmentos que a compõem. Também vinculada aos princípios da Filosofia Liberal;

- Quanto ao currículo, reproduz as intenções da legislação vigente, uma vez que por ela determinado e coerente com o modo de ser da escola numa sociedade estruturada com base no sistema capitalista. Não vai além de um elenco de disciplinas organizadas funcionalmente e, supostamente, com intenções de integração".

Siqueira (pg.142) observou ainda "que as intenções que permeiam os discursos legais, são articulados pelos discursos

formalizados sobre OE, manifestados de forma obscura e velada cujo sentido primeiro é, deliberadamente, o ocultamento da OE e a prática conservadora, comprometida com o interesse de grupos minoritários e hegemônicos".

Essas convergências evidenciam um modo de ser inautêntico da orientação educacional, e partindo do pensamento de Heidegger, Siqueira tenta restituir uma dimensão ontológica para a Orientação Educacional, esclarecendo que a tarefa da OE deveria ser a de repensar a prática educacional, portanto, a si mesma, no sentido de colocar-se a serviço da promoção do homem como "ser-no-mundo", preocupado consigo mesmo e com os outros, na busca de um compromisso para uma existência autêntica, ou seja de um SER comprometido com sua própria construção.

Desse modo o discurso de Bicudo e o de Siqueira representam novos horizontes e possibilidades, um avanço na literatura especializada em Orientação Educacional, a qual por conceber o homem como um Ser que "eclode" no mundo, que se "lança para frente", um projeto que se constrói ao longo de seu tempo vivido, aponta uma nova praxis para a orientação educacional. Uma praxis intencionalmente dirigida ao des-velar do "ser-aí" e concomitantemente do "Ser-com-os-outros".

Esta visão de homem que "eclode" no mundo, deste ser que toma consciência de que não é um ser separado do mundo, está fundamentada no referencial filosófico de Heidegger.

Desse modo os discursos de Bicudo e Siqueira diferem dos demais discursos já analisados por mim neste trabalho.

Assim, tendo já percorrido nessa trajetória pré-reflexiva os caminhos do discurso oficial, o discurso das pesquisas, o que me pareceram relevantes na medida em que não foram esclarecedores do fenômeno escolha profissional, retomo aqui minha interrogação inicial: O que é isto, a escolha profissional? questão esta que me provoca a vontade de continuar este estudo, já que o caminho percorrido até agora não me desvelou a essência do fenômeno escolha profissional. É preciso ir mais longe... minhas inquietações, dúvidas e incertezas ainda persistem.

Minha intenção, através desta pergunta é mergulhar no fenômeno (aquilo que se manifesta em si mesmo, aquilo que se mostra à experiência) com vista à compreensão existencial do SER que experienciou a escolha pelo curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - USP - Campus de Ribeirão Preto. Nesse contexto busquei o referencial filosófico de Heidegger, para quem o homem está aberto a possibilidade de

construir ele próprio o seu projeto de existência, que inclui o poder de fazer contínuas escolhas, bem como de assumir responsabilidades pelos riscos para fundamentar esta interrogação que passo a desvelar no capítulo seguinte.

BIBLIOGRAFIA

- Bicudo, M.A.V.; - Fundamentos de Orientação Educacional -, S.P., Edit. Saraiva, 1978.
- Boernhein, G. - O existencialismo de Sartre, In: Curso de Filosofia, org. Antonio Rezende, 4ª edição, S. P., editora Zahar, 1991.
- Bohoslavsky, R. - Orientação Vocacional: a estratégia clínica - Trad. José Maria Valeye Bojart - Edit. Martins Fontes, S.P., 1977.
- Cadernos de orientação Educacional nº 12, 13, 23 e 24, Brasília - CADES/MEC, 1960-62.
- Crites, J.O. - Psicologia Vocacional - Buenos aires, Argentina, Editora Paidós, 1969.
- Cunha, L.A.R. da - Educação e Desenvolvimento no Brasil, R. J., Francisco Alves, 1975.
- Ferretti, C.J. - Uma Nova Proposta de Orientação Profissional, S.P., Cortez, 1988.
- Freitag, B. - Escola, Estado e Sociedade - São Paulo, Editora Moraes, 1986.
- Galvão, M.M.T.O. - Diagnóstico e Avaliação da Função do Orientador Educacional nas Escolas Paulistas - S.P. - tese de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1980.
- Garrido, S.P. - Orientação Vocacional e Decisão - Estudo crítico da situação no Brasil, S.P., edições Loyola, 1986.
- Jones, A.J. - Princípios de Orientação Educacional, R. J., editora Florence Universitárias - 1977.
- Libâneo, J.C. - Democratização da Escola Pública, S.P., editora Atlas, 1986.
- Maia, E.M.; Garcia, R.L. - Uma Orientação Educacional Nova para uma Nova Escola, S.P., editora Loyola, 1985.
- Martins, C.R. - Psicologia do Comportamento Vocacional, S.P., Editora E.P.U., 1978.

- Martins, J.; Bicudo, M. A. U. - Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação, S. P., editora Moraes, 1983.
- Miguel, V.B. - Introdução à Orientação Educacional - Edições Loyola - 1973.
- Nérici, I.G. - Introdução à Orientação Educacional, S.P., editora Atlas - 1976.
- Parson, F. - Choosing a Vocation - Boston, Houghton Mifflin, 1909.
- Patto, M.H.S. - Psicologia e Ideologia, S.P., T. A. Queiroz, 1987.
- Pelletier, D.; Noiseux G.; Bujold, Ch. - Desenvolvimento Vocacional e Crescimento Pessoal: Enfoque Operatório - Trad. Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, Edit. Vozes, R.J., 1977.
- Pimentel, M.G.; Sigrist, A.G. - Orientação Educacional, R. J. 1976, editora Agir
- Romanelli, D. de O. - História da Educação no Brasil, 10ª edição, Petrópolis, editora Vozes, 1988.
- Rozestraten, A.I.S. - Representações Profissionais-Observações de alguns Descritores - Tese de Doutorado - Instituto de Psicologia - U.S.P., S.P., 1987.
- Schmidt, M.J.; Pereira, M.L.S. - Orientação Educacional, R. J., editora Agir, 1971.
- Super, D.E. - Psicologia de los Interesses y las Vocaciones - Buenos Aires, Editorial Kapelusz; S.A., 1967.
- Super, D.E.; Jr, Bohn; J. Martin - Psicologia Ocupacional - Trad. Esdras do Nascimento e Jair Ferreira dos Santos - S.P., Ed. Atlas, 1972.
- Teixeira, R.A. - Para uma Análise Crítica da Orientação Educacional. Subsídios para compreensão e definição de sua prática no Brasil - R. J. - Tese de Mestrado, Fundação Getúlio Vargas, 1979.
- Zaslavsky, I. - Evolução dos conceitos em Orientação Vocacional - De uma Visão Estática a uma Visão Dinâmica -

tese de Mestrado - Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) - Fundação Getúlio Vargas, R. J., 1979.

Legislação do Ensino

- Decreto-Lei nº 8.621, de 10 de janeiro de 1946, cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).
- Decreto-Lei nº 8.622, de 10 de janeiro de 1946, obriga os estabelecimentos comerciais a empregar menores aprendizes.
- Decreto-Lei nº 72.846/68, legalizou o exercício da profissão de Orientador Educacional.
- Lei nº 4.024, de 20/12/61, que fixa diretrizes e bases da Educação Nacional.
- Lei nº 5.540/68, de 28/11/68, fixa as normas de organização e funcionamento do ensino superior.
- Lei nº 5.564/68, fixa normas da profissão de Orientador Educacional, em Introdução à Orientação Educacional - Imídeo G. Nérici, São Paulo, Ed. Atlas, 1980.
- Lei nº 5.692 de 11/08/71, que fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus.
- Lei nº 7.044/82 de 1982, estabelece o fim à obrigatoriedade do ensino profissionalizante.
- Brasil, Leis, decretos, etc. Habilitações profissionais no Ensino do 2º grau - Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, Brasília, 1972.

CAPÍTULO II

O SER E A ESCOLHA

Movida pelo desejo de interrogar o SER que experiencia a escolha profissional, busquei nas idéias de Heidegger o referencial teórico que me possibilitasse iluminar uma trilha que desembocaria na compreensão do SER.

Heidegger (1968) parte da facticidade do ser, isto é, da análise do "ser-aí" do "ser-no-mundo" - o Dasein (expressão alemã que significa "ser aí" e que foi definida por ele como existência). Segundo Heidegger, somente o homem vivo e concreto poderá ser chamado Dasein, porque, onde quer que esteja o SER experienciando, seu existir haverá no mundo, a própria experiência humana é estar no mundo.

Nesse sentido, ser é "ecloDIR", é "ser lançado adiante" no mundo; assim o "ser aí" não é uma consciência separada do mundo, Ser e mundo constituem uma totalidade.

Ao ser lançado ao mundo, o humano defronta-se com um mundo já construído, representado por uma língua, costumes, religião, organização político-econômica e cultural; depara-se,

portanto, com um meio humanizado, que, apesar de não ter sido criado por ele, tem sua existência submetida às suas condições.

Desse modo, o humano é um ser situado e sua história é o "registro" da relação consigo mesmo, com seus semelhantes e com o mundo, dentro de um determinado espaço de tempo em um certo momento histórico, e é isso que se chama historicidade.

Num primeiro momento, ao constatar a facticidade humana, tem-se a impressão de que o homem é um ser determinado, e que sua história é mera repetição e reprodução de fatos e atos passados, visão essa fechada e anacrônica. Entretanto, dirigindo um olhar mais atento ao redor, percebe-se que quem faz a história é o homem, o qual está em constante conquista de si mesmo e de sua situacionalidade, seja transformando as novas possibilidades do ser, legadas pelos modos de ser das gerações anteriores, seja criando outros que serão legados às futuras gerações. Exemplo interessante é o da informática: será que as próximas gerações conseguiriam viver sem as descobertas da informática?

"A história é feita pela compreensão que temos do ser, que através de seu desvelamento nos torna

homens e nos permite ser históricos." (Beaini-1981:35)

Sob essa perspectiva é que a facticidade é vista por mim, ou seja, o lugar onde o ser, através dos mais variados modos de linguagem adquire e atribui um significado à sua existência, que permite não só marcar sua originalidade entre os animais, mas também o registro do seu modo próprio de ser-no-mundo.

Todavia, ao se tornar consciente de que tem sua existência submetida aos limites criados pela facticidade, descobre-se sendo também um SER de possibilidades, isto é, um SER que transcende, que decide, que escolhe, enfim um ser engajado numa ação. O SER-Aí é sempre a sua possibilidade.

Possibilidade de vir a ser livre, de tornar-se um ser autêntico, de vir a compreender-se a si próprio e à sua própria condição de ser-no-mundo.

Dessa maneira, o ser-no-mundo existe numa situação de ambigüidade, pois ao mesmo tempo que é livre, que transcende o aqui e agora (o presente), elabora projetos e se compreende como um ser adiante (o futuro); experiencia ainda o sentimento de já ter vivido (o passado) e está também limitado à sua facticidade. Ao tomar consciência de sua temporalidade, de

que não é um ser acabado e pronto, o SER se angustia e a angústia leva-o a experienciar o nada. O nada é sentido pela impossibilidade de perceber e de atribuir sentido e significado ao próprio modo de vida. Na angústia, o SER sente-se como um "estranho no ninho", desabrigado, perdido e só, e paradoxalmente esse nada é que ilumina, revela ao ser-no-mundo a possibilidade de elaborar escolhas.

A angústia possibilita ao SER (Dartigues, 1973:113-133) uma espécie de "redução fenomenológica", isto é, a angústia arranca o ser de "sua morada", de sua "tranquilidade e segurança" e possibilita ao SER-Aí seu desvelar-se e chegar a essência do seu SER, é o momento em que o SER é colocado diante de si mesmo, e a partir daí inaugura sua liberdade e projeta as suas possibilidades de atribuir sentido à sua existência. Dependendo do sentido, da intenção que imprimir ao seu projeto de vida, decorrerá a autenticidade ou inautenticidade de sua existência.

Imerso nesse universo de possibilidades, precisa-se ter coragem para SER, coragem no sentido de auto-afirmação do eu, na busca da individualização, que segundo Tillich (1967:109) permitirá ao SER a "coragem de ser como si próprio e a coragem de ser como si próprio é a coragem de fazer de si próprio o que se quer ser".

Nesse sentido, o jovem, por ser um SER-Aí, tem a escolha profissional como possibilidade de "fazer de si próprio o que se quer ser" o que envolve o projeto de poder-ser. Nesse momento o ser inaugura a possibilidade de se sentir livre para realizar escolhas. Ao ser colocado diante de si próprio, o SER-Aí pode optar por experienciar escolhas inautênticas e/ou autênticas. Se optar pelas escolhas inautênticas, refugiar-se-á na impessoalidade e monotonia da vida cotidiana, perdendo-se na "gente", no "ninguém" e desse modo interrompendo o desconforto da angústia.

O homem inautêntico aliena-se de seu SER e torna-se um entre os outros, submetido a valores, normas e crenças dos "outros"; despersonaliza-se e mergulha no anonimato que anula qualquer originalidade. Alienado de si mesmo, o ser experiencia o alívio da responsabilidade da escolha e do domínio de si mesmo e perde-se na impessoalidade dos "outros", dos "eles", onde os "outros", os "eles" é "ninguém". O "eles" priva o homem de sua responsabilidade para efetuar escolhas.

Nesse modo de ser, para Heidegger, a escolha é feita por ninguém, sendo por "ninguém" são falsas as escolhas. Portanto, a existência inautêntica não é uma simples aparência de ser, mas uma dimensão real da existência, que se revela no

não comprometimento, no "deixar como está para ver como vai ficar".

No modo existencial inautêntico, o SER Aí experiencia sua temporalidade como se fosse uma seqüência de "agoras" e atribui ao destino as justificativas para seus atos e ações. Atitude cômoda, impessoal e de certa forma tranquilizadora, pois ao se sentir isento de responsabilidades, não estabelece vínculos e não se envolve. Ao explicar sua existência pelos atos do destino significa a não elaboração de projetos, ou seja, a ausência de horizontes e perspectivas. O futuro não se revela como um lugar para o qual a existência é projetada, partindo do que se está sendo. O futuro é o "próximo passo" que o destino já determinou.

Por não se perceber sendo, o ser oculta seu estado ontológico e passa a existir numa situação de "impessoalidade", dependência, estado esse que impossibilita o SER de encontrar consigo mesmo e conseqüentemente de ter cuidado, solicitude e resolução, constitutivos básicos para um viver autêntico.

Entretanto, para Heidegger o SER ao longo de seu tempo vivido pode vir a se conscientizar deste modo de ser inautêntico e impessoal e das conseqüências das "quedas" e das escolhas realizadas por "ninguém", e vir a querer a tornar-se um SER

para si mesmo. Esta passagem do impessoal para o pessoal foi denominada por Heidegger de "recuperação da escolha".

Por meio da "recuperação da escolha", o SER se percebe sendo capaz de tomar decisões sobre si mesmo, o que implica na possibilidade de elaborar e de executar o seu próprio projeto de vida. Nesse momento se liberta das amarras da impessoalidade, da sedução e ditadura do "eles", e se apropria de sua própria existência, de modo que passa a se perceber com cuidado, o que envolve estar preocupado diante de si mesmo e do mundo.

Nesse processo de vir a ser, o homem se torna consciente de sua consciência, e assume o seu poder de "ver" o mundo e se percebe como fonte atribuidora de significados à sua existência e ao mundo.

Este "chamado de consciência" é um apelo, um chamado que leva o SER a uma avaliação profunda de seu modo de ser, que num sentido geral inclui todas as experiências vividas pelo ser humano, ao longo de seu tempo vivido e, no específico do propósito deste estudo em que busco a compreensão do fenômeno escolha profissional experienciada pelo ser que escolhe, poderá revelar ao jovem o seu estado íntimo de perda, sua

alienação, inautenticidade, sua não resolução para com a escolha profissional e com os outros ao redor.

No ouvir a "voz de sua consciência" o jovem encontra consigo próprio e se retira da situação de perda e inautenticidade. Nesse instante recupera o poder de ser si mesmo, e se apropria de seu "estado de resolução", no qual fundamenta a diferença do SER-Aí, autêntico e/ou inautêntico.

No estado de resolução o jovem avalia a si próprio numa perspectiva de totalidade, que é formada por aspectos contraditórios, incertos, mas que estão indissolúvelmente ligados - como a sua liberdade, facticidade, sua impotência e vulnerabilidade.

A partir da auto-compreensão destes aspectos de sua existência é que o jovem poderá "fazer de si próprio o que quer ser", poderá realizar sua escolha profissional e assumir os riscos e compromissos desta escolha, e desse modo de ser poderá emergir um profissional autêntico.

O modo de ser autêntico e/ou inautêntico é expresso pelo discurso, pela linguagem do SER. O homem revela seu modo de ser-aí, através de sua fala. Se experencia um viver inautêntico, impessoal, o seu discurso denunciárá sua

inautenticidade, ou vice-versa. Para Heidegger o discurso possui um "Logos", sendo "Logos" deixa e faz ver o "SER verdadeiro" ou seja, no discurso autêntico o homem retira o que fala daquilo sobre o que fala, de maneira que sua comunicação revela, aos outros, aquilo sobre o que fala.

No "Logos" fundamenta-se a palavra autêntica que nos leva ao recôndito do SER, e nesse sentido a linguagem é o "santuário" e a "morada" do ser, é onde o ser se permite ao culto humano intencionando ser em harmonia, em liberdade para poder escolher. É a articulação significativa da inteligibilidade do se-aí.

"O homem fala enquanto executa o desígnio do ser que, em seu mostrar-se diz-se a ele. Assim a linguagem é o traço de união entre homem e ser; é uma mediação" (Beaini-1981:35).

Desse modo a linguagem é o discurso pronunciado, o falar revela o sentido do ser e de seu existir situado; é o intermediário entre a essência do ser e o homem. Através dela o ser revela seu modo próprio de ser-no-mundo, que é expresso pela intenção que imprimir ao seu projeto de vida. O ser atento ao seu des-velamento se expressará em uma linguagem autêntica.

No entanto, há discurso que não possibilita essa revelação, esse "deixar fazer ver". É o discurso inautêntico que engana e encobre o ser.

O discurso inautêntico evidencia um homem perdido, anônimo de si mesmo, o "Logos" sendo deserdado da palavra autêntica, cede lugar ao palavatório, ao discurso vazio e não lhe possibilita o seu des-velamento.

Percebe-se que a linguagem pode des-velar e/ou velar o SER, pois ao mesmo tempo que ela permite ao homem o encontro consigo próprio, o seu vir a ser, ela o distancia, o encobre. Assim, ela é ambígua como a própria existência humana, a qual se vive e se morre, simultaneamente, pois a cada minuto que passa, ao projetar-se o ser visualiza múltiplos e infinitos horizontes, assim como caminha para a finitude, a morte. E nesse existir ambíguo, os modos de ser autêntico e/ou inautêntico não são estacionados, mas sim possibilidades que variam de acordo com o modo que o humano se compreende como sendo-no-mundo, como nos dizeres de Beaini (1981:87): "o existir humano situa-se no limite em que autêntico e inautêntico estão continuamente presentes", é a partir dessas possibilidades que as escolhas ocorrem.

Desse modo a linguagem é o discurso pronunciado; o falar revela o sentido do ser e de seu existir situado, é o intermediário entre a essência do ser e do homem. Através dela o ser revela seu modo próprio de ser-no-mundo, que é a expressão do significado que imprimiu ao seu projeto de vida.

O valor da linguagem está em possibilitar o testemunho desses modos de ser-no-mundo. Nesse momento ressalto novamente o que já foi dito, isto é, a minha escolha intencional pela trajetória fenomenológica para realizar este trabalho, a qual passo a apresentar no capítulo seguinte. Ela possibilitou-me o acesso aos discursos dos jovens que experienciaram a escolha pelo curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - USP - Campus de Ribeirão Preto, e vir a compreender a vivência desta escolha a partir das possibilidades, do modo de ser autêntico e/ou inautêntico sob a luz das idéias heideggerianas que acabo de demonstrar.

BIBLIOGRAFIA

- Abbagnano, N. - História da Filosofia - Trad. Conceição Jardim, Eduardo Lúcio Nogueira, Nuno Valadas, Vol IX, Lisboa, Editorial Presença, 1982.
- Beaini, I.C. - À Escuta do Silêncio: Um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger, S.P., 1981.
- Bicudo, M.A.V. - O Conhecimento Humano Segundo a abordagem de Martin Heidegger - UNESP - Instituto de Geociências e Ciências Exatas (texto xerografado).
- Dartigues, A. - O Que é a Fenomenologia? - Trad. Maria José J. G. de Almeida, R.J., Livraria Eldorado, Tijuca Ltda, 1973.
- Forghieri, Y.C. - Fenomenologia, Existência e Psicoterapia - In: Fenomenologia e Psicologia, S.P., Edit. Cortez, 1984.
- Heidegger, M. - Da Experiência do Pensar - Trad. Maria do Carmo Tavares de Miranda, R.S., Edit. Globo, Porto Alegre, 1969.
- - Ser e Tempo - Trad. Maria de Sá Cavalcanti, vol.1 e 2, Edit. Vozes, Petrópolis, R.J., 1988.
- - Todos nós...Ninguém: um enfoque fenomenológico do social - Apresentação, introdução, notas e epílogo - Solon Spanondis, Trad. e Comentário Dulce Mara Critelli, S.P., Edit. Moraes, 1981.
- Martins, J; Bicudo, M.A.V. - Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação - Edit. Moraes, S.P., 1983.
- Silva, A.T. da - Sentido dos Existenciais Básicos para Heidegger - Tese de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 1991.
- Steiner, E. - Mudança de Paradigma na Filosofia: Fenomenologia Existencial como Dramaturgia da Existência e a Dramaturgia dos Pulsões - In: Fenomenologia e Psicologia - Org. Yolanda Cintrão Forghieri, S.P., Edit. Cortez, 1984.
- - As Idéias de Heidegger - Trad. Álvaro Cabral, do original Heidegger, S.P., Edit. Cultrix, 1978.

Tillich, P. - A Coragem de Ser - Trad. Eglê Malheiros, R.J.,
Edit. Paz e Terra, 1967.

Tratignon, P. - Heidegger - Trad. Armindo José Rodrigues,
Lisboa, edições 70, 1965.

CAPÍTULO III

TRAJETÓRIA FENOMENOLÓGICA

A intenção é de situar a fenomenologia como filosofia para possibilitar ao leitor a compreensão da escolha desse modelo como alternativa metodológica para esta pesquisa. Deste modo, não me aprofundarei em controvérsias a respeito de correntes idealistas e/ou materialistas.

A fenomenologia é uma corrente filosófica contemporânea, um método que oferece os conceitos básicos para a reflexão existencialista. Surgiu no final do século XIX com Franz Brentano (1838-1917), mas foi Husserl (1839-1938) no século XX que retomou o conceito de intencionalidade (1) utilizado por Brentano, postulado básico que a contrapõe às correntes racionalistas do século XVII (Descartes - 1596-1650), que

1. "A tese fundamental de Brentano é a do caráter intencional da consciência ou da experiência em geral. Intentio é, um termo escolástico e foi usado na última fase da escolástica para indicar o conceito, quando este se refere a alguma coisa diferente de si e lhe toma o lugar. Segundo Brentano, a intencionalidade é o caráter específico dos fenômenos psíquicos enquanto se referem, todos eles, a um objeto imanente. Brentano baseia a classificação dos fenômenos psíquicos nas diversas formas de intencionalidade. A representação, o juízo e o sentimento, que são precisamente as três classes fundamentais de tais fenômenos distinguem-se entre si pela natureza do ato intencional que os constitui..." In: História da Filosofia de Nicola Abbagnano (pg.79).

privilegiavam o valor da razão no processo do conhecimento, e à corrente empirista que enfatizou a importância da experiência do objeto conhecido através dos sentidos.

Essas correntes foram-se contrapondo à clássica questão da relação sujeito-objeto, em que ora a ênfase se encontra no sujeito cognoscente, ora no objeto conhecido. As qualidades atribuídas ao objeto pertencem, entretanto, ao objeto ou à mente que o percebe?

A adoção de uma ou de outra postura implica assumir paradigmas e procedimentos distintos em relação ao subjetivismo e/ou objetivismo, bem como na questão da separação corpo-espírito e da própria visão de mundo que influenciou diferentes áreas das atividades humanas, quer seja na Religião, Sociologia, Filosofia, quer na própria Psicologia.

A fenomenologia não privilegia nem o sujeito e nem o objeto, mas sim a relação entre ambos. Por meio do conceito de intencionalidade, propõe a superação da dicotomia sujeito-objeto, afirmando que toda consciência é intencional. Para Husserl não há consciência desvinculada de um mundo para ser percebido, e nem há mundo sem que haja uma consciência para percebê-lo; em outras palavras: não há "consciência pura", separada do mundo como afirmam os racionalistas, toda

consciência tende para o mundo; como também não há objeto em si independente de uma consciência que o perceba como afirmam os empiristas. Para a fenomenologia o objeto é sempre para um sujeito que lhe atribui significados. É a consciência que atribui significados ao mundo.

Nessa perspectiva, a consciência só é consciência porque existe o objeto, e o objeto só é objeto porque há uma consciência que lhe atribui significados.

A partir desta argumentação, a fenomenologia critica a filosofia positivista do século XIX pela ênfase dada à viabilidade de um conhecimento exato, objetivo e neutro, obtido por meio das ciências naturais que atribuem ao método experimental o único caminho válido para investigar a verdade.

Husserl (1945) criticou também o naturalismo que permeou tanto a Filosofia quanto a Psicologia, por ter nivelado os fenômenos psíquicos aos fatos naturais e defendeu a construção de uma Psicologia Eidética, que tivesse como objetivo o domínio das evidências originárias, isto é, a revelação do objeto no seu ser ou na sua essência, e que se preocupasse com as experiências vividas.

Desse modo a fenomenologia possibilitou à Psicologia uma nova postura para inquirir os fenômenos psicológicos: a de não se ater somente ao estudo de comportamentos observáveis e controláveis, mas procurar interrogar as experiências vividas e os significados atribuídos pelo sujeito a elas, ou seja, o de não privilegiar o objeto e/ou sujeito, mas sim a relação sujeito-objeto-mundo.

Martins e Bicudo (1983:10) explicitam esta postura dizendo que:

"A fenomenologia procura abordar o fenômeno, aquilo que se manifesta por si mesmo, de modo que não o parcializa ou o explica a partir de conceitos prévios, de crenças ou de afirmações sobre o mesmo, enfim, de um referencial teórico. Mas ela tem intenção de abordá-lo diretamente, interrogando-o, tentando descrevê-lo e procurando captar sua essência.

Ela se apresenta como uma postura mantida por aquele que indaga. O inquiridor fenomenológico dirige-se para o fenômeno da experiência, para o dado e procura "ver" esse fenômeno de forma que ele se mostre na própria experiência... Daí a própria

nomenclatura fenomenológica - significando o discurso sobre aquilo que se mostra como é (phenomenon + "logós")."

Observa-se que a fenomenologia propõe outra alternativa para realizar uma pesquisa, um caminho diferente do método experimental utilizado pelas ciências naturais que muito influenciou a psicologia experimental, ou ainda do método materialista histórico dialético, cuja presença se faz sentir num número elevado de pesquisas não só no campo da Psicologia, como também no da Pedagogia, Economia, Política, Educação, etc.

Sendo assim, cada método, a seu modo e a seu tempo, juntamente com os pressupostos epistemológicos, oferece opções de caminhos ao pesquisador que o escolhe, de acordo com seu momento histórico, sua visão de mundo que envolve crenças, valores, ideologias, etc.

A partir dessas colocações, esclareço que escolhi a trajetória fenomenológica para orientar este trabalho, porque seus pressupostos epistemológicos respondem à minha visão de mundo neste meu momento histórico. Permitindo-me por intermédio de seus vários momentos (redução - descrição - variação imaginativa - reflexão - compreensão), responder ao propósito

deste estudo que é compreender o fenômeno escolha profissional que ora é interrogado.

Esta alternativa metodológica possibilitou-me situar o fenômeno escolha profissional e ter acesso à vivência original do experienciado, isto é, ao mundo-vida, à cotidianidade do experienciar a escolha.

Esclareço ainda que minha intenção não é saber o que o sujeito escolhe, mas sim compreender a própria experiência da escolha. Sendo assim, minha preocupação se volta para as descrições dos sujeitos sobre as suas experiências de escolher.

A compreensão pressupõe o desvelamento ontológico do ser que realiza a escolha, e, nesse sentido, compreender significa a capacidade do ser de: esclarecer, de ir à coisa mesma, de tornar explícito e transparente o que se mostra obscuro.

O fenômeno deve mostrar-se, para mim, na sua essência, ou seja, nas suas características fundamentais vistas na perspectiva do horizonte psicológico. Trata-se então de um estudo da dimensão intencional do fenômeno escolha profissional que o evidencia como essencialmente humano.

Como já explicitarei no momento pré-reflexivo, a atitude de diversos estudiosos frente à "escolha vocacional" tem sido o oposto ao desta proposta. Buscam explicar a escolha numa relação de causa e efeito, fragmentando o fenômeno em partes. Analisam-no, enfatizam as medidas e os testes, em vez de explicitá-los, desvendá-los.

Negar as explicações teóricas, os passos do método experimental e/ou do materialismo histórico dialético não significa que ao realizar a análise fenomenológica, o pesquisador parta de um vazio. Ele parte, isto sim, de uma pré-reflexão. A trajetória pré reflexiva que realizei, acerca dos estudos sobre escolha profissional, possibilitou-me desvendar os preconceitos, as crenças e ideologias que são veiculadas por estes discursos e me colocar num estado de alerta, de suspensão, diante das próprias proposições da ciência psicológica, como também frente à própria realidade do sujeito que experiencia a escolha.

Esse modo peculiar de prestar atenção, de ir ao fenômeno, é a Redução Fenomenológica.

REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA

Consiste num estado de alerta, de suspensão de juízo frente ao fenômeno interrogado, o que não supõe uma atitude de neutralidade e objetividade. Não sou eu uma pesquisadora ingênua que fica do lado de fora, observando o fenômeno.

Esse momento constitui o que Husserl chamou de "epoché": que significa suspensão ou parada, uma saída da maneira comum de olhar e de abandonar os preconceitos e crenças em relação ao fenômeno escolha profissional que interrogo.

Esta postura permite à psicologia ir ao mundo do cotidiano, onde o humano experiencia intencionalmente sua existência e lhe atribui significados. Em outras palavras, esta postura significa que não há um ser "escondido", uma "realidade em si" - objetiva e neutra atrás das aparências do fenômeno, uma vez que a intencionalidade da consciência é que desvela as mais variadas perspectivas do objeto, porque é a consciência que atribui sentido e significado ao mundo.

Nessa perspectiva fenomenológica, nada é objetivo que não tenha antes sido subjetivo. A subjetividade permite alcançar graus de objetividade, isto por serem as verdades relativas e

temporais, e não absolutas e anacrônicas, e também porque há sempre um interrogar.

Desse modo, este interrogar permite verdades múltiplas, que são as possibilidades de o fenômeno mostrar-se no seu estado perceptível, levando a intersubjetividade em que se obtém uma reflexão mais precisa sobre ele.

Após colocar o fenômeno em suspensão dirigi-me para o momento das descrições.

DESCRIÇÃO

A descrição ou depoimento constitui, portanto, um dado de importância significativa no desenvolvimento da pesquisa fenomenológica, e ela não comporta um estilo literário, normas, regras, listas de palavras ou sentenças que devam ser usadas. Ela permite ao inquiridor o acesso à vivência original do fenômeno que está sendo interrogado. Nesse fenômeno está a essência do que se buscou conhecer e a intencionalidade do sujeito. Isto quer dizer que o sujeito que descreve sua experiência é situado e que os significados das suas vivências emergem do seu real vivido.

Quem foram os descritores do fenômeno escolha profissional que interrogo neste trabalho?

Participaram deste trabalho jovens que escolheram o curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, no período de 1980-1989.

A escolha por este período ocorreu pela especificidade da pesquisa. Por se tratar de um estudo sobre a escolha profissional, fez-se necessário um espaço de tempo para compreender a trajetória percorrida pelos sujeitos, isto é, o vivenciar da escolha no seu dia-a-dia, dos jovens que desistiram da escolha, abandonando o curso, dos que estão frequentando-o e dos que concluíram o curso de Psicologia.

Outro objetivo que justifica esse período de dez anos ocorreu pela dificuldade inerente à localização dos sujeitos, devido à não atualização de endereços, mortes e até da própria opção do sujeito de não participar do estudo.

OBTENÇÃO DOS DEPOIMENTOS

Primeiro momento: Procurei obter junto à Seção de Graduação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP, acesso à documentação referente à matrícula de todos os alunos que ingressaram no curso de Psicologia no período de 1980-1989.

Após a elaboração dessa listagem geral, procedi à identificação nominal e/ou ao endereço particular de cada um dos sujeitos que:

- desistiram da escolha, abandonando o curso de Psicologia;
- estão experienciando a escolha em sua cotidianidade;
- concluíram o curso.

Segundo momento: Com esses dados em mãos, elaborei uma questão orientadora que foi enviada pelo correio a 99 alunos que desistiram do curso, solicitando-lhes que descrevessem de maneira livre e aberta sobre:

- Os motivos que o levaram a abandonar o curso de Psicologia. Descreva se foram motivos de ordem pessoal (doenças, casamento, financeiros, etc.) e/ou institucionais, por

exemplo: decepção com a escolha profissional, dificuldades acadêmicas de acompanhamento do curso tais como horário, oferta de disciplina, conteúdos e outros. Você fez ou está fazendo outro curso?

Para os 160 alunos que concluíram o curso de Psicologia nesse período também foi elaborada uma questão orientadora e enviada pelo correio, com a solicitação de que descrevessem de maneira livre sobre:

- Há algum tempo você fez sua escolha profissional e cursou esta faculdade que o habilitou a exercer tal profissão. Solicito que você descreva para mim, como se sente, considerando o caminho percorrido até aqui, e o trabalho profissional que você realiza. Outras informações.

Para os alunos que estão experienciando a escolha, dirigi-me às salas de aulas e solicitei aos que quisessem participar do estudo que respondessem à questão orientadora:

- Após algum tempo de vivência no curso de Psicologia, solicito-lhe que considere sua escolha e descreva como se sente atualmente em relação a ela.

As respostas obtidas a partir destas questões é que constituíram os depoimentos deste trabalho.

Dessa maneira, foram obtidos 31 depoimentos das 99 solicitações enviadas ao grupo de alunos que desistiram da escolha pelo curso de Psicologia; sete cartas foram devolvidas por motivo de transferência de residência; em sessenta e uma não houve retorno.

Dos 160 alunos que concluíram entre 1984-1988 o curso, 29 atenderam minha solicitação, 41 cartas foram devolvidas por motivo de transferência de residência, 1 falecimento e, em 89 não houve retorno.

Dos 180 alunos que estão vivenciando a escolha, 36 participaram deste trabalho.

Ao término desta etapa, obtive 96 (noventa e seis) depoimentos que foram submetidos aos próximos momentos da análise das descrições.

O SENTIDO DO TODO DOS DISCURSOS

Obtidos os depoimentos, foi feita uma leitura geral sem que se tivesse definido a priori qualquer aspecto a ser analisado ou destacado, com o intuito de apreender o sentido global do discurso.

Cada depoimento foi lido por inteiro, buscando compreender a linguagem do sujeito e o significado atribuído às palavras.

Nesse momento verifiquei que vários discursos apresentavam dificuldade de entendimento, outros muitos lacônicos e repetitivos, não elucidando o fenômeno escolha profissional que está sendo interrogado.

Por esta razão foram selecionados 5 (cinco) discursos dos jovens que desistiram do curso de Psicologia, 5 (cinco) dos que o concluíram e 5 (cinco) que o estão frequentando. Essas descrições serviram de base para o próximo momento da trajetória fenomenológica que é a discriminação das unidades de significado.

UNIDADES SIGNIFICATIVAS

Unidades significativas não são elementos que existem "per se", mas apenas em relação à perspectiva adotada pelo pesquisador; elas não se encontram delimitadas de maneira expressa nos relatos dos sujeitos, mas se mostram por meio de suas várias leituras e à medida que o pesquisador estabelece uma relação empática com a situação vivida pelos sujeitos.

Houve cuidado, ao mesmo tempo, para não se deixar ficar na absorção ingênua, pois o que se busca nos relatos são os significados, atribuídos pelos sujeitos, que emergem dos textos de acordo com a leitura que deles se fizer.

A partir da perspectiva psicológica, que é a que interessa nesta investigação, e focalizando o fenômeno da escolha profissional experienciada por sujeitos que tiveram em comum a escolha pelo curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP - Campus de Ribeirão Preto - é que os discursos foram lidos cuidadosamente para colocar em evidência as unidades significativas.

Assim, a pesquisa fenomenológica dirige-se para os significados enquanto revelações sobre as percepções que os

sujeitos tiveram de como experienciaram a escolha profissional. O que se constitui então como dados, são os aspectos estruturais, invariantes, os padrões que se repetem do fenômeno, que nesta modalidade de pesquisa são chamados de unidades de significado.

Selecionadas as unidades de significado, procedeu-se à transformação delas por meio do recurso da variação imaginativa.

VARIAÇÃO IMAGINATIVA

Segundo Martins (1984:132):

"A imaginação é um ato mágico, um encantamento destinado a fazer surgir o objeto no qual penso, a coisa que desejo, de forma que eu possa apropriar-me de tudo isto no seu surgir"

Desse modo, o pesquisador fenomenólogo procura colocar-se na perspectiva dos descritores para interrogar sobre como ele pensa, sonha, analisa e julga o fenômeno que está sendo indagado, isto é, procura ver como o descritor vê a situação

experienciada, o que não significa andar às escuras, sem leme. A imaginação disciplinada possibilita ao pesquisador transpor-se para o mundo do outro o que significa sair de si mesmo e adotar imaginativamente o lugar da outra pessoa, buscando esclarecer o que está oculto no discurso.

Desse modo, ao ler e reler os discursos dos sujeitos, dirigi-lhes diferentes perguntas, buscando evidenciar os mais diferentes sentidos, e situar quais deles elucidavam, expressavam ou esclareciam o fenômeno escolha profissional.

Variar imaginativamente significa lançar mão de um exercício de inter-subjetividade entre pesquisador e sujeito, através do seu discurso, com vistas à reflexão e compreensão do fenômeno.

Essa etapa é caracterizada por uma transformação das expressões usadas pelo sujeito em uma linguagem psicológica e que, no presente trabalho, recebeu a denominação de Compreensão das Unidades Relatadas, que ocorre por meio da reflexão e da variação imaginativa.

Variar imaginativamente as unidades significa a verificação nos diferentes modos de alteração da estrutura psicológica. Se as estruturas permanecem, as essencialidades do fenômeno escolha profissional estão situadas.

No momento em que mergulho no modo de ser do sujeito que experiencia a escolha, ainda não está desvendado o fenômeno escolha profissional. É preciso ir adiante e resgatar de cada conjunto de unidades sua inteligibilidade, que envolve a articulação e a expressão das significações próprias de cada sujeito, as quais podem parecer óbvias e/ou ocultas, porém todas veiculam significações diferentes para poderem chegar a caracterizar o Ser em sua unidade essencial básica.

Este é um dos momentos mais difíceis da pesquisa fenomenológica, pois são necessários certos "insights psicológicos" para chegar a descobertas da evidência do essencial do fenômeno escolha profissional que constitui-se na compreensão ideográfica de cada sujeito. Ideográfica no sentido de representação de idéias, Martins e Bicudo (1989:100), e desse modo, segundo a inter-subjetividade realizada por intermédio da variação imaginativa e da reflexão cheguei à representação do Ser em sua essência. Não havendo, portanto, em momento algum, um distanciamento com a descrição original do sujeito.

Após a estruturação na perspectiva individual do fenômeno escolha profissional, busquei na compreensão das convergências os significados imanentes (significados contidos em uma ou

mais descrições) e cheguei à estrutura psicológica geral do fenômeno interrogado, isto é, do "insight da generalidade essencial" que perpassa os 15 (quinze) sujeitos entrevistados.

As categorias ou unidades de significados foram elaboradas a partir das convergências encontradas entre as "expressões sintéticas da compreensão" de cada discurso individual (momento de análise ideográfica) e submetidas a profunda reflexão, procurando explicitar desse modo, a compreensão nomotética desejada do SER que escolhe.

Porém, antes de mergulhar no discurso dos jovens, sinto que devo apresentar ao leitor que me vem acompanhando, o horizonte institucional, o Umwelt, ou seja, o mundo universitário, palco dos sonhos, das angústias e insatisfações, local em que o jovem teve sua existência historicamente situada.

**O CURSO DE PSICOLOGIA DA FACULDADE DE
FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS - USP -
CAMPUS DE RIBEIRÃO PRETO**

A Faculdade de Filosofia Ciências e Letras foi criada pela Lei Estadual nº 5377/59, na qualidade de Instituto Isolado do Ensino Superior do Estado de São Paulo, sob a Coordenação Central da CESESP, transformada em 30/01/1970 em autarquia de Regime Especial pelo Decreto Lei nº 191, incorporada à Universidade de São Paulo, e integrada ao "Campus" de Ribeirão Preto em 01/01/1975 pelo Decreto nº 5.407 de 30/12/1974.

Teve sua aula inaugural no histórico dia 31 de março de 1964, e começou a funcionar no prédio da Faculdade de Medicina com os cursos: Ciências Biológicas, Psicologia e Química. Em 1967 foi instalado um curso de licenciatura curta em Ciências, extinto em 1976.

Desde sua criação até hoje nenhum curso de Filosofia e/ou Letras foi criado, mas seu nome continua despertando a curiosidade dos alunos calouros e visitantes que, ao tomarem contato com a Faculdade de Filosofia, indagam o porquê da ausência de um curso de Filosofia e/ou Letras. Desconhecem ou não estabelecem relações entre a história política

brasileira com a história educacional, social e cultural do país.

No entanto, o significado de seu nome permanece provocando indagações, reminiscências e lembrança de um passado não muito distante, em que as Faculdades de Filosofia Ciências e Letras, ofereciam cursos de Filosofia, Letras e outros. Fini (1988:26) registra esse momento, evidenciando as finalidades das Faculdades de Filosofia antes e após a Reforma Universitária (Lei nº 5540/68). A autora esclarece em seu discurso que, antes da reforma, as Faculdades de Filosofia eram "centros de criação de ciência", que possibilitavam um viver universitário que transcendia "os limites do interesse puramente profissional, abrangendo em todos os seus aspectos os altos e autênticos valores culturais".

Essa preocupação se fazia refletir num compromisso em "garantir" a formação científica do pesquisador sem no entanto deixar de ser um educador.

A Reforma Universitária colocou um fim nas Faculdades de Filosofia Ciências e Letras, que juntamente com as diversas áreas do saber, transformaram-se em unidades, institutos, departamentos, locais onde se realizam o ensino e a pesquisa da Universidade atualmente.

As conseqüências desse modelo de Universidade se fazem sentir nesses 24 anos em que, em nome de uma racionalidade administrativa, ela se "modernizou" para atender às exigências de desenvolvimento. Nesse aspecto, Romanelli (1978:232) explicita que, em "termos políticos, essa racionalidade tem provocado um controle dos órgãos centrais sobre a vida acadêmica e externamente o controle da própria Universidade pelos órgãos de administração federal de ensino" que se fazem sentir no dia-a-dia da vida universitária.

Inserida nesse contexto, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto não sofreu nenhum processo de reestruturação, uma vez que foi desmembrada da CEESP antes das reformulações de 1976 e incorporada à USP, após a reestruturação da Reforma Universitária, em 1968, continua, ao longo dos seus quase 30 anos, oferecendo os mesmos três cursos: Biologia, Psicologia e Química.

Essa situação tem gerado, ao longo desses anos, uma série de problemas que se fazem sentir na ausência de recursos materiais e, conseqüentemente, humanos

Várias tentativas envolvendo docentes, alunos, funcionários, têm marcado esse inconformismo, que resultou ultimamente na

elaboração do Projeto Institucional da F.F.C.L., que objetiva a transformação dos departamentos em Institutos, dessa maneira atender à Reforma Universitária, 24 anos mais tarde.

O DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO (criado em 1971)

O Curso de Psicologia

Este curso teve início em 1964, quando, com os demais cursos, Biologia e Química, integrou um Vestibular próprio, selecionando 120 candidatos que, após um ano de curso básico (propedêutico), fizeram suas escolhas para carreira específica.

Desde então, são oferecidas 40 vagas e isso se mantém mesmo com a criação dos Vestibulares unificados (CESCEA, 1972; MAPQFEI, 1976; e FUVEST, a partir de 1977).

O curso é oferecido pelo Departamento de Psicologia e Educação, que envolve atualmente 45 docentes, que são responsáveis pelas seguintes habilitações: licenciatura, bacharel e psicólogo; com duração de 10 semestres, totalizando

4050 horas de aulas e mais 500 horas de estágio profissionalizante, obrigatório para a formação do Psicólogo.

Preocupados com a formação deste profissional, docentes e alunos iniciaram, em 1985, um processo de reestruturação curricular, com encontros que possibilitaram, em 1986, estruturar o currículo em núcleos de conteúdos afins: os dos fundamentos e os dos processos psicológicos básicos.

No final de 1990, os docentes e alunos sentiram a necessidade de re-pensar a estrutura curricular novamente. Isto ocorreu devido à insatisfação que se vem constatando no discurso de alunos e de professores, ora em relação à atual estrutura curricular, ora em relação ao mercado de trabalho, principalmente em relação à atuação deste profissional, que tem sido marcada pelas mudanças ocorridas na infra-estrutura econômica e política do país.

Esse re-pensar continua ocorrendo, tendo gerado inclusive uma pesquisa, Japur (1991), que se encontra em andamento visando analisar o currículo atual, (anexo III) abrangendo os aspectos substantivos, ou seja, o que é propiciado pelo currículo; os aspectos formais (natureza das disciplinas, organização dos estágios, carga horária, sistema de créditos e etc); e

aspectos processuais (atividades de pesquisa, métodos utilizados, etc).

Participaram desta pesquisa docentes do departamento: Psicólogos que compõem o grupo de Técnicos Especializados de Apoio ao Ensino e a Pesquisa; Supervisores (psicólogos e psiquiatras) que mantêm atividades de supervisão junto a alunos que ingressaram em Programas de Aprimoramento ou Residência em Psicologia no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto; alunos que ingressaram no período de 1987 a 1990 e ex-alunos que concluíram o curso nesse mesmo período.

O resultado dessa pesquisa exercerá, sem dúvida, modificações pertinentes à estrutura e funcionamento do curso de psicologia.

BIBLIOGRAFIA

- Aranha, M.L.A. de; Martins, M.H.P. - *Filosofando: Introdução à Filosofia*, S.P., Edit. Moderna, 1986.
- Beaini, T.C. - *À escuta do silêncio: Um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger* - Edit. Cortez, S.P., 1981.
- Boemer, M.R. - *A Morte, o Morrer e o Morrendo: Estudo de Pacientes Terminais* - S.P., Tese de Doutorado - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, 1985.
- - *O Fenômeno Morte: O Pensar, o Conviver e o Educar* - S.P., Tese de Livre Docência - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, 1989.
- Brentano, F. - *Antecedentes da Fenomenologia* - In: *História da Filosofia* - Nicola Abbagnano - vol XIV, 3ª edição, Lisboa, Editorial Presença - 1982.
- Carvalho, W.L.P. de, - *O Ensino de Ciências sob a Perspectiva da Criatividade: Uma Análise Fenomenológica*. Faculdade de Educação - Unicamp, 1991.
- Dartigues, A. - *O Que é a Fenomenologia?* - Trad. Maria José J. G. de Almeida, R.J., livraria Eldorado Tijuca Ltda, 1973.
- Diagnóstico do Currículo do Curso de Graduação em Psicologia da F.F.C.L.R.P.* - USP - Campus Ribeirão Preto. Elaborado pela Comissão de Ensino - 1990.
- Fini, D. T. L. - *A situacionalidade da Psicologia Educacional - Adolescência nos cursos de licenciatura da Unicamp*, S.P. - tese de doutorado - Faculdade de Educação - Unicamp - 1988.
- França, C. - *Psicologia Fenomenológica: Uma das Maneiras de se Fazer*, Editora da Unicamp, S.P., 1989.
- Giorgi, A. - *A Psicologia como Ciência Humana: Uma Abordagem de Base Fenomenológica* - Trad. Riva S. Schwartzman, Belo Horizonte, Interlivros, 1978.

- Heidegger, M. - Ser e Tempo - Trad. de Márcia de Sá Cavalcanti, vol. 1 e 2; Edit. Vozes. Petrópolis, R.J., 1988.
- Histórico da F.F.C.L. - Ribeirão Preto - USP, In: Pasta na seção de Assistência Técnica para Assuntos Acadêmicos.
- Husserl, E. - A Filosofia como Ciência do Rigor - Trad. Albin Beau, 2ª ed., Coimbra, Edit. Atlântica, 1945.
- Japur, M. - Relatórios sobre: A Análise do Currículo do Curso de Psicologia da F.F.C.L.R.P./ USP, ano 1991 a 1992.
- Martins, J. - Contribuição da Fenomenologia à Psicologia Clínica: - Imaginação e Fantasia - In: Fenomenologia e Psicologia. Autores Associados, Org. Iolanda Cintia Forghieri, S.P., Edit. Cortez, 1984.
- Martins, J.; Bicudo, M.A.V. - A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: - Fundamentos e Recursos Básicos, S.P., Edit. Moraes, EDUC - Editora da PUC-SP, 1989.
- - Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação - S.P., Edit. Moraes, 1983.
- Martins, J.; Boemer, M.R.; Ferraz, C.A. - A Fenomenologia como Alternativa Metodológica para Pesquisa - Algumas Considerações In: Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos, vol 1, nº 1, S.P.: A Sociedade, 1990.
- Merleau - Ponty, M. - Ciências do Homem e Fenomenologia - Trad. Salma Tannus Muchail, S.P., Edit. Saraiva, 1973.
- Neves, M.C.D. - Uma Perspectiva Fenomenológica para o Professor em sua Expressão de: O Que é isto a ciência? - Tese de Doutorado, Faculdade de Educação - S.P., Unicamp, 1991.
- Troca, R.M.S. do - Relatório da Disciplina Estágio - Abordando a área de Recursos humanos da F.F.C.L. - Ribeirão Preto - USP - Apresentado no curso de Administração da UNAERP, 1989.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE IDEOGRÁFICA

O Discurso de 15 jovens que experienciaram a escolha profissional

Apresento, neste capítulo, a íntegra de 15 discursos sobre escolha profissional, a partir de uma perspectiva psicológica, experienciada por sujeitos que tiveram em comum a escolha pelo curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - Campus da USP - Ribeirão Preto, vivida em três momentos.

Primeiro momento: discurso de 5 sujeitos que desistiram da escolha do curso de Psicologia (grupo A).

Segundo momento: discurso de 5 sujeitos que estão experienciando a escolha em sua cotidianidade (grupo B).

Terceiro momento: discurso de 5 sujeitos que concluíram o curso de Psicologia (grupo C).

Compreensão ideográfica do fenômeno interrogado - a escolha profissional - a partir do discurso de cada sujeito.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA DO DISCURSO DE 5 SUJEITOS QUE
DESISTIRAM DA ESCOLHA DO CURSO DE
PSICOLOGIA (grupo A)

- A - Discurso do sujeito em sua própria linguagem
- B - Unidades de Significado
- C - Compreensão das unidades relatadas
- D - Expressões sintéticas da compreensão

A) Discurso do sujeito 1

"Apesar de ter cursado somente um mês o curso, não era bem a escolha profissional desejada. Foi uma decepção com a escolha, e não com o curso propriamente de psicologia. Tive de parar também com o ballet clássico, que faço há anos, pois foi uma decepção maior.

Para mim, também foi muito cedo ter entrado numa faculdade. A adolescência não é um bom período para se cursar faculdade e sim, a fase adulta, onde há um amadurecimento maior. Hoje faço o curso de Nutrição na Unimep, é um curso voltado para área biológica que gosto mais. Além disso, é só meio

período e posso conciliar as duas coisas: faculdade e dar aulas de ballet".

B) Unidades de Significado

1. O S1 decepcionou-se com a escolha, e não com o curso propriamente dito.

2. Parar com o ballet clássico foi uma decepção maior.

3. A adolescência não é um bom período para cursar faculdade, a fase adulta sim.

4. Está fazendo o curso de nutrição - área biológica; gosta mais, além de possibilitar a conciliação entre estudo e trabalho.

C) Compreensão das unidades relatadas

O sujeito 1 decepcionou-se com o momento que teve que realizar sua escolha profissional, pois sentiu que era jovem demais para decidir sobre seu futuro profissional.

O fato do curso de Psicologia ser em período integral, não possibilitando conciliar estudos com trabalho, também

influenciou o S1 a se decidir pelo abandono do curso. Refez sua opção, escolhendo o curso de Nutrição em uma faculdade particular que lhe permite trabalhar e estudar.

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. Sentiu-se muito jovem para realizar sua escolha profissional.

2. O período integral do curso de psicologia não lhe possibilitou trabalhar, o que contribuiu para abandoná-lo.

3. Refez sua opção, escolhendo o curso de Nutrição na Unimep.

**Compreensão Ideográfica do discurso do Sujeito
que desistiu da escolha do curso de Psicologia
da USP - Ribeirão Preto (grupo A)**

O discurso do Sujeito 1 revela que o dia a dia, no curso de psicologia, possibilitou-lhe compreender que sua escolha foi realizada de uma maneira impensada e impessoal, portanto nesta escolha realizada por ninguém o Dasein se amarra na impropriedade e tem sua essência ocultada.

Nesse modo de ser, o SER-Aí não vive por si mesmo e se perde na inautenticidade dos "outros", é o que o discurso denuncia, pois quando S1 atribui ao fator cronológico a justificativa de sua "falsa escolha", parece que, neste momento, está se eximindo da responsabilidade e riscos que estão implícitos no ato de escolher, está se ocultando em crenças próprias do seu senso comum que explica a "maturidade" pela quantidade de anos de vida, ou seja, a pessoa "jovem" viveu pouco para poder escolher... Nesse sentido o S1 atribui "a fase adulta" a hora certa para realizar uma escolha profissional correta. Como se bastasse a quantidade de anos para garantir escolhas satisfatórias.

Outro aspecto relevante do discurso do S1 diz respeito ao fato do curso de Psicologia ser em período integral, não possibilitando conciliar o "ballet clássico" - atividade prazerosa que realizava há vários anos. O sentir-se impossibilitado de dançar provocou-lhe um re-pensar sobre o seu modo de ser inautêntico levando a re-fazer sua escolha profissional. Nesse momento o S1 inaugura sua liberdade e vê na escolha do curso de Nutrição em uma faculdade particular a possibilidade de conciliar a dança (ballet clássico) atividade prazerosa, com seus estudos. Assim o S1 assumiu "o

poder de ser si-mesmo" que implica em comprometer-se com os riscos de sua escolha pelo curso de Nutrição.

A) Discurso do Sujeito 2

"Em 1981 eu ingressei na USP-Ribeirão Preto e na Psicologia da PUC-SP, na época optei por permanecer em São Paulo, não tendo sequer frequentado o início das aulas no curso de Ribeirão Preto. Na época, o curso da PUC-SP dava maiores possibilidades de conhecimento em outras áreas da Psicologia Clínica além da Psicanálise (como era organizado o curso da USP) e assim optei pela graduação da PUC-SP tendo concluído o curso em 1985 (em abordagem Junguiana).

Hoje trabalho como Psicóloga, fazendo curso de especialização na Escola Paulista de Medicina e no consultório clínico em abordagem Junguiana. Paralelamente à profissão, estudo Artes Plásticas na ECA da USP realizando as matérias compatíveis com os horários do consultório e da especialização. "

B) Unidades de Significado

1. O S2 foi aprovado no vestibular da USP e da PUC-SP em 1981.

2. Escolheu o curso de psicologia da PUC-SP por lhe possibilitar outras áreas do conhecimento além da Psicanálise.

3. Concluiu o curso na abordagem Junguiana em 1985.

4. Complementa sua formação acadêmica, fazendo, na Faculdade de Medicina, um curso de especialização. Estuda Artes Plásticas na ECA e desenvolve trabalho clínico na abordagem Junguiana.

C) Compreensão das Unidades Relatadas

A condição de aprovado nos vestibulares para os cursos de Psicologia da PUC-SP e USP de Ribeirão Preto e informações sobre a organização da estrutura curricular de ambos, mais o desejo de conhecer outras áreas da psicologia clínica, além da Psicanálise, possibilitou ao S2 desistir da escolha do curso de Psicologia da USP - R.P.

A desistência do curso de psicologia da USP (1981), por ele não apresentar outras opções na área clínica além da psicanálise, evidencia preocupações pertinentes do S2 em relação à sua escolha profissional, que envolveu um conhecimento não só de informações sobre linhas teóricas, mas

de identificar-se com a abordagem - Junguiana, pela qual optou, antes mesmo de frequentar o curso.

Essa identificação possibilitou-lhe a escolha do curso da PUC-SP, bem como desenvolver, depois de formado, atendimento clínico nela. Porém só a graduação não lhe foi suficiente; partiu para a especialização na Escola Paulista de Medicina. Mas o S2 quer ir mais além, e paralelo ao trabalho clínico e ao curso de especialização, estuda artes plásticas na ECA - USP.

D) Expressões Sintéticas da Compreensão

1. Desistiu do curso de Psicologia da USP de Ribeirão Preto, porque ele não lhe possibilitava conhecer outras áreas da Psicologia clínica, além da Psicanálise. Formou-se na PUC-SP e desenvolve trabalho clínico na abordagem Junguiana.

2. Amplia seus horizontes, realizando cursos de especialização e de artes plásticas.

**Compreensão Ideográfica do Discurso do Sujeito
que desistiu da escolha do curso de Psicologia
da USP - Ribeirão Preto (grupo A)**

O discurso do S2 revela um modo de ser preocupado com sua existência, pois antes mesmo de ingressar na faculdade já tinha obtido informações sobre os currículos e as tendências das áreas de conhecimento dos cursos de Psicologia da PUS-SP e USP-RP. Esse modo de agir evidencia seriedade e compromisso com sua escolha profissional. Não escolheu sua profissão como se fosse um simples acontecimento, ao contrário, escolheu não escolher o curso de Psicologia da USP de Ribeirão Preto por saber que o curso da PUC-SP lhe permitiria conhecimentos Junguianos, portanto possíveis realizações.

Dessa perspectiva emerge um profissional autêntico, consciente de sua responsabilidade. Responsável em des-velar-se para si próprio, seus próprios caminhos, caminhos que lhe estão possibilitando "atender em abordagem Junguiana", buscar em artes plásticas outros horizontes, enfim, o S2 expressa compreensão, isto é o poder de experienciar um modo de ser preocupado e autêntico consigo próprio e com os outros.

A) Discurso do Sujeito 3

"Em 1987, quando abandonei o curso de Psicologia, aleguei para mim mesma e para todas as outras pessoas, principalmente minha família, dois motivos principais que teriam me levado ao abandono do curso: 1º insatisfação com a carreira escolhida; 2º a distância de Ribeirão Preto a São Roque, minha cidade.

Mas hoje (1990), aos 22 anos posso enxergar que o que realmente foi fator decisivo é que, na época, eu namorava já há vários anos, e naquela época, aos 19 anos, não tive estrutura emocional para colocar uma carreira profissional acima de um interesse (pasmé!!) como o casamento. Meu então namorado estudava em uma cidade muito longe de Ribeirão, e o fato de eu continuar na USP levaria fatalmente ao fim do namoro pela distância.

Portanto, de minha parte, não posso me queixar e "culpar, por qualquer razão, a F.F.C.L.R.P. do fato de eu haver desistido do curso. Hoje faço o 2º ano de Medicina na Unesp, que em matéria de infra estrutura (biblioteca, refeitório, COSEAS, transporte) está muito aquém da USP de Ribeirão, muito embora também seja uma excelente faculdade.

Agora, 3 anos mais tarde, posso ver a grande oportunidade que desperdicei por um motivo tão banal. A psicologia é uma grande carreira, trata de um assunto que me interessa muito, talvez eu devesse ter tido mais paciência, acabaria vendo que meu namoradinho da época não valia a USP. Mas enfim, não é o caso de se lamentar. Acho que tudo na vida são fases: aquela passou, e hoje acho que nada vale mais que a realização profissional e pessoal. Desejo muito sucesso no seu trabalho, e que isto remeta em benefícios para a F.F.C.L.R.P. e todos os futuros estudantes."

B) Unidades de significado

1. A insatisfação com a carreira escolhida e a distância de Ribeirão Preto a São Roque (sua residência) foram as explicações dadas pelo S3 a si próprio e à sua família pelo abandono do curso de Psicologia em 1987.

2. Em 1990 admitiu que foi pelo namorado que abandonou o curso de Psicologia.

3. Entre a escolha de uma profissão e o projeto de casamento aos 19 anos, optou pelo matrimônio.

4. Com o passar dos anos percebeu que o namoradinho da época não valia a USP, ou seja, a desistência do curso de Psicologia.

5. Hoje acha que nada vale mais que "a realização profissional e pessoal".

6. Refez sua escolha profissional, optando por Medicina na UNESP.

C) Compreensão das unidades relatadas

O modo de ser do sujeito 3 evidencia o quanto foi difícil desvencilhar-se da manipulação do namorado e partir em busca de seu próprio projeto de vida. Por intermédio da reflexão o S3 toma consciência de sua impessoalidade e arrepende-se por não ter tido determinação para continuar o curso de Psicologia da USP-RP. No entanto, consegue refazer sua escolha profissional e atualmente estuda medicina na Unesp e tem certeza que a realização profissional é muito importante para o poder vir-a-ser mulher.

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. Desistiu do curso de Psicologia, por influência do namorado.

2. Refez sua escolha profissional escolhendo Medicina na UNESP.

**Compreensão Ideográfica do discurso do Sujeito
que desistiu da escolha do curso de Psicologia
da USP - Ribeirão Preto (grupo A)**

No revelar do S3 que abandonou o curso de Psicologia para não ficar longe do namorado e não porque decepcionou-se com a carreira profissional ou pela distância de Ribeirão Preto a São Roque (sua residência), significa a passagem do impessoal, inautêntico para o autêntico.

Ao tomar consciência do seu modo existencial inautêntico, impessoal, o S3 se revolta quando diz que "agora, 3 anos mais tarde, posso ver a grande oportunidade (carreira profissional) que desperdicei por um motivo tão banal" (o namorado) - "se eu

tivesse tido mais paciência, acabaria vendo que meu namorado não valia a USP".

Nesse momento busca uma melhor compreensão do seu SER-Aí, e se percebe enganada, ludibriada pelo arbítrio dos outros em seu existencial afetivo.

Esse libertar-se da impessoalidade acumulada historicamente pela sociedade que vem ao longo de muitos anos situando a Mulher como um SER dependente, muito contribuiu para o S3 se sentir inautêntico, ao abandonar o curso de Psicologia para continuar o namoro.

Nessa passagem do modo existencial impessoal do S3 para o autêntico, coloca em evidência a dificuldade que a mulher tem ainda em lidar com sua independência; é como se não lhe fosse permitido realizar-se como um todo que abrange a afetividade, a escolha por uma profissão, enfim, o poder-SER na sua totalidade. Nesse sentido a educação ainda é mais conservadora para a mulher. Ao homem (ao seu namorado) é permitido escolher, partir em busca de uma carreira profissional; para a mulher sua "escolha ainda deve ser o matrimônio". No entanto o S3 não se casou... o que me faz pensar que, apesar da influência dos valores atribuídos pelo senso comum ao matrimônio, já visualizava outros horizontes...

Todavia este clima de distanciamento do SER próprio da nossa sociedade, onde o viver autêntico é quase suprimido, surge a drástica irresponsabilidade dos "eles", dos "ninguém", em que ninguém é responsável por coisa alguma.

Nessa perspectiva a afetividade não foi vivida pelo S3 como possibilidade de vir-a-ser que se manifesta sob a forma de cuidado, solicitude, zelo, ao contrário, foi posse, manipulação, imposição - ou "voltava para casa, ou o namoro acabava", e nesse clima de chantagem o S3 abandonou seu curso de Psicologia, e após 3 anos lança um olhar atento à sua temporalidade e se arrepende por "não ter tido estrutura emocional para colocar a carreira profissional acima de um interesse como o casamento" - e quem teria?!

Entretanto nesse viver inautêntico o S3 se afasta do seu Ser-aí, oculta-se e retrai-se para, num outro momento, se abrir para novas possibilidades, escolhendo o curso de Medicina na UNESP, e assim, nesse movimento, vai des-velando sua trajetória em busca de resoluções mais autênticas.

A) Discurso do Sujeito 4

"Deixei o curso de Psicologia primeiramente porque esta nunca foi minha primeira opção de curso, mas uma vez na faculdade pretendia completá-lo, o que não foi possível porque me decepcionei bastante com a psicologia, que esperava ser algo mais dirigido ao ser humano e nesta faculdade segue uma linha behaviorista que realmente fez os primeiros semestres serem completamente sem motivação. Não sendo o que eu realmente queria fazer e sem motivação nenhuma para gostar do curso, achei que o melhor seria deixar a Psicologia e partir para algo que eu gostasse mais e também tivesse mais motivação. Atualmente estou me formando em Tradução na Universidade de Ouro Preto (M.G.)."

B) Unidades de significado

1. O S4 desistiu do curso porque a psicologia nunca foi sua primeira opção.
2. Decepcionou-se com a linha behaviorista adotada no curso.
3. Refez sua escolha para o curso de Tradução em outra universidade.

C) Compreensão das unidades relatadas

O sujeito 4 apesar de admitir que a psicologia nunca foi sua primeira escolha profissional, uma vez aprovado no vestibular tentou cursá-la, mas não conseguiu porque se decepcionou com a linha (abordagem) teórica adotada pelo curso - o behaviorismo, que faz os primeiros semestres serem completamente desmotivadores.

O S4 esperava encontrar um curso de Psicologia mais dirigido ao ser humano. Não sendo possível encontrar sentido para continuar o curso, abandona-o refazendo sua opção, escolhendo o curso de Tradução da Universidade de Ouro Preto - M.G.

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. A Psicologia nunca foi sua escolha profissional, tentou cursá-la, mas não conseguiu; a ênfase à abordagem behaviorista colaborou para esta decisão.

2. Refez sua escolha profissional, escolhendo o curso de Tradução.

**Compreensão Ideográfica do discurso do Sujeito
que desistiu do curso de Psicologia
da USP - Ribeirão Preto (grupo A)**

O S4, uma vez aprovado no vestibular, tentou cursar Psicologia, mesmo admitindo não ser esta sua primeira opção profissional. Nesse existir perdeu-se na inautenticidade, porque não sendo ele mesmo, alienou-se de seu SER e tornou-se um entre outros. O ingresso na Universidade foi-lhe suficiente para num primeiro momento tentar adaptar-se ao curso.

O modo existencial inautêntico, impessoal, seduz, tranquiliza de certa forma, mas aliena o SER-aí da existência na sua temporalidade e historicidade.

A estrutura seletiva da política educacional contribuiu efetivamente para a alienação do SER-Aí, à medida que super valoriza o status de universitário de uma das melhores universidades do país com reconhecimento mundial.

Desse modo o S4 não assumiu sua existência mas sim deixou-a ser controlada pelo impessoal, tentando adaptar-se ao curso. Não conseguiu, pois "decepcionou-se com a estrutura

behaviorista adotada nos primeiros semestres, já que esperava um curso mais dirigido ao ser humano".

Nesse momento não conseguindo conviver com a impessoalidade de sua não escolha, escolheu abandonar o curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto. Esta passagem do impessoal, isto é dos "outros", do "quem" e/ou do "ninguém" que ocultou-o a SER si mesmo, foi recuperado quando S4 decidiu-se por um poder-ser a partir do próprio si mesmo, escolhendo o curso de Tradução na Universidade de Duro Preto - M.G.

A) Discurso do Sujeito 5

"Sempre gostei e estudei mais as matérias da área de exatas. No momento que fiz vestibular, a minha opção foi psicologia por 3 motivos: queria morar fora de casa, e se fizesse algum curso de exatas certamente o faria na Unicamp e eu sou de Campinas (teria que morar em casa). Como a maioria da minha família fez cursos de exatas, achei que poderia ter influência indireta do meu pai (que é físico) e que a escolha profissional tem que ser bem pessoal.

Fazia análise e me interessei por psicologia, só que gostar e exercer uma profissão são coisas bem diferentes. Desisti não por decepção do curso e sim porque já escolhi errado, ou seja, não me preocupei em escolher um curso que gostava e me influenciei por estes 3 motivos já citados. Atualmente curso Matemática aplicada e computacional na Unicamp."

B) Unidades de significado

1. "Sempre gostei das matérias das exatas", entretanto a escolha pelo curso de psicologia possibilitava ao S5 morar fora da residência paterna.
2. Decepcionou-se com sua escolha profissional e não com o curso de Psicologia.

C) Compreensão das unidades relatadas

O S5 desistiu do curso de Psicologia porque percebeu que os motivos que o levaram a escolhê-lo - morar fora da residência paterna, influência indireta do pai - não foram suficientes para assumir uma profissão. O gostar de matérias da área de exatas foi uma pista que possibilitou o S5 a refazer sua opção - escolhendo o curso de Matemática aplicada e computacional na Unicamp.

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. O S5 abandonou o curso de psicologia porque não se preocupou em escolher o curso de que realmente gostava, refez sua opção, escolhendo matemática.

2. Refez sua opção escolhendo Matemática.

**Compreensão Ideográfica do discurso do Sujeito
que desistiu da escolha do curso de Psicologia
da USP - Ribeirão Preto (grupo A)**

Fascinado pela sede de novidade que o morar fora da casa dos pais poderia trazer, o S5 experiencia o seu viver inautêntico, escolhendo o curso de Psicologia da USP de Ribeirão Preto.

Nesse sentido o sujeito 5 não se comprometeu com sua escolha profissional, pois apesar de sempre gostar das matérias da área de exatas, decidiu no momento do vestibular optar por psicologia - ocultando nesse modo de ser que foi guiado pelo mundo dos "outros": E neste sendo interrogado - "me interesse

por psicologia, só que gostar e exercer uma profissão são coisas diferentes...”

Nesse interrogar o S5 busca uma abertura e vê a possibilidade de ser autêntico, percebendo que não se decepcionou com o curso de Psicologia, mas sim com a inautenticidade de sua escolha. Ao tomar consciência desse modo existencial impessoal esclarece-se e parte em busca de uma nova escolha profissional, o curso de Matemática Aplicada e computacional da Unicamp.

**ANÁLISE IDEOGRÁFICA DO DISCURSO DE 5 SUJEITOS
QUE ESTÃO EXPERIENCIANDO A ESCOLHA DO
CURSO DE PSICOLOGIA (grupo B)**

- A - Discurso do sujeito em sua própria linguagem
- B - Unidades de significado
- C - Compreensão das unidades relatadas
- D - Expressões sintéticas da compreensão

A) Discurso do Sujeito 1

"Acho que a escolha feita é realmente o que eu queria ter escolhido. Quanto à faculdade acho que está deixando a desejar em alguns aspectos, pois não possui aprofundamento em questões mais filosóficas e humanas. Parece que estou me sentindo bem em relação à escolha feita, há algumas coisas que estou vendo nas aulas que não tinha nenhum conhecimento.

Há algumas matérias que são obrigatórias que na minha opinião deveriam ser optativas, para as pessoas que se interessassem mais pela área seriam beneficiadas. O curso de psicologia daqui dá a impressão de que foi feito em função da parte da pesquisa estabelecida aqui na faculdade (Psicobiologia).

Apesar desses pontos pretendo continuar o curso e estou gostando bastante. Há algumas matérias de maior interesse e outras de menor, mas acredito que isso ocorra em qualquer curso."

B) Unidades de significado

1. O S1 parece estar satisfeito com sua escolha profissional.

2. O S1 sente a ausência de um aprofundamento filosófico e humano em algumas disciplinas.

3. Critica o curso por enfatizar a pesquisa na área da Psicobiologia.

C) Compreensão das unidades relatadas

O sujeito 1 parece estar satisfeito com sua escolha profissional mas aponta alguns aspectos do currículo de Psicologia que poderiam ser modificados como por exemplo o aprofundamento em questões filosóficas e humanas, bem como flexibilidade maior entre as disciplinas obrigatórias e optativas. Ressalta ainda a ênfase do curso em relação à pesquisa na área de psicobiologia.

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. O S1 parece estar satisfeito com sua escolha profissional e atribui à estrutura curricular do curso sua insatisfação e as questões filosóficas deveriam ser enfatizadas no curso.

Compreensão Ideográfica do Discurso do Sujeito 1 que está experienciando sua escolha profissional (grupo B)

O Sujeito 1 acha que está satisfeito com sua escolha profissional. Porém aponta algumas falhas na estrutura curricular do curso de Psicologia, por exemplo:

Sente falta de um aprofundamento maior em questões filosóficas e humanas, o que na realidade não deveria ocorrer num curso de psicologia, entretanto se dirigirmos um olhar atento à história do ensino universitário brasileiro, verificamos que a partir da Reforma Universitária/1968, houve um esvaziamento intencional dos componentes curriculares (Filosofia, Sociologia, Antropologia) enfim, disciplinas que dado a especificidade do próprio conteúdo provocaria um re-pensar do

ser-no-mundo. Nesse momento, o regime ditatorial lança mão da censura, a filha preferida da hipocrisia e em nome da "estabilidade da família brasileira" experienciamos mais de duas décadas de repressão.

Lançado neste contexto o S1 teve sua existência historicamente situada e está experienciando sua escolha profissional.

E sabe-se que as condições históricas legadas por regimes ditatoriais e no caso específico o que vivenciamos no período de 1964-1984, no Brasil não possibilita a promoção do homem como ser-no-mundo, preocupado consigo mesmo, e com os outros, ou seja, de um SER comprometido com a construção de seu destino, num estado de solicitude. Nesse existir o homem é condicionalmente dirigido à alienação de seu SER e torna-se um entre os "outros". Envolvido por uma gama de valores "anônimos" e impostos o S1 experiencia um modo de ser inautêntico, onde os "outros" decidem o que, o como, e quando deve realizar suas escolhas.

Nesse sentido quando o S1 fala que "acha que está satisfeito com sua escolha profissional" seu discurso expressa um modo de SER- inautêntico, o "achar" encobre, oculta o seu SER verdadeiro.

Entretanto, se o curso possibilitasse um questionamento "filosófico e humano" por certo provocaria um re-pensar crítico e profundo sobre a sua escolha profissional e iluminaria o "acho que estou satisfeita". Nesse momento o Si teria possibilidade de realizar escolhas autênticas porque estaria vivenciando um modo de ser autêntico.

A) Discurso do Sujeito 2

"Escolhi psicologia procurando uma área humana e me deparei com um curso direcionado para área de biológicas, e sem muito ânimo, no 3º semestre resolvi interromper o curso, pois ele não tinha suprido as minhas expectativas. Um semestre depois, após tentar um novo vestibular e não passar, trabalhei; mas isso não me bastou.

Resolvi voltar a estudar com outra visão - não esperar nada da faculdade e tudo de mim. Caso contrário, desistiria novamente. Acho que a Universidade (de forma acentuada, Ribeirão Preto) encontra-se distante da realidade, não oferece a cultura que se propõe a dar. Não prepara para o mercado exceto por uma postura individual e não curricular."

B) Unidades de significado

1. A decepção com a estrutura curricular do curso de Psicologia levou o S2 a abandoná-lo.

2. Prestou vestibular, trabalhou e retornou ao curso. Assumiu uma visão essencialmente individualista para não abandoná-lo novamente.

C) Compreensão das unidades relatadas

No experienciar a escolha pelo curso de Psicologia o S2 decepcionou-se com sua estrutura teórico-metodológica; a ênfase dada à área biológica levou-o a abandoná-lo, visto esperar um curso mais dirigido à área humana.

Após não ter sido aprovado em outro vestibular e exercer uma atividade remunerada, o S2 não se sentiu satisfeito fora do horizonte acadêmico. Retorna desencantado ao curso, pois conhecendo sua estrutura curricular "voltado para a área biológica" elaborou um "esquema" para enfrentá-lo, ou seja "retorno não esperando nada da faculdade e tudo de mim", como se fosse possível ... "eu faço de conta que ensino e você faz de conta que aprende".

Nesse "esperar tudo de mim" o S2 evidencia todo o seu desencanto com o curso ao mesmo tempo que não tem poder suficiente para procurar um outro curso de Psicologia "voltado para a área humana". Enfim "sobreviver" como universitário é "preciso..." Fazer o que realmente gosta nem sempre... Assim, mesmo não estando o curso voltado para a área humana e não lhe proporcionando satisfação, "cultura", nem o preparando para o "mercado de trabalho", o S2 continua freqüentando-o.

D) Expressão sintética da compreensão

1. O S2 decepcionou-se com a estrutura do curso de Psicologia, a ênfase à área biológica levou-o até a abandoná-lo, por um semestre, pois esperava um curso dirigido à área humana.

Compreensão Ideográfica do Discurso do Sujeito 2 que está experienciando sua escolha profissional (grupo B)

O ato do S2 em desistir da escolha pelo curso de Psicologia evidencia que percebeu o seu modo de ser-inautêntico. Essa atitude revela um alerta, um ouvir a voz da sua consciência para vir a experienciar um modo de ser mais verdadeiro, que

visualizou na possibilidade de refazer sua escolha profissional concorrendo a outro vestibular.

Entretanto este desejo não se concretizou, porque o S2 não conseguiu vencer a seletividade e concorrência estabelecida pelo sistema educacional brasileiro, e se lança ao mercado de trabalho. Não se satisfez também com o emprego (apesar de não ter especificado que tipo de atividade exerceu), e há evidências de ter sido um desses "bicos" (sub-empregos) tão comuns à população desqualificada.

Nesse momento o decaimento invade seu SER e ele retorna ao curso de Psicologia com o propósito de "não esperar nada da faculdade e tudo de mim" tal como se fosse possível mergulhar no oceano e não se molhar. O "não esperar nada" de um curso que o habilitará a exercer uma profissão é realmente desalentador e especificamente em se tratando da formação de psicólogo. Essa ação revela que o S2 não foi capaz de ultrapassar a rede de valores impostos a anônimos comuns ao modo de SER inautêntico, e essa ação indica impessoalidade e irresponsabilidade com sua escolha.

Tentou recuperá-la ao decidir por si próprio, quando abandonou o curso, todavia se perdeu na impessoalidade dos "outros", não sendo capaz de poder-ser, ou seja, sair do "eles" para SER-si-

mesmo, dizendo "esperar tudo de mim e nada da faculdade". Além de demonstrar uma atitude alienada, o S2 demonstra que criou uma espécie de "redoma", uma "couraça" para lhe proteger das seqüelas de um curso que, segundo seu discurso, não lhe apresenta sentido, não lhe possibilita um realizar-se como pessoa, um vir a ser um SER consciente. E, desse modo inautêntico, continua experienciando sua escolha profissional.

A) Discurso do Sujeito 3

"Sempre gostei de Psicologia e agora gosto mais, porque me é mais claro o que ela faz. O que me dói é não ter a área que quero (transpessoal) e que o curso não mostra muito o lado prático e humano da psicologia. Estão criando psicólogos elitistas e insensíveis aos problemas humanos.

Mas estou procurando fora e conseguindo aos poucos o que quero. O curso deveria ter mais cursos optativos e em áreas variadas, alternativas possíveis ... Pelo amor de Deus!"

B) Unidades de significado

1. O S3 está satisfeito com sua escolha profissional.

2. Lamenta o curso de Psicologia não oferecer a área transpessoal.

3. O curso forma psicólogos elitistas e insensíveis aos problemas humanos.

4. O S3 procura complementar fora da faculdade sua formação humanista.

C) Compreensão das unidades relatadas

O sujeito 3 expressa em seu discurso um descontentamento com o curso de psicologia, por ele não enfatizar a área humana, e busca fora dos muros da faculdade suprir essa lacuna que o próprio curso deveria possibilitar-lhe. Mas está satisfeito por ter escolhido a Psicologia.

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. O S3 está satisfeito por ter escolhido a Psicologia, entretanto está insatisfeito com o curso de Psicologia da F.F.C.L.R.P., por não oferecer a área transpessoal;

2. Complementa a lacuna humanista do curso de Psicologia fora da faculdade.

**Compreensão Ideográfica do Discurso do
Sujeito 3 que está experienciando sua
escolha profissional (grupo B)**

O discurso do S3 esclarece que apesar de perceber as limitações do curso de Psicologia em não lhe possibilitar a área transpessoal, é a Psicologia sua escolha profissional. Este modo de ser do S3 expressa preocupação e seriedade com sua existência; ele está consciente de que é o curso que não lhe possibilita outras alternativas de escolhas, e não a ciência Psicológica.

Essa compreensão evidencia que refletiu e avaliou o seu mundo-vida, aponta falhas da estrutura curricular, percebe claramente que a Psicologia como ciência lhe oferece um leque de opções, mas o curso de Psicologia da USP de Ribeirão Preto está mais dirigido, neste momento histórico, às tendências do neopositivismo que oferece condições para elaborar uma psicologia científica em bases estritamente behavioristas, porque permite adequação do discurso científico às regularidades comportamentais observadas.

Sem dúvida alguma outras tendências como o "cognitívismo, as correntes clínicas de matriz psicodinâmicas"

(Pessoti, 1988:30), desenvolvimentistas e humanistas são oferecidas pelo curso, entretanto a abordagem transpessoal ainda não conquistou o espaço acadêmico. Cabe ao aluno que por ela se interessar, buscar fora dos horizontes da faculdade. Essa atitude que o S3 tem assumido revela que ainda não se libertou das amarras da impessoalidade pois se por um lado seu discurso expressa seriedade ao se lançar na busca do que realmente gosta, fora da faculdade (área de transpessoal), por outro experiencia ainda um modo de ser inautêntico, por não partir em busca de um outro curso que lhe possibilite um modo de ser mais verdadeiro.

A) Discurso do sujeito 4

"Realmente me sinto arrependida, pois minha visão de psicologia já não corresponde ao que me é oferecido aqui em Ribeirão Preto, acho que deveria ter escolhido USP - São Paulo ou outras faculdades melhores

Vejo que as áreas que estou me interessando não existem aqui, por isso procuro fora. Como é o caso de participar de um grupo de estudos de Jung e um outro de Rogers. Também não existe por aqui ninguém que pelo menos saiba o que é Somaterapia. Também acho que faltam cursos sobre Reich, por

quem eu me interesse muito. No mais, acho que o que falta também aqui é aquele espírito de integração que existe nas Universidades e que aqui não existe. Por exemplo, integração entre cursos que não dá pra ser realizada aqui."

B) Unidades de significado

1. O S4 encontra-se "arrependido, pois sua visão de psicologia já não corresponde ao que lhe é oferecido no curso"

2. O S4 interessa-se pelos estudos de Jung, Rogers e Reich.

3. A ausência de integração entre os cursos (Química - Psicologia e Biologia) e entre as faculdades (Medicina, Odontologia, Farmácia e Filosofia) são aspectos que o S4 aponta como limitadores de horizontes.

C) Compreensão das unidades relatadas

No experienciar sua escolha profissional, o S4 constatou que as áreas de seu interesse (estudos sobre Jung, Reich, Rogers e Somaterapia) não são oferecidos pelo curso de Psicologia da USP-RP. Nesse momento arrepende-se por não estar cursando Psicologia em outra faculdade que pudesse proporcionar esses estudos.

Outro aspecto que lhe chamou a atenção é o não espírito de integração entre os cursos (Química, Psicologia e Biologia oferecidos pela F.F.C.L.R.P.) e muito menos entre as faculdades (Medicina, Odontologia, Farmácia e Enfermagem). Esse isolamento limita os horizontes de seu *mitwelt*, enfim o homem não apenas é e está num mundo, mas é essencialmente a relação que estabelece com este mundo.

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. O S4 frustra-se com a estrutura curricular do curso de Psicologia da F.F.C.L.R.P. - USP, buscando fora da faculdade as áreas de seu interesse.

2. A ausência de integração entre os cursos limita os horizontes de seu *mitwelt*.

**Compreensão Ideográfica do Discurso do
Sujeito 4 que está experienciando sua
escolha profissional (grupo B)**

O discurso do Sujeito 4 demonstra o seu descontentamento com a estrutura curricular do curso de Psicologia, e não com a sua escolha propriamente dita. A psicologia continua sendo sua opção profissional, a ponto de pensar que "deveria ter escolhido outra faculdade...", outra que lhe possibilitasse o acesso aos estudos sobre Jung, Rogers, Reich e Somaterapia, os quais tem que buscar fora do horizonte institucional.

O ato de buscar complementar fora da instituição sua formação acadêmica, revela um estado de alerta, ou seja, o S4 está atento ao seu modo de ser-aí. Nesse sentido quando refere-se que sua "visão de psicologia já não corresponde a que lhe é oferecido no curso", evidencia o dinamismo próprio do existir humano, ao mesmo tempo oculta-se, esconde-se e alivia-se justificando que deveria fazer outro curso de psicologia; limita-se em falar da não integração dos cursos do campus.

O palavrório identificando o seu descontentamento é constante, entretanto, ainda não se prolonga na angústia, e nela o Ser se sente desabrigado das familiaridades próprias do cotidiano. É

o momento em que o SER-Aí se desnuda para si próprio sua condição de ser-no-mundo, e inaugura o seu próprio caminho para realizar escolhas autênticas.

Mas o S4 ainda não se permite mergulhar na angústia; caso mergulhasse, por certo inauguraria a possibilidade de experienciar um modo de ser autêntico. Todavia, vai se "ajeitando", "adaptando", adiando a possibilidade de vir-a-ser um profissional engajado e comprometido consigo próprio e com os outros seres.

A) Discurso do Sujeito 5

"Considero que comecei o curso com muitas expectativas, esperando me ampliar em conhecimentos enquanto pessoa e por este motivo fiz esta opção, queria fazer algo que me possibilitasse meu auto-conhecimento, crescimento e me desse embasamento teórico-prático para que pudesse desenvolver meu modo de trabalho próprio auxiliando o processo de crescimento de outras pessoas.

Entrei no curso, afundei-me em estudos e... decepção. Comecei a perceber que estava me empenhando em muitas coisas em vão, minha vida, meu tempo estava sendo levado por coisas que não

iriam e nem estavam me completando, formando-me. Atualmente, sinto-me perdida no meio de tantas teorias e a validade delas em minha atuação prática? Sinto que o muito que aprendi tenho de desconsiderar para poder chegar no outro e lidar com suas sensibilidades, agora no 4º ano vejo que muito que trouxe para a faculdade e que perdi com a massificação do que é científico, tenho que retomar, ser sensível novamente, porque só isso me aproxima do outro e me possibilita entrar no seu mundo para compreendê-lo.

Desconsidero muita coisa aprendida nestes 3 1/2 anos, mas acho que pude definir negativamente, através das teorias dadas o que não quero ser enquanto profissional. Psicologia agora para mim tem de estar mais perto da pessoa, de suas vivências, de seu corpo, de seu sentir, do que conteúdo que racionaliza para me dar, para falar de si. O "falar de si" de alguém agora é muito mais sua vida enquanto um todo, inclusive seus racionalismos."

B) Unidades de significado

1. O S5 optou pelo curso de psicologia em busca de "auto-conhecimento", embasamento teórico-prático e esperava um curso integrado.

2. Ao vivenciar a escolha em sua cotidianidade o S5 decepcionou-se - "comecei a perceber que estava me empenhando em muitas coisas em vão, meu tempo estava sendo levado para coisas que não iriam e nem estavam me completando, formando-me".

3. "Sinto-me perdida no meio de tantas teorias e a validade delas para minha atuação profissional?"

4. No 4º ano o S5 percebeu que sua sensibilidade tinha sido afetada pela massificação do que é científico veiculado no curso ... "e é preciso retomar a sensibilidade, só ela possibilita compreender o mundo do outro.

5. Desconsidera muita coisa aprendida no curso, "mas acho que pude definir negativamente, através das teorias dadas o que não quero ser enquanto profissional. Psicologia, agora, tem que estar mais perto da pessoa, de suas vivências..."

C) Compreensão das unidades relatadas

O S5 esperava vivenciar o embasamento teórico-prático desenvolvido no curso de psicologia de uma maneira integrada, isto é, que lhe permitisse no "aqui, agora", seu auto-conhecimento, bem como a desenvolver sua personalidade.

Entretanto, o dia-a-dia no curso possibilitou-lhe conhecer sua desarticulação, ora em relação aos conteúdos ministrados sem significado para sua vida; ora em relação à fundamentação filosófica que embasa as teorias psicológicas oferecidas no curso. Este confronto levou o S5 "a sentir que perdia seu tempo e sua vida"... Nesse momento comparou o tempo vivido antes de ingressar na faculdade, com o que experienciava durante o curso e percebeu que teria de retomar sua "sensibilidade que fora massificada em nome do caráter 'científico' do curso".

Sem dúvida, a ciência psicológica, ao adotar o modelo do método experimental utilizado pelas ciências exatas, - o positivismo de Comte, séc. XIX, - fragmentou o saber e perdeu de vista o humano.

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. O S5 decepcionou-se com a estrutura do curso de Psicologia e com a visão reducionista das teorias psicológicas, esperava um curso que tentasse compreender o ser humano como um todo.

**Compreensão Ideográfica do Discurso do
Sujeito 5 que está experienciando sua
escolha profissional (grupo B)**

O discurso do S5 revela um ser preocupado em experienciar a possibilidade de uma escolha profissional autêntica. O modo como o S5 vivencia sua trajetória acadêmica evidencia seu comprometimento, sua busca, sua "coragem em fazer de si próprio o que quer ser" (Tillich, pg. 109), pois esperava que o curso lhe "possibilitasse auto-conhecimento, crescimento e embasamento teórico-prático para lhe habilitar profissionalmente".

Nesse momento, teve sua existência compartilhada com a dinâmica própria do curso de psicologia, que inclui viver um horizonte de livros, oferta de disciplinas, conteúdos, equipamentos escolares, professores, etc. Nesse mergulho encontrou um curso desarticulado, ora em relação aos conteúdos ministrados, ora em relação à fundamentação filosófica que embasa a maioria das teorias psicológicas.

Imerso nesse mundo de relações o S5 percebeu que "estava empenhado em muitas coisas em vão, minha vida, meu tempo estava sendo levado por coisas que não iriam e nem estavam me

completando". Esse ato de ver o que estava acontecendo é uma forma de existir que des-vela um SER-Aí atento, acordado para o mundo, ou seja, o S5 luta para não se perder de si mesmo, não se perder nas potencialidades das normas e regras, próprias da estrutura institucional.

Lançado nesse mundo de impessoalidades, o S5 "sente-se perdida no meio de tantas teorias" e indaga... qual "a validade delas em minha atuação prática?" Nesse modo de ser-aí, o S5 sentiu-se perdido e angustiado diante de sua escolha profissional, afinal sente-se responsável por ela.

Consciente de sua temporalidade, o S5 tentou compreender o seu sendo buscando sentido no passado e sentiu que teria de retomar sua "sensibilidade", que fora "massificada" em nome do caráter científico dado ao curso, e projeta o futuro percebendo que para compreender o "outro" é preciso sentir o "seu corpo", "suas vivências", enfim, o SER humano precisa ser compreendido em sua totalidade. Assim o S5 ao negar a fragmentação das teorias, está questionando a visão reducionista veiculada e utilizada por elas para interpretar a pessoa humana. O SER é grande demais para encaixar numa explicação teórica.

Nesse sentido o S5 está interrogando o método, o modelo que continua sendo largamente utilizado pela ciência psicológica, que em adotar o modelo do método experimental utilizado pelas ciências exatas, privilegia a quantidade, a medida, as reações determinadas, a repetição, e não leva em conta o SER como um todo, com sentimento, desejos, emoções, angústias, fantasias e sonhos.

Esse modo de SER do S5 revela um ser comprometido com sua existência, um ser que assumiu o seu poder de ser-si-mesmo. Ser-si-mesmo é assumir a própria autenticidade. Autenticidade não é um simples modo de existência, é o poder que é exercido sobre o homem e que o chama para ser si mesmo, que ocorre através da resolução que é o ouvir a voz de sua consciência. No estado de resolução o S5 avaliou sua liberdade, sua impotência e vulnerabilidade e escolheu a Psicologia Humanista, que por fundamentar-se no pressuposto epistemológico, que privilegia a relação sujeito-objeto, lhe possibilitará "estar mais perto da pessoa, de suas vivências, de seu corpo, de seu sentir, do que conteúdo que racionaliza para me dar, para falar de si". Assim o S5 correu riscos e assumiu a responsabilidade de experienciar autenticamente sua escolha profissional, para vir-a-ser um profissional engajado.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA DO DISCURSO DE 5 SUJEITOS QUE
CONCLUÍRAM O CURSO DE PSICOLOGIA (grupo C)

- A- Discurso do sujeito em sua própria linguagem
- B- Unidades de significado
- C- Compreensão das unidades relatadas
- D- Expressão sintética da compreensão

A) Discurso do Sujeito 1

"Hoje percebo que a formação universitária é muito deficiente, sinto-me um pouco 'culpada' por não ter acreditado nisto antes e ter compensado isto por conta própria, o que tenho feito ultimamente (estudando muito).

Outra coisa que pode ser desmotivadora é o mercado de trabalho restrito e a falta de respeito pelo psicólogo e seu trabalho quando se trata de instituição e equipes multidisciplinares; no entanto tento canalizar isto para motivar-me a estudar ainda mais.

Atualmente estou cursando o programa de Residência Clínica no Departamento de Neuropsiquiatria e psicologia Médica no

hospital das Clínicas da Com a complementação que estou tendo em minha formação através da residência, sinto-me mais segura para a atuação profissional e disposta a continuar estudando (Pós-Graduação) e a iniciar o trabalho clínico (apesar das dificuldades financeiras para montar uma clínica).

Durante o período de graduação, por muitas vezes pensei em abandonar o curso, pensando não ter 'aptidão' para esta carreira, mas agora que estou recebendo formação de melhor qualidade, com acompanhamento e supervisão mais eficientes, estou satisfeita pela escolha que fiz e motivada a continuar lutando por ela."

B) Unidades de Significado

1. Formação universitária é deficiente, necessitou complementá-la.
2. Mercado de trabalho restrito.
3. O trabalho do psicólogo não é reconhecido quando exercido em instituições, nem por equipes multidisciplinares.

4. No decorrer da graduação pensou em refazer sua escolha profissional.

C) Compreensão das Unidades relatadas

A trajetória percorrida pelo S1 demonstra que a formação que recebeu não lhe possibilitou segurança profissional, e se culpa por não ter suprido essa falha do curso durante a graduação, de vítima de uma estrutura universitária falha, se sentiu réu. Concorrer a um mercado de trabalho tão restrito quanto o nosso, já é uma tarefa difícil, pior quando percebe que esta insegurança reside a nível de competência técnica. Complementa sua formação com a residência no Hospital das Clínicas, pensa em continuar seus estudos e até em abrir uma clínica.

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. Decepcionou-se com o curso de Psicologia, por não tê-lo preparado profissionalmente.

2. Amplia seus conhecimentos através da residência no Hospital das Clínicas.

3. Atuar na área clínica é um sonho... ainda.

Compreensão Ideográfica do Discurso do Sujeito que concluiu o curso de Psicologia (grupo C)

O discurso do S1 evidencia um ser "culpado", "arrependido", um ser que ainda não se encontrou, e que, ao avaliar sua trajetória acadêmica percebeu que "sua formação universitária foi deficiente", ao mesmo tempo se "culpa por não tê-la complementado estudando mais ... Percebe-se que ao longo de seu tempo vivido na faculdade "pensou várias vezes em abandonar a psicologia", pensando não ter "aptidão" para ser psicóloga; todavia não teve coragem para abandoná-lo e partir em busca de outro curso que lhe possibilitasse prazer, bem como assumir os riscos e desafios inerentes a cada escolha profissional.

Ao contrário, o S1 se perde na impessoalidade de sua escolha e nesse modo de ser inautêntico conclui um "curso" que o habilita a "uma carreira que pensou não ter aptidão", lança-se num mercado de trabalho altamente restrito, "montar uma clínica além das dificuldades financeiras" há a insegurança profissional que tenta complementar com cursos de especialização. Especialização, luz única que o S1 vislumbra nesse momento, na qual atribui satisfação e motivação em continuar lutando pela sua profissão.

Imerso nesse mundo de ambigüidades o Si tenta encontrar sentido para não partir em busca de uma outra escolha profissional. Assim vai justificando a si próprio o adiamento da possibilidade de um viver autêntico...

A) Discurso do Sujeito 2

"Eu sinto que estou muito distante de uma realização profissional plena, e isto gera muita frustração em mim. Em primeiro lugar, o mercado de trabalho do Psicólogo é extremamente saturado e concorrido (tive oportunidade de me defrontar diretamente com ele através de concursos e seleções nos primeiros 6 meses de formada). Obs: me formei em 1988. Depois são as exigências de 2, 3, 5 anos de experiência, condição esta quase sempre exigida na maioria dos empregos, resultando assim, em reduzidas oportunidades oferecidas aos recém-formados.

Além de tudo isso, tenho consciência de que a Faculdade não é suficiente para exercer o trabalho de psicóloga de uma forma segura e independente (vide a eterna necessidade de se estar fazendo cursos de complementação e supervisões, dando a sensação de que a nossa formação nunca supre as necessidades,

gerando insegurança e o adiamento do exercício profissional que se deseja realmente, sempre para mais tarde).

Se se dispor de um capital extra para se abrir a clínica, pagando aluguel ou sublocação, supervisões caríssimas, cursos, a própria psicoterapia, além de esperar 2 ou 3 anos para conseguir uma clientela razoável e suficiente para sustentar a clínica, e, só aí sustentar-se financeiramente. Essa realidade da área clínica me desanima e impossibilita de trabalhar nela, na minha situação (não disponho de recursos financeiros suficientes, além de ter ainda interesses muito diversificados). Sinto, portanto que o que devo fazer agora é adquirir experiência e delimitar minha área de interesse com mais precisão."

B) Unidades de significado

1. Mercado de trabalho do Psicólogo está saturado e concorrido, além das exigências de 2, 3, 5 anos de experiência para conseguir o emprego.

2. "Tenho consciência de que a formação recebida na Faculdade não é suficiente para exercer o trabalho de Psicóloga de uma forma segura e independente". Veja "a eterna necessidade de

se estar fazendo cursos de complementação e supervisões ... adiando assim a o exercício profissional".

3. Atuar na área clínica é praticamente impossível devido às despesas com aluguel e supervisões...

C) Compreensão das unidades relatadas

Ao ser lançado no mercado de trabalho do psicólogo, o S2 sentiu que este "está saturado e muito concorrido", deparou também com as exigências de 2 a 5 anos de experiência profissional. O que torna a situação mais difícil ainda para um recém-formado. Juntamente a esta situação o S2 avalia sua própria formação acadêmica e percebe que os 5 anos de curso não lhe foram suficientes para prepara-lo profissionalmente...; o sonho de profissional liberal... criado e alimentado na área clínica durante o curso chega ao fim. Dessa maneira as contingências de um mercado de trabalho saturado limitam o projeto de vir-a-ser do sujeito 2.

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. Decepcionou-se com o mercado de trabalho e com a própria formação acadêmica que recebeu durante o curso.

2. A área clínica é um sonho...

**Compreensão Ideográfica do Sujeito 2
que concluiu o curso de Psicologia (grupo C)**

O discurso do S2 revela que ao ser lançado no desconhecido mundo de um "concorrido e saturado" mercado de trabalho tomou consciência de sua facticidade humana, pois tem sua existência submetida a estas contingências.

Este mergulho num mundo que ele mesmo não criou, e ao qual se acha submetido, frustra-o; afinal preparou-se ao longo de 5 anos para poder exercer sua profissão ... e agora?! só lhe resta aceitar e não escolher "as reduzidas oportunidades de trabalho" nem que seja apenas para "contar tempo de experiência"... sobreviver é preciso...

Esse é um momento vivido com desencanto, frustração, impotência e angústia frente ao tão esperado futuro. Sabe-se que ao terminar um curso o jovem encontra-se cheio de expectativas e sonhos para exercer sua profissão. O S2 tenta assim compreender o seu SER, e, avaliando sua trajetória acadêmica, descobre que o "curso não o preparou para exercer o trabalho de psicólogo de uma forma segura e independente". Nesse instante não atribui sentido ao seu passado acadêmico, o presente que é o seu sendo oculta um futuro promissor...

Nesse modo de ser a ausência de perspectivas sobre o que virá-a-ser, como dono de seu próprio projeto humano, provoca-lhe a sensação de que construiu seu projeto profissional num terreno movediço ... O curso não o preparou, o sonho de ter uma clínica ... também é desmoronado, devido "às próprias condições econômicas e também às inerentes à própria formação clínica do terapeuta, que exige do profissional continuas supervisões"... e agora José... a festa acabou... O que fazer? Como atribuir sentido ao futuro? Se não está encontrando significado no sendo-aqui?

Para Heidegger (1981:69), o futuro, o porvir, abre-se ao homem; o seu estar-aqui e o que ele faz "agora" e "aqui" é que lhe dá sentido do "lá", do futuro; nesse sentido presente e futuro estão imbricados no como-tem-sido-agora ... e o agora do S2 é "adquirir experiência" nas reduzidas oportunidades de "um mercado saturado e concorrido" que por certo determinará ao sujeito 2 a delimitação de sua área de interesse com mais precisão. Desse modo continua sua trajetória, sendo tragado pelo modo de ser inautêntico.

A) Discurso do sujeito 3

"Atualmente me sinto muito bem, e realizada na profissão que escolhi. Desde a época da faculdade, tendo já minha área escolhida, fui canalizando todo o estudo para a área clínica em Psicanálise, e hoje (mesmo com pouco tempo de formada), posso me considerar uma profissional realizada na área.

Mesmo antes de terminar a faculdade já havia iniciado minha análise pessoal, a qual dei continuidade ao voltar para São Paulo e estou até hoje. Logo após a formação, iniciei supervisões e grupos de estudos com Psicanalistas da Sociedade de Psicanálise de São Paulo, o que me foi dando ampla bagagem para poder atender meus pacientes.

Hoje tenho meu consultório particular, com um bom número de pacientes (no momento lotado), e dei início e sou responsável técnica há dois anos e meio, de um trabalho com autistas, que é único no Brasil, ou seja, uma clínica escola, que trabalha com autistas em psicanálise, acoplando a parte pedagógica embasada em Piaget.

Este é um trabalho que me gratifica muito, pois estamos tendo bons resultados no desenvolvimento emocional dessas crianças, a ponto de toda a nossa equipe estar sendo convidada para

palestras e supervisões. Esse trabalho é totalmente supervisionado semanalmente por uma Psicanalista, membro efetivo da Sociedade de Psicanálise de São Paulo e acompanhado através de cartas e filmes que realizamos do trabalho .

Esta Psicanalista também supervisiona o meu trabalho com crianças neuróticas a nível de consultório e realiza um grupo de estudos sobre autismo e estados primitivos da mente. Faço especialização também, em atendimento de adultos e adolescentes, com supervisão também semanal por outra Psicanalista. Portanto, no momento, me sinto crescendo muito em minha área, e muito realizada com meu trabalho."

B) Unidades de significado

1. O S3 fez sua opção para a área clínica antes de concluir o curso de Psicologia. Tem consultório e é responsável por uma clínica-escola, que trabalha com autistas em "Psicanálise" e a parte pedagógica embasada em Piaget.

2. Faz especialização em atendimento de adultos e adolescentes (Psicanálise).

3. O S3 está realizado com sua escolha profissional.

C) Compreensão das unidades relatadas

O S3 sente-se realizado como psicólogo, antes mesmo de concluir o curso já havia definido sua área de interesse - a Psicanálise. Após a graduação iniciou sua formação psicanalítica em São Paulo. Tem consultório e atende crianças neuróticas. Além deste, é responsável pela clínica-escola, que trabalha com crianças autistas em psicanálise e a parte pedagógica embasada em piaget.

Atualmente o S3 faz especialização em psicanálise de adolescentes e adultos. Esse modo de ser do sujeito 3 evidencia um ser engajado e comprometido com sua existência.

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. Atua na área clínica (Psicanálise) e sente-se realizado profissionalmente.

2. A especialização, a supervisão, são percebidas como ampliação de horizontes e conhecimentos.

Compreensão Ideográfica do Discurso do Sujeito 3 que concluiu o curso de Psicologia (grupo C)

O discurso do S3 revela um ser que elaborou e executa o seu próprio projeto de vida, um ser que assumiu o seu poder de escolher, escolhendo, entre as possibilidades profissionais, a psicologia.

Ao escolher ser psicólogo, assumiu os riscos, compromissos e responsabilidades inerentes à própria escolha profissional, que envolve escolha da área de atuação, supervisões, etc.

O S3 ainda na graduação identificou-se com a área clínica, dirigindo-se à psicanálise, que mantém ao longo de sua trajetória profissional. Esse modo de ser des-vela um ser que encontrou o seu próprio caminho, que mergulha em estudos, supervisões oferecidas pela Sociedade de Psicanálise de São Paulo, com a intenção de ampliar seus horizontes de conhecimento "para poder atender seus pacientes".

Nesse sentido a busca de conhecimentos representa abertura a novas possibilidades para poder compreender o outro (seu paciente) e se permitir a novas experiências. O trabalho que desenvolve com crianças autistas na "clínica - escola"

exemplifica o seu modo de ser dinâmico, pronto a novos desafios.

Ser é estar capacitado de se ver a si próprio e de auto avaliar-se. É ter consciência de seu modo de ser-no-mundo, preocupado com o outro e consigo próprio... "Existir é estar em inter-dependência, em solicitude com os outros" (Martins e Bicudo 1983:41). Assim o S3 assumiu responsabilidades e compromissos de um profissional autêntico ou seja, engajado, consciente de seu momento histórico.

A) Discurso do Sujeito 4

"Analisando esses 4 anos e meio de conclusão do curso, posso afirmar que sinto-me bem, profissionalmente.

Dei algumas "cabeçadas" no início da carreira, mas avalio isso com tranquilidade. A Faculdade, sem dúvidas, proporcionou-me muitos conhecimentos, informações e também formação (o que aliás é muito importante). Acredito que a postura profissional que assumo hoje frente ao mercado de trabalho, é um resultado da soma de meu "temperamento", meu esforço pessoal e, sem dúvidas, da formação recebida através do curso que aí realizei.

Dito dessa forma, a Faculdade parece maravilhosa. Na verdade, não é bem assim, pois a Faculdade forma pessoas muito "idealistas" e "teóricas", não fornecendo, em alguns momentos, dados concretos para que o futuro profissional possa lidar com a realidade do mercado de trabalho, em outras palavras, o primeiro emprego é muito frustrante, pois toma-se contato com uma realidade que não nos foi "ensinada", e as decepções afloram com facilidade. Esse fato também pode ser encarado como uma imaturidade profissional (acabei o curso com 22 anos de idade e nunca havia trabalhado).

Atualmente considero que aprendi a trabalhar com os problemas profissionais que eventualmente se apresentem, bem como a "engolir os sapos" que cruzem meu caminho, visto que optei por trabalhar como empregada.

Nos últimos 9 meses da atuação, tive possibilidade de utilizar recursos e informações que me foram oferecidos por essa Faculdade. Utilizei até mesmo conhecimentos estatísticos (fato que considerava supérfluo durante o período de aprendizagem).

Concluindo, gostaria de dizer que não me arrependo de ter feito opção pelo curso de Psicologia, embora quando fiz a

opção tivesse intenção de seguir carreira na área clínica (Psicanálise). Atualmente faço o que gosto e me realiza e, se não recebo uma fortuna, pelo menos tenho condições de prover meu próprio sustento.

Observação:

Há 9 meses trabalho na área de Recursos Humanos, como responsável pelo setor de Recrutamento e Seleção, em empresa nacional de médio porte (320 funcionários), atuante no comércio de material de construção e acabamento."

B) Unidades de significado

1. Ao avaliar sua trajetória acadêmica o S4 sentiu que a "faculdade forma pessoas 'idealistas e teóricas', não fornecendo dados concretos para que o futuro profissional possa lidar com a realidade do mercado de trabalho"

2. Reconhece que a Faculdade lhe proporcionou muitos conhecimentos, alguns como estatística, que considerava supérfluo durante o curso, agora ... utiliza-os "atualmente na área de Recursos Humanos..."

3. O S4 não se arrepende de sua escolha profissional, embora não tendo possibilidade de atuar na área clínica.

C) Compreensão das unidades relatadas

O S4 após 4 anos e meio de conclusão do curso, afirma que não se arrepende de sua escolha profissional, embora não tenha tido possibilidade de seguir carreira na área clínica, devido a dificuldades encontradas frente ao mercado de trabalho. Reconhece a importância dos conhecimentos recebidos durante o curso de Psicologia, entretanto, confessa que "a faculdade forma pessoas muito 'idealistas' e teóricas, não possibilitando assim ao futuro profissional nenhum 'dado concreto' sobre real situação do mercado de trabalho do Psicólogo".

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. Reconhece o valor da formação recebida durante o curso, entretanto confessa que a ênfase idealista do curso dificulta o engajamento do jovem profissional ao mercado de trabalho.

2. Atuar na área clínica não passa de um sonho...

Compreensão Ideográfica do Discurso do Sujeito 4 que concluiu o curso de Psicologia (grupo C)

O S4 analisa sua trajetória acadêmica denunciando a ênfase "idealista" e "teórica" dada ao curso, as quais dificultam ao futuro profissional seu engajamento no mercado de trabalho, bem como o direcionamento do curso à área clínica. Postura essa explicada pela própria história da psicologia que vem ao longo dos anos reproduzindo um modelo que não acompanha a própria dinâmica do mercado. Bem como "reconhece que a faculdade não só proporcionou-lhe informações que sem dúvida alguma são preciosas, mas preocupou também com sua formação."

Esse modo de ser do S4 expressa preocupação com seu projeto de vida, e revela seriedade com sua escolha profissional. É um ser que se avalia a si próprio numa perspectiva de totalidade que envolve sua liberdade, que envolve consciência de sua impotência e vulnerabilidade.

Ser autêntico não significa ausência de incertezas, significa que o SER compreenda sua própria temporalidade ou seja, sua facticidade e transcendência, isto significa "compreender que a existência humana são possibilidades, e que cabe ao SER-Aí fazer sua opção, sua escolha em viver uma existência autêntica

e/ou inautêntica. Sendo assim, o S4 experiencia um modo de ser que vem lhe possibilitando avaliar seu próprio projeto profissional, visualizando um vir-a-ser psicólogo, apesar de todas as dificuldades encontradas.

A) Discurso do sujeito 5

"Podemos considerar que há duas realidades diferentes: a da escola e a do mercado de trabalho. Na primeira as expectativas e possibilidades de atuação profissional são amplas e profícuas, como é em essência o objeto de estudo da psicologia. Sua execução e desenvolvimento, no entanto, dependem, em grande parte, da segunda.

Acredito que senti bem de perto o impacto dessa situação, quando do meu ingresso no mercado de trabalho. Esperei um ano e meio por essa oportunidade, mudei opções e submeti-me a tarefas que, a princípio, não concordava.

Estou há dois anos na área de psicologia do trabalho e acredito, é cedo para fazer avaliações muito profundas. Eu vivo numa realidade diferente dos meus colegas de área, pois trabalho na Universidade e tenho possibilidades de retomar minha opção inicial (estudo e pesquisa). De qualquer forma

acredito ser possível conciliar estas duas realidades numa só, pois a complexidade e flexibilidade do fenômeno psicológico possibilita inúmeras posturas e formas de se pensar e entender o homem.

O curso de Psicologia, enquanto estrutura de ensino, curso de graduação, tende a passar para o aluno uma visão idealista de sua capacidade de transformação, e que é normalmente reconhecido como a "onipotência" do psicólogo. Este é o primeiro obstáculo do profissional que ingressa no mercado: vencer sua onipotência é (re) conhecer sua competência.

O desenvolvimento profissional, porém, é um desenvolvimento pessoal e essas transformações levam tempo, mas, principalmente, questionamento sob e sobre todas as formas.

Acredito que o curso de graduação deveria auxiliar nesta postura, como ele nunca deveria ter desligado da sua origem filosófica".

B) Unidades de significado

1. O S5 revela que há duas realidades distintas em relação à escolha profissional: a 1ª diz respeito às expectativas e

possibilidades experienciadas durante o curso, momento onde tudo é possível; a 2ª é a realidade do mercado de trabalho.

2. O curso de psicologia veicula uma visão idealista ao jovem profissional e não o prepara para o mercado de trabalho.

3. O S5 trabalha na área operacional (na universidade), o que lhe possibilita conciliar trabalho com estudo e pesquisa - sua primeira opção de área de trabalho.

4. A psicologia nunca deveria "ter desligado da sua origem filosófica."

C) Compreensão das unidades relatadas

O S5 percebeu que a visão idealista do curso de Psicologia, dificulta em grande parte a realização profissional. Nesse sentido o S5 chegou despreparado para enfrentar o mercado de trabalho, não só em relação a opção de área de trabalho, onde teve que "aceitar trabalhar na área organizacional modificando desse modo sua 1ª opção (estudo e pesquisa), realizada durante o curso, como submeter-se a tarefas que a princípio não concordava".

Outra consequência dessa visão idealista é que dificulta também o ingresso ao mercado de trabalho é a "onipotência do psicólogo", a qual deveria ser vencida através do reconhecimento de sua competência. Para o S5 o curso deveria permitir uma menor distância entre as expectativas criadas durante o período de formação com as reais condições do mercado de trabalho, bem como a Psicologia "nunca deveria ter desligado da sua origem filosófica".

D) Expressões sintéticas da compreensão

1. A visão idealista e reducionista do curso de Psicologia dificulta o ingresso do profissional ao mercado de trabalho.

Compreensão Ideográfica do Discurso do Sujeito S5 que concluiu o curso de Psicologia (grupo C)

O discurso do S5 revela um modo de ser preocupado, e atento em relação à escolha profissional, pois ao avaliar sua trajetória acadêmica evidencia dois momentos muito importantes que interferem na realização profissional. O primeiro refere-se à estrutura idealista do curso de psicologia que experienciou, que por não possibilitar-lhe um contacto com as reais

condições de mercado de trabalho, dificultou-lhe sua inserção ao mesmo. Para o S5 a realização profissional depende muito desse segundo momento (o mercado de trabalho).

Esta desvinculação entre teoria e prática, levou o S5 a elaborar expectativas, sonhos e projetos durante sua formação, principalmente em relação à sua escolha de área de atuação, que, em contato com as reais condições de mercado de trabalho não foi possível operacionalizar. "Esperei um ano e meio para arranjar um emprego, mudei de opções e submeti-me a tarefas que a princípio não concordava." Ao se sentir lançado neste mundo de ninguém, o S5 vivenciou o impacto de ter sua realização profissional limitada às atuais condições históricas de mercado de trabalho.

Neste momento reorganizou seu projeto de vida a partir dessas possibilidades, o que implicou em mudar de opção de área de trabalho, submeter-se a "tarefas que a princípio não concordava e re-conhecer que a onipotência do psicólogo, veiculada durante o curso, é o primeiro obstáculo do profissional que ingressa no mercado de trabalho."

Esse re-conhecimento revela que o S5 tomou consciência, ou seja, passou a ver, a avaliar sua existência, em relação ao seu próprio modo-de-ser. Neste estado de alerta percebeu que

o desenvolvimento profissional está interligado ao pessoal, ou seja, o SER é um todo e não soma de partes; percebeu também que, ao longo do curso de graduação, deveria ter experienciado questionamentos que envolvessem aspectos sobre "o desenvolvimento profissional e pessoal", como também nunca a "Psicologia deveria ter desligado de sua origem filosófica".

Esse modo de ser do S5 revela um ser preocupado com sua existência, pois questiona sua formação, entretanto ainda não se sentiu seguro para encontrar o seu próprio caminho... Quem sabe o seu "retorno a sua opção inicial (estudo e pesquisa)" que seu emprego atual permite, lhe oferecerá esclarecimentos para um viver autêntico, ou seja, um viver que lhe permita ser conhecedor de si mesmo e de suas condições, o que envolve estar preocupado com a existência humana numa dimensão de liberdade.

- Ao finalizar este momento, com grande parte da redução fenomenológica já elaborada, dirijo-me à compreensão geral do fenômeno escolha profissional experienciada pelos 15 sujeitos. Essa compreensão será apresentada por intermédio de quatro unidades de significado que representam as convergências nascidas entre os discursos, aqui denominadas de expressões sintéticas.

BIBLIOGRAFIA

- Beaini, T. C. - À Escuta do Silêncio: Um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger, S.P., Edit. Cortez, 1981.
- Heidegger, M. - Todos nós...Ninguém: um enfoque fenomenológico do social - Apresentação, introdução, notas e epílogo Solon Spanondi; Trad. e comentário Dulce Mara Critelli, S.P., Edit. Moraes, 1981.
- Martins, J; Bicudo, M.A.V. - Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação, S.P., Edit. Moraes, 1983.
- Pessotti, I. - "Notas para uma História da Psicologia Brasileira" - In: Quem é o Psicólogo Brasileiro?, Conselho Federal de Psicologia - S. Paulo, Edicon, Cap I, 1988.
- Tillich, P. - A Coragem de Ser - Trad. Eglê Malheiros - R.J., Edit. Paz e Terra, 1967.

CAPÍTULO V

ANÁLISE NOMOTÉTICA

Ao leitor que me vem acompanhando apresento-lhe:

a) A matriz das expressões sintéticas, item "D" obtidas na análise ideográfica.

b) O quadro das unidades de significado e/ou categorias que representam as convergências entre as expressões sintéticas.

c) A compreensão do fenômeno interrogado - a escolha profissional, experienciada pelo SER que escolheu o curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras USP - Campus de Ribeirão Preto.

d) Horizontes.

MATRIZ DAS EXPRESSÕES SINTÉTICAS "D" OBTIDAS NA ANÁLISE IDEOGRÁFICA

Expressões sintéticas da compreensão do discurso dos 5 sujeitos que desistiram da escolha do curso de Psicologia

Expressões sintéticas da compreensão do discurso dos 5 sujeitos que estão experienciando a escolha do curso de Psicologia

Expressões sintéticas da compreensão do discurso dos 5 sujeitos que concluíram o curso de Psicologia

SUJEITO 1

1. Sentiu-se muito jovem para realizar sua escolha profissional;
2. O período integral do curso de Psicologia não lhe possibilitou trabalhar, o que contribuiu para abandoná-lo.
3. Refez sua opção, escolhendo o curso de Nutrição na UNIMEP.

SUJEITO 1

1. Parece estar satisfeito com sua escolha profissional, e atribui à estrutura curricular sua insatisfação; as questões filosóficas deveriam ser enfatizadas no curso.

SUJEITO 1

1. Decepcionou-se com o curso de Psicologia por não tê-lo preparado profissionalmente
 2. Amplia seus conhecimentos através da residência no Hospital das Clínicas.
 3. Atuar na área clínica é um sonho, ainda.
-

SUJEITO 2

1. Desistiu do curso de Psicologia da USP de Rib. Preto porque ele não lhe possibilitava conhecer outras áreas da Psicologia Clínica além da Psicanálise; se formou na PUC-SP e desenvolve trabalho clínico na abordagem Junguiana;
2. Amplia seus conhecimentos realizando curso de especialização e de Artes Plásticas.

SUJEITO 2

1. Decepcionou-se com a estrutura do curso de Psicologia, a ênfase à área biológica levou-o a abandoná-lo por um semestre. Esperava um curso dirigido à área humana.

SUJEITO 2

1. Decepcionou-se com o mercado de trabalho e com a própria formação acadêmica que recebeu durante o curso;
2. A área clínica é um sonho.

SUJEITO 3

1. Desistiu do curso de Psicologia por influência do namorado.
2. Refez sua escolha profissional escolhendo Medicina na UNESP.

SUJEITO 3

1. Está satisfeito por ter escolhido Psicologia, entretanto está insatisfeito com o curso de Psicologia da USP de Rib. Preto, por não oferecer a área de transpessoal.
2. Complementa a lacuna humanista do curso fora da faculdade.

SUJEITO 3

1. Atua na área clínica (Psicanálise) e sente-se realizado profissionalmente.
2. A especialização, a supervisão são percebidas como ampliação de horizonte de conhecimento.

SUJEITO 4

1. A Psicologia nunca foi sua escolha profissional, tentou cursá-la mas não conseguiu; a ênfase à abordagem behaviorista colaborou para esta decisão;
2. Refez sua escolha profissional, escolhendo o curso de Tradução.

SUJEITO 4

1. Frustra-se com a estrutura curricular do curso de Psicologia e buscando fora da faculdade áreas de seu interesse;
2. A ausência de integração entre os cursos limita os horizontes de seu mitwelt.

SUJEITO 4

1. Reconhece o valor da formação recebida durante o curso, entretanto confessa que a ênfase idealista do curso dificulta o engajamento do jovem profissional ao mercado de trabalho;
2. Atuar na área clínica não passa de um sonho.

SUJEITO 5

1. Abandonou o curso de Psicologia porque não se preocupou em escolher o curso que realmente gostava;
2. Refez sua opção escolhendo Matemática.

SUJEITO 5

1. Decepcionou-se com a estrutura do curso de Psicologia e com a visão reducionista das teorias psicológicas; esperava um curso que tentasse compreender o ser humano como um todo.

SUJEITO 5

1. A visão idealista e reducionista do curso de Psicologia dificulta o ingresso do profissional ao mercado de trabalho.

ANÁLISE NOMOTÉTICA

QUADRO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO OU CATEGORIAS QUE REPRESENTAM CONVERGÊNCIAS

DAS EXPRESSÕES SINTÁTICAS DA COMPREENSÃO DOS DISCURSOS INDIVIDUAIS (ITEM D)

Expressões Sintéticas de cada discurso

que converge para a unidade de

UNIDADES DE SIGNIFICADO

significado à esquerda

OU CATEGORIA	GRUPO A					GRUPO B					GRUPO C				
	S1	S2	S3	S4	S5	S1	S2	S3	S4	S5	S1	S2	S3	S4	S5
1. O jovem e o seu modo inautêntico e/ou autêntico (de experienciar sua escolha profissional)	1	1	1	1	1	1	1		1	1	1	1			1
2. A estrutura do curso de psicologia limita as possibilidades de escolha do jovem.	2	1		1		1	1	1	1	1	1	1		1	1
3. O mercado de trabalho: do sonho à realidade.											3	2		2	
4. A busca de novos horizontes.		2						2	1		2		2		

A COMPREENSÃO DO FENÔMENO INTERROGADO - A ESCOLHA
PROFISSIONAL EXPERIENCIADA PELO SER QUE ESCOLHEU
O CURSO DE PSICOLOGIA DA FACULDADE
DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS
- USP -
CAMPUS DE RIBEIRÃO PRETO

O JOVEM E O SEU MODO INAUTÊNTICO E/OU AUTÊNTICO
DE EXPERIENCIAR A SUA ESCOLHA PROFISSIONAL

Os discursos dos 3 grupos de jovens que escolheram o curso de Psicologia revelam a trajetória de ocultamento e desocultamento do SER, em relação à sua escolha profissional. Caminho árduo, que não tem receita pronta, cada ser experiencia a seu modo e a seu tempo o seu próprio desvelamento. Para alguns jovens, o ato de abandonar o curso permitiu um re-pensar, um momento de aproximação com o próprio eu, ou seja, a passagem do inautêntico para o autêntico.

Esse momento, denominado por Heidegger de recuperação da escolha, significa decidir-se por um poder ser a partir de si próprio, é o libertar-se da ditadura dos "outros", do "ninguém", é dirigir o olhar para dentro de si.

Com relação ao sujeito 2 do grupo A, aos sujeitos 3 e 5 do grupo B e aos 3 e 4 do grupo C, seus discursos des-velam uma postura de inquietação diante da liberdade de escolha que envolve compreensão frente à própria existência, possibilitando-lhes experienciarem a escolha profissional de um modo autêntico; que significa preocupação e respeito para si próprios bem como pelo(s) outro(s) ser(es) com os quais se relacionam.

Para outros, a tomada de consciência ocorreu ao serem lançados ao mercado de trabalho e/ou durante o próprio curso, enfim, não há um dia marcado para o ser se conscientizar de sua temporalidade. O des-velamento é um processo individual, é uma possibilidade do ser, sendo, portanto, possível o seu ocultamento.

No entanto, os discursos de um modo geral, explicitam que a escolha profissional é experienciada de um modo impessoal e inautêntico. Esse modo de ser revela que o tempo vivido na Universidade frustra a expectativa do ser em busca de conhecimento, de identidade profissional, e de compreensão de sua própria existência. Assim, o processo de vir-a-ser um profissional engajado, envolvido com seu momento histórico, é

altamente comprometido pela quase ausência para as utopias, alicerces para os atos criativos.

O tempo passa a ser vivido durante os 5 anos de duração do curso, como se fosse um jogo de encaixe em que cabe aos jovens, e de preferência sem muita interrogação, encaixarem suas significativas experiências aos propósitos de um curso que carrega ainda as marcas da chamada reforma universitária (lei 5.540/1968).

Essa lei retirou intencionalmente dos currículos não só disciplinas como a Filosofia, Sociologia, Antropologia, etc., (cujos conteúdos provocam um re-pensar do ser-aí e, conseqüentemente do SER com os outros homens), como tentou embutir a liberdade de pensar, comprometendo desse modo a formação dos educadores, que vem ao longo dos anos se limitando à praxis dos mecanismos de transmissão e repetição de idéias, de teorias e paradigmas.

Tais idéias, teorias e paradigmas vêm sendo apresentados sem um questionamento profundo, crítico e amplo e são incorporados pelos jovens como verdades absolutas, dificultando-lhes a possibilidade de refletir e de interrogar, condição primordial para o ser dirigir-se às coisas mesmas, isto é, para des-velar

para si, o seu próprio projeto de vida e vir a realizar escolhas autênticas.

Nesse universo, o homem não é considerado um horizonte de possibilidades. Desse modo sinto que as utopias que alicerçam os atos criativos precisariam ser desengavetadas e voltar a habitar o universo acadêmico; afinal, elas podem provocar, lançar dúvidas às teorias, às verdades vigentes, aos paradigmas, enfim às próprias crenças e valores que permeiam a concepção de homem e mundo. Conseqüentemente, criar condições para a emergência de profissionais, sejam eles psicólogos, pedagogos, enfermeiros, ecólogos, comprometidos com a educação como um todo. Nesse momento a pessoa humana estará sendo compreendida em seu existir dinâmico e autêntico que envolve estar voltada para a busca de si mesma, de sua relação com os outros homens e com o mundo.

A ESTRUTURA DO CURSO DE PSICOLOGIA LIMITA AS POSSIBILIDADES DE ESCOLHA DO JOVEM

Há uma unanimidade nos discursos em atribuírem as decepções, as frustrações e insatisfações do experienciar da escolha profissional à estrutura e funcionamento do curso de

Psicologia. Esse modo de ser dos jovens demonstra inautenticidade e descompromisso com a escolha profissional. Nesse sentido, os jovens enquanto ser(es)-aí alienado(s) de si mesmo, experienciam o alívio da responsabilidade de sua escolha e do domínio de si mesmos e se perdem na impessoalidade dos "outros", passando a viver perdidos e anestesiados, ou seja, "vão levando o curso". Conhecem suas "falhas", entretanto continuam a trajetória como personagens de uma peça que nunca termina e que foi iniciada nos idos tempos da escola de 1^o e 2^o graus.

Se dirigirmos um olhar mais profundo e amplo ao nosso redor, encontraremos nos discursos dos professores sobre o fracasso escolar, postura igual às desses jovens, o fracasso é sempre do aluno, nunca do professor, que não se percebe co-responsável. Nessa perspectiva, as diferenças são apenas de repertório, o ocultamento do SER é o mesmo, o falatório é constante e repetitivo. Professores e jovens identificam, apontam com facilidade inúmeras causas como as levantadas pelos sujeitos neste estudo, que vão desde a dicotomia entre teoria x prática; desarticulação entre formação acadêmica x mercado de trabalho, ênfase do curso à área biológica, etc

Nesse palavrório se justificam, se repetem, se eximem de responsabilidades, se preparam profissionalmente e se tornam psicólogos.

Este modo de ser, de não se sentirem sujeitos engajados numa ação e co-responsáveis pelo momento histórico, bem como o de não tomarem uma atitude de interesse e responsabilidade diante da existência, inicia-se quando o SER é lançado no universo social, que, visto sobre o prisma de possibilidades, não tem priorizado ao SER a descoberta de si mesmo, de se identificar como um ser-aí, individualizado ao mesmo tempo que é um ser-no-mundo-com-os outros, com os quais co-existe, sendo assim todos co-responsáveis pelo momento histórico.

Nesse contexto, o jovem vai aprendendo a ser "personagem" e passa a desenvolver suas possibilidades de ser, a partir do outro, o qual não se mostra em profundidade. Não se revelando, aparece dissimulado em suas possibilidades de ser--ele-mesmo. Desse modo, o jovem vai, desde muito cedo, se perdendo na superficialidade onde os outros escolhem e decidem por ele. Essa escolha vai desde a griffe do jeans à escolha da profissão. Tudo vai assim igualando mais e mais e, quase sem perceber, os jovens vão tendo sua existência condenada a inautenticidade e impessoalidade, onde o outro é quem escolhe, de antemão, o que ele deve escolher. Portanto é a

esse outro que ele atribui, justifica suas decepções, desencantos, alegrias e frustrações experienciadas ao longo da própria existência e que envolvem, portanto, o tempo vivido na faculdade...

Através dessa explicitação tem-se a impressão de que o SER está, portanto, condenado a um modo de ser inautêntico e impessoal para sempre... o que não é verdade. O modo de ser inautêntico não indica um não-ser-nada, significa modos possíveis, possibilidades do ser, e não propriedades, como as das coisas e objetos que são manipulados e usados. O ser-ai é sempre possibilidades de escolhas.

Dessa forma, sinto que o tempo vivido na Universidade que envolve o horizonte do funcionamento e da estrutura curricular, a relação professor x aluno, aluno x aluno, novos amigos, política educacional, deveria possibilitar ao jovem um re-pensar, um re- visar de suas dissimulações tão familiarizadas e enraizadas no seu modo de ser inautêntico, e assim vir a inverter a seqüência de ações inautênticas, inculcadas desde o início do processo de sua socialização, quebrando, desse modo, o "jogo" de atribuir "aos outros", aos "ninguém" a parcela de responsabilidade que é do seu próprio ser.

Esse alerta despertaria o jovem de seu sono anestésico de seu estado de perda, para o estado de resolução, estado esse que significa estar acordado para o mundo, para os riscos, para os compromissos inerentes a cada momento da existência e, portanto, para a sua formação profissional. Nesse momento, o ser inauguraria a possibilidade de poder-ser autêntico, o que implicaria ser capaz se comprometer-se com o seu próprio projeto de vida.

Nesse estado de resolução, o jovem avaliaria a si próprio numa perspectiva de totalidade, que é formada por aspectos ambíguos, contraditórios, incertos, que estão indissoluvelmente inter-ligados com sua liberdade, facticidade, impotência e vulnerabilidade.

A partir desse momento, a universidade estaria correndo o risco saudável de modificar sua própria estrutura, na tentativa de recuperar sua parcela de danos que vem causando ao longo de sua história. O seu compromisso, nesse momento, seria com a formação autêntica dos jovens na qual já está implícito o compromisso político, democrático, técnico de saber fazer bem, de comprometer-se e de envolver-se numa dimensão de liberdade que envolve o homem "sendo-com-os-outros-homens".

O MERCADO DE TRABALHO DO PSICÓLOGO DO SONHO À REALIDADE

Os discursos são reveladores de expectativas e projetos elaborados na trajetória percorrida entre a preparação profissional vivida ao longo de 5 anos de duração do curso de Psicologia, à tão esperada inserção no mercado de trabalho. É nesse instante que o jovem mergulha perplexo na realidade de um mercado saturado e altamente competitivo. Momento vivido com desencanto, decepções, angústias e muitas frustrações.

Imerso nesse mundo que não foi criado por eles, mas ao qual se acham submetidos, avaliam a formação acadêmica recebida durante esses anos e concluem que o curso de Psicologia não os preparou para competirem no mercado de trabalho e esclarecerem alguns pontos responsáveis por esta condição.

A visão idealista e teórica do curso não tem possibilitado ao jovem um questionamento amplo e profundo das condições do ser-no-mundo que envolvem o horizonte do mercado de trabalho; ao contrário, vem alimentando sonhos e criando expectativas que, em confronto com a realidade de mercado, provocam seqüelas que marcam em profundidade a existência do SER. Essa aproximação artificial entre o mundo da faculdade com o mundo do trabalho,

principalmente no direcionamento do curso à área clínica e em especial à psicanálise, em detrimento dos demais enfoques psicoterapêuticos (Yungiano, Reichiano e transpessoal) e das demais áreas (escolar, organizacional, hospitalar, etc.) vem legando ao jovem um modo de ser inautêntico e impessoal.

As dificuldades frente às condições econômicas para abrir uma clínica, bem como da sociedade como um todo e as inerentes à própria formação clínica do terapeuta, que exige do profissional contínuas supervisões, cursos, além da própria psicoterapia, levam os jovens a experienciarem com desencanto e angústia que o projeto elaborado durante o curso não foi pro-jeto, foi sonho apenas...

Nesse momento, os jovens não atribuem sentido ao passado acadêmico, o presente, que é o sendo, oculta um futuro promissor... O que fazer, se o sonho de profissional liberal acabou? A concretude da realidade não lhes possibilita o poder de escolher esta ou aquela área, assim aceitam trabalhar naquela que lhe oferecer uma chance de emprego. E, mais uma vez, sentem que a formação recebida durante o curso, não foi suficiente para habilitá-los a lidar com o complexo mundo do trabalho, pois, por terem "escolhido" a área clínica (psicanálise), dedicaram, sem dúvida, mais horas de estudos a este campo do conhecimento que às demais (escolar, hospitalar,

organizacional), só que as possibilidades de trabalho estão nestas áreas, principalmente na organizacional, explicada pela complexidade do setor empresarial neste momento histórico do país, tornando assim mais impessoal ainda suas escolhas.

Sob essa perspectiva, os jovens são tragados por uma rede de valores impostos pelo mercado de trabalho que passa a decidir por eles. Nesse modo de ser, para Heidegger, a escolha é feita por "ninguém". Sendo por "ninguém", são falsas as escolhas. E assim os jovens vão sendo anestesiados, despersonalizando-se e mergulham no anonimato que anula qualquer originalidade e comprometimento do SER. Desse modo, a existência passa a ser inautêntica, o que não é uma simples aparência de ser, mas sim uma dimensão real da existência humana, que se revela no não-envolvimento do SER para consigo mesmo e para com os outros.

Será este o propósito da Universidade?

Parece-me que a comunidade humana representada pelo universo acadêmico deveria dirigir um olhar atento a esses discursos. Olhar no sentido de investigar, indagar e, a partir daí, ir além do visto, olhar no sentido de examinar, discernir, fixar, furar, "o olhar pensa - é a visão feita interrogação" (Cardoso, 1988:348-349 ; Chauí, 1988:31-63), e

assumir também uma parcela de responsabilidade para com esta caótica situação. Não fazer isso é aceitar como mera repetição e reprodução de fatos, paradigmas, valores e crenças de atos passados. Vista sob essa perspectiva, o propósito de algumas áreas do saber continuaria sendo a reprodução de conhecimentos historicamente acumulados. Todavia faz-se necessário indagar sobre o significado desse conhecimento para o momento histórico atual.

Retomando aqui os discursos dos sujeitos, caberia interrogar qual o significado e o por quê do direcionamento do curso de psicologia que continua, ao longo dos anos, privilegiando a psicanálise? Estudos (Drawin 1988; Pessotti 1988; Mello 1975) comprovam que esta não é uma realidade somente do curso de psicologia da USP - Campus de Ribeirão Preto, mas também dos cursos de Psicologia em geral. Esses estudos chamam a atenção para a psicologização da nossa cultura e, em especial, para a "cultura da psicanálise" que é facilmente absorvida pelo discurso do senso comum tão em moda e tão conhecido pelas expressões "Freud explica" e pelo leque das intermináveis doenças emocionais...

Com esse argumento, quero dizer apenas que, quando um curso e/ou cursos enfatizam somente uma área em detrimento das demais, não está possibilitando aos alunos o poder de

escolherem, só há escolhas onde há um leque de possibilidades, o contrário é direcionamento, ainda que não intencional, o que significa ausência de liberdade para escolher. Nesse sentido, os jovens realizam falsas escolhas, quando pensam que estão escolhendo a psicanálise como área de atuação profissional.

Esse direcionamento perde de vista que quem faz a história é o homem, o qual está em constante conquista de si mesmo, e de sua situacionalidade, que envolve o conhecimento das condições atuais de trabalho numa dimensão dialética.

Essas condições, nesse momento histórico atual, estão pedindo que os psicólogos tenham acesso a outros enfoques psicoterapêuticos (Yungiano, Reichiano, transpessoal, etc.) como a outras áreas (escolar, organizacional, ensino, hospitalar, institucional, etc.) e, a partir desse leque de opções, propiciem ao jovem poder escolher, também, sem dúvida alguma, a psicanálise.

Nessas condições, os jovens, enquanto ser(es)-aí, isto é, enquanto possibilidade(s), poderão decidir-se "por-si" e/ou "contra-si"; se optarem por decidir-se "por-si", estarão conquistando um modo de ser autêntico que envolve riscos e comprometimento com a escolha realizada, se optarem "contra-

si", estarão recusando ser "si-mesmos", perdendo-se na inautenticidade de suas escolhas, o que significa o não envolvimento e comprometimento com sua escolha.

Desse modo de ser, emergirá um profissional autêntico e/ou inautêntico. O autêntico assumirá os riscos de sua escolha, sendo responsável, o que não significa ausência de incertezas e angústias; significa que o SER compreendeu sua temporalidade, da qual legará às futuras gerações uma situacionalidade transformada, não perdendo de vista o vir-a-ser, que será palco de novas possibilidades de ser-no-mundo.

O inautêntico atribuirá aos "outros" e ao destino a responsabilidade de suas decepções, frustrações e até alegrias, legando desse modo às gerações futuras, o conformismo, a alienação e a reprodução. O futuro não se revelará como um lugar para o qual a existência é projetada, partindo do que se está sendo. O futuro é o "próximo passo" que o destino já determinou, ocultando assim o seu estado ontológico.

Nesse sentido, os discursos dos jovens manifestam ocultamento ontológico, que pode significar para a comunidade acadêmica um alerta, uma possibilidade para re-ver, re-pensar os seus

próprios propósitos, que implica assumir a co-responsabilidade para com a existência autêntica.

OS JOVENS BUSCAM FORA DO UNIVERSO ACADÊMICO NOVAS ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

As convergências nesta categoria revelam que a escolha profissional é experienciada à medida que os jovens vão conhecendo a ciência psicológica, e conhecem-na não só, mas também por intermédio de suas principais vertentes teórico-metodológicas - o behaviorismo, representada por Skinner (1905-1990); a psicanálise por Freud (1856-1939); a Humanista por Roger (1902-). Paralelo a este conhecimento acadêmico, os jovens têm acesso ainda a uma variedade grande de abordagens psico-terapêuticas fora do horizonte institucional, isto sem falar das chamadas alternativas, tão combatidas pelos meios acadêmicos mais ortodoxos e Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs), e tão em moda em nossos dias.

Geralmente esses cursos alternativos elaborados pelos arquitetos conhecedores de marketing que adivinham, não só os sintomas do nosso tempo (stress, ansiedade, impotência sexual, depressão), como possuem ainda a dose mágica para curá-los,

conseguem sempre seduzir um número significativo de frequentadores, mantendo desse modo as "clínicas" sempre lotadas.

Imerso nessa realidade ambígua, os jovens sentem-se perdidos e inseguros em relação à sua identidade profissional, primeiro porque este saber, por ser buscado em cursos fora do universo acadêmico, acabam privilegiando mais a parte prática, devido até mesmo ao seu tempo de duração (geralmente são ministrados em fins de semana) ou propósito e/ou às vezes pelo fato de o profissional desconhecer e/ou ainda atribuir pouca relevância aos embasamentos teóricos e filosóficos que fundamentam as abordagens. Segundo, porque o universo acadêmico, quase não confere legitimidade a este saber (principalmente à abordagem transpessoal).

Desse modo, os jovens enquanto ser(es)-aí experienciam dolorosas inquietações acerca de seu projeto profissional, a ponto de alguns não conseguirem conviver com esta realidade e acabarem abandonando o curso de Psicologia logo no início, outros continuam, porém insatisfeitos.

Fechar os olhos a esta realidade parece-me uma atitude cômoda, impessoal e até certo ponto ingênua. Dirigir-lhe um olhar atento pode significar um alerta à comunidade acadêmica, ou

seja, uma passagem, uma abertura à compreensão do SER. Afinal, o que buscam os jovens nos cursos alternativos sobre Reich, Yung e transpessoal? Ou por que as abordagens psicoterapêuticas que o curso institucional lhes possibilita regularmente não estão iluminando suas inquietações?

Os discursos aqui entendidos como um modo constitutivo da essência do homem significa revelação que envolve sua transparência em relação a si mesmo e abertura em busca de compreensão do seu próprio SER.

Nesse sentido, os discursos desvelam que os jovens estão realmente insatisfeitos, com a escolha profissional, e que buscam fora do universo acadêmico, abordagens psicológicas que iluminem suas interrogações, isto é, que lhes possibilitem encontrar sentido e significado à própria existência, buscam uma "psicologia mais humanizada"; "mais dirigida à pessoa humana".

Este alerta evidencia que, do modo como o curso está estruturado, ou seja, voltado nesse momento histórico mais às vertentes behavioristas e psicanalíticas não vem respondendo às interrogações e expectativas dos jovens. Os tempos mudaram... e sob a tênue aparência de ordem, controvérsias e contradições foram des-velando novos e peculiares modos de

"olhar o mundo" que vêm acarretando modificações profundas na praxis existencial.

Sabe-se que, subjacente a uma vertente teórico-metodológica, permeia um modo peculiar de olhar o mundo e, de um modo geral, o behaviorismo e a psicanálise têm privilegiado o olhar positivista, olhar esse que se dirige para os atos de medir, discriminar, determinar; enfim, um olhar que fragmenta o humano.

Desse modo, os discursos revelam que a unidade proposta pelo paradigma positivista (Comte séc.XIX), no qual a psicologia buscou sustentação para atingir seu status de cientificidade, está enferma, visto não ter alcançado ao longo de quase um século ser o único aceito pelas vertentes teórico-metodológicas.

Sob essa perspectiva, sinto que está implícito nos discursos o re-pensar, o re-visar da ciência psicológica, no sentido de buscar, encontrar, admitir-lhe a possibilidade de novos paradigmas, novas abordagens na intenção de ultrapassar os limites das investigações psicofísicas e psicofisiológicas, ou seja, que não se limite ao estudo do comportamento observável e que não se considere o humano como sendo "um joguete entre as forças psíquicas inconscientes e as pressões sociais

externas" (Bicudo e Martins, pg.48). Uma psicologia da existência, ou seja, uma psicologia que intencione à compreensão e reflexão do próprio existir humano, o que significa olhar o SER-Aí como possibilidade, como projeto para vir a ser.

Essa mudança de olhar acarretará profundas modificações na concepção de homem e mundo, e a ciência encontra, juntamente com a afetividade e a comunicação, seu lugar de destaque na dinâmica das possibilidades de des-vendar, de iluminar um modo de ser qualitativamente melhor ao humano.

Com este argumento não quero dizer que a psicologia concebida como uma ciência humana ocupe o tradicional lugar do modelo científico-natural do homem. Isso seria uma postura ingênua e reducionista, quero dizer que visualizo a possibilidade da ciência psicológica estudar o humano - visto como um ser total, de um modo sério e diferente, o que na realidade tem sido o propósito de Husserl (1945); M. Ponty (1973); Japiassu (1978); Giorgi (1978); Martins e Bicudo (1983), e outros que vêm, ao longo dos anos, iluminando com seus estudos esta possibilidade.

Nesse momento, parece-me que os discursos dos jovens que escolheram o curso de Psicologia da F.F.C.L.R.P. - USP -

período (1980-1989) - e que, portanto, tiveram suas existências historicamente compartilhadas com a dinâmica própria da instituição, vêm fazer coro com o discurso desses estudiosos, no sentido de terem deixado transparecer que a angústia, frustração, decepção vivenciadas no dia-a-dia da escolha profissional não se limita às mudanças da estrutura formal do currículo. Tais mudanças podem até mesmo ser um bom começo, mas seria bastante desejável que houvesse, a par desse esforço curricular, uma ação no sentido de refletir sobre o modelo de ciência psicológica até aqui adotado pelo curso.

Aqui, mais uma vez, sinto que os discursos possibilitam à comunidade acadêmica um re-pensar, uma pista para novos horizontes.....

HORIZONTES? I

"Nunca é a meta final que interessa, mas tão somente a viagem, e até mesmo o primeiro e pequeno passo com que se enceta a jornada."

(Heidegger)

Ao lançar um olhar no percurso dessa viagem, desde os primeiros momentos de perplexidade diante do fenômeno escolha profissional à compreensão nomotética do SER que experienciou a escolha, sinto que o caminho da indagação é um eterno re-começar... Nem chego e já estou pronta para novas e infinitas partidas... Nessa perspectiva, não há espaço para conclusões e notas finais. Há, sim, pistas, indícios, na busca de recuperar, de poder resgatar o SER de seu refúgio impessoal e inautêntico. Assim, parece-me que este estudo de escolhas profissionais lança um convite, um apelo à sociedade e, em especial, à comunidade acadêmica, no sentido de re-visar os propósitos da educação que ora acontece, refletir sobre ela, intencionando resgatar a essência do SER.

Romper com os laços dessa educação que não tem priorizado o SER como projeto humano, que se eterniza ao longo de seu tempo

vivido, significa romper com a visão fragmentada e reducionista que vem alimentando há muitos anos a concepção de homem e mundo em nossa sociedade.

Desse modo, é preciso retirar a viseira da concepção positivista que fragmenta o SER como se ele fosse um objeto e explica suas escolhas segundo as leis de causa e efeito. Visualizar o SER como pro-jeto humano significa dizer que o homem transforma o mundo na medida em que se transforma a si mesmo na relação com os outros homens e consigo próprio. A existência nesse sentido é co-existência que se realiza em encontro autêntico. Sob esta ótica, a educação assumiria o poder de promover a edificação do SER-Aí, sendo com-os-outros e, portanto, um SER liberto das "amarras" da impessoalidade, das "ditaduras dos outros", ou seja, um SER atento ao seu próprio des-velamento.

Nesse momento, o SER inaugurará a possibilidade de se sentir livre e responsável para realizar suas escolhas. Nesse momento, a escolha profissional deixará de ser "descoberta" por outra pessoa (orientador educacional, psicólogo e/ou por "ninguém") para ser experienciado, descoberto pelo próprio SER que, ao vivenciar seu pro-jeto existencial, des-velará para si próprio suas escolhas.

Entretanto, se o leitor que me vem acompanhando nesta viagem se sentir provocado ao ponto de precisar "parar" para olhar, olhar no sentido de discernir, interrogar... como têm sido suas próprias escolhas ao longo do tempo vivido e se sentir inseguro, angustiado, perplexo e responsável por elas... se este estudo provocar essas e outras perplexidades, procure escutá-las. Aí habitam os horizontes.

BIBLIOGRAFIA

- Bicudo, M.A.V. - A Filosofia da Educação Centrada no Aluno - In: Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação, S.P., Edit. Moraes, 1983.
- Cardoso, S. - O Olhar Viajante (Do Etnólogo) - In: O Olhar - Org. Aduato Novaes, S.P., Companhia das Letras, 1988.
- Chauí, M. - Janela da Alma, Espelho do Mundo - In: O Olhar - Org. Aduato Novaes, S.P., Companhia das Letras, 1988.
- Drawin, C.R. - "Psicologia: Dialética da Fragmentação", In Quem é o Psicólogo Brasileiro?, Conselho Federal de Psicologia - São Paulo, Edicon, cap.13, 1988.
- Giorgi, A. - A Psicologia como Ciência Humana - uma abordagem de base fenomenológica, tradução Riva S. Schwartzman, B.H., Minas Gerais, Interlivros, 1978.
- Husserl, E. - A filosofia como Ciência do Rigor; 2a. ed., trad. Albin Beau, Coimbra - Atlântica, 1945.
- - The crisis of European Sciences Transcendental Phenomenology, Evanston - Northeastern University Press, 1970.
- Japiassu, H. - Introdução à Epistemologia da Psicologia, R. J., Imago Editora Ltda, 1978.
- Martins, J. e Bicudo, M.A.V. - Estudos sobre existencialismo, Fenomenologia e Educação, Ed. Moraes, S.P., 1983.
- Mello, S.L. - Psicologia e Profissão em São Paulo - S.P., Edit. Ática, 1975.
- Merleau-Ponty, M. - Ciência do homem e Fenomenologia - Tradução Salma Tannus Muchail, SP, Editora Saraiva, 1973.
- Pessotti, I. - "Notas para uma história da Psicologia Brasileira", In: Quem é o Psicólogo Brasileiro?, Conselho Federal de Psicologia - São Paulo, Edicon, cap. I, 1988.
- - Dados para uma História da Psicologia no Brasil, vol 1, ano I, 1 - 14, 1975.

Rios, C A. - Qué Es El Psicoanalisis? - Buenos Aires,
Editorial la Esfinge, 1982

Steiner, G. - As Idéias de Heidegger - Trad Álvaro Cabral, do
original de Heidegger, S.P., Edit. Cultrix, 1978.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- Abbagnano, N. - História da Filosofia - Trad. Conceição Jardim, Eduardo Lúcio Nogueira, Nuno Valadas; Vol IX, Lisboa, Editorial Presença, 1982.
- Aranha, M.L.A. de; Martins, M.H.P. - Filosofando: Introdução à Filosofia, S.P., Edit. Moderna, 1986.
- Beaini, T.C. - À Escuta do Silêncio: Um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger, Edit. Cortez, S.P., 1981.
- Bicudo, M.A.V. - A Filosofia da Educação Centrada no Aluno - In: Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação, S.P., Edit. Moraes, 1983.
- - O Conhecimento Humano Segundo a abordagem de Martin Heidegger - UNESP - Instituto de Geociências e Ciências Exatas (texto xerografado).
- - Fundamentos de Orientação Educacional -, S.P., Edit. Saraiva, 1978.
- Boemer, M.R. - A Morte, o Morrer e o Morrendo: Estudo de Pacientes Terminais - S.P., Tese de Doutorado - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, 1985.
- - O Fenômeno Morte: O Pensar, o Conviver e o Educar - S.P., Tese de Livre Docência - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, 1989.
- Boernhein, G. - O existencialismo de Sartre, In: Curso de Filosofia, org. Antonio Rezende, 4ª edição, S. P., editora Zahar, 1991.
- Bohoslavsky, R. - Orientação Vocacional: a estratégia clínica - Trad. José Maria Valeye Bojart - Edit. Martins Fontes, S.P., 1977.
- Brentano, F. - Antecedentes da Fenomenologia - In: História da Filosofia - Nicola Abbagnano - vol XIV, 3ª edição, Lisboa, Editorial Presença - 1982.
- Bruns, M.A.T. - Evasão escolar: Causas e Efeitos Psicológicos e Sociais, S.P., Editora Unicamp - Coleção Teses, 1987.

Cadernos de orientação Educacional nº 12, 13, 23 e 24,
Brasília - CADES/MEC, 1960-62.

Cadernos de Planejamento - Anuário Estatístico da USP,
nov/1988.

Cardoso, S. - O Olhar Viajante (Do Etnólogo) - In: O Olhar -
Org. Aduato Novaes, S.P., Companhia das Letras, 1988.

Carvalho, W.L.P. de, - O Ensino de Ciências sob a
Perspectiva da Criatividade: Uma Análise Fenomenológica.
Faculdade de Educação - Unicamp, 1991.

Chauí, M. - Janela da Alma, Espelho do Mundo - In: O Olhar -
Org. Aduato Novaes, S.P., Companhia das Letras, 1988.

Comunicações Científicas em Psicologia - XXI Reunião Anual
da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, vol.1, ano
1, 1991.

Crites, J.D. - Psicologia Vocacional - Buenos aires,
Argentina, Editora Paidós, 1969.

Cunha, L.A.R. da, - Educação e Desenvolvimento no Brasil,
R. J., Francisco Alves, 1975.

Dartigues, A. - O Que é a Fenomenologia? - Trad. Maria José
J. G. de Almeida, R.J., livraria Eldorado, Tijuca Ltda,
1973.

Diagnóstico do Currículo do Curso de Graduação em Psicologia
da F.F.C.L.R.P. - USP - Campus Ribeirão Preto. Elaborado
pela Comissão de Ensino - 1990.

Drawin, C.R. - "Psicologia: Dialética da Fragmentação", In
Quem é o Psicólogo Brasileiro?, Conselho Federal de
Psicologia - São Paulo; Edicon, cap.13, 1988.

Ferretti, C.J. - Uma Nova Proposta de Orientação
Profissional, S.P., Cortez, 1988.

Fini, D.T.L. - A situacionalidade da Psicologia Educacional
- Adolescência nos cursos de licenciatura da Unicamp,
S.P. - tese de doutorado - Faculdade de Educação -
Unicamp - 1988.

Fini, M.I. e Bruns, M.A.T. - "Trabalho apresentado em forma
de seminário aos alunos que cursavam a disciplina
Psicologia do Trabalho" - ano de 1986.

- Forghieri, Y.C. - Fenomenologia, Existência e Psicoterapia - In: Fenomenologia e Psicologia, S.P., Edit. Cortez, 1984.
- França, C. - Psicologia Fenomenológica: Uma das Maneiras de se Fazer, S.P., Editora da Unicamp, 1989.
- Freitag, B. - Escola, Estado e Sociedade - São Paulo, Editora Moraes, 1986.
- Galvão, M.M.T.O. - Diagnóstico e Avaliação da Função do Orientador Educacional nas Escolas Paulistanas - S.P. - tese de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1980.
- Garrido, S.P. - Orientação Vocacional e Decisão - Estudo crítico da situação no Brasil, S.P., edições Loyola, 1986.
- Giorgi, A. - A Psicologia como Ciência Humana - Uma Abordagem de Base Fenomenológica, Trad. Riva S. Schwartzman, B.H., Minas Gerais, Interlivros, 1978.
- Heidegger, M. - Da Experiência do Pensar - Trad. Maria do Carmo Tavares de Miranda, R.S., Edit. Globo, Porto Alegre, 1969.
- - Ser e Tempo - Trad. de Márcia de Sá Cavalcanti, vol. 1 e 2; Edit. Vozes., Petrópolis, R.J., 16ª ed., 1989.
- - Todos nós...Ninguém: um enfoque fenomenológico do social - Apresentação, introdução notas e epílogo - Solon Spanondis; Trad. e Comentário Dulce Mara Critelli, S.P., Edit. Moraes, 1981.
- Histórico da F.F.C.L. - Ribeirão Preto - USP, In: Pasta na seção de Assistência Técnica para Assuntos Acadêmicos.
- Husserl, E. - A Filosofia como Ciência do Rigor - Trad. Albin Beau, 2ª ed., Coimbra, Edit. Atlântica, 1945.
- - The crisis of European Sciences Transcendental Phenomenology, Evanston - Northeastern University Press, 1970.
- I Congresso Nacional de Psicologia Escolar - Tema: Psicologia Escolar: identidade e perspectivas - Promovido pela ABRAPEE - PUCCAMP - Valinhos, 1991.

- Japiassu, H. - Introdução à Epistemologia da Psicologia, R. J., Imago Editora Ltda, 1978.
- Japur, M. - Relatórios sobre: A Análise do Currículo do Curso de Psicologia da F.F.C.L.R.P./ USP, ano 1991 a 1992.
- Jones, A.J. - Princípios de Orientação Educacional, R. J., editora Florence Universitárias - 1977.
- Libâneo, J.C. - Democratização da Escola Pública, S.P., editora Atlas, 1986.
- Maia, E.M.; Garcia, R.L. - Uma Orientação Educacional Nova para uma Nova Escola, S.P., editora Loyola, 1985.
- Martins, C.R. - Psicologia do Comportamento Vocacional, S.P., Editora E.P.U., 1978.
- Martins, J. - Contribuição da Fenomenologia à Psicologia Clínica: - Imaginação e Fantasia - In: Fenomenologia e Psicologia. Autores Associados, Org. Iolanda Cintia Forghieri, S.P., Edit. Cortez, 1984.
- Martins, J.; Bicudo, M.A.V. - Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação, Ed. Moraes, S.P., 1983.
- - A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: - Fundamentos e Recursos Básicos, S.P., Edit. Moraes, EDUC - Editora da PUC-SP, 1989.
- Martins, J.; Boemer, M.R.; Ferraz, C.A. - A Fenomenologia como Alternativa Metodológica para Pesquisa - Algumas Considerações In: Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos, vol 1, nº 1, S.P. : A Sociedade, 1990.
- Mello, S.L. - Psicologia e Profissão em São Paulo - S.P., Edit. Ática, 1975.
- Merleau - Ponty, M. - Ciência do Homem e Fenomenologia - Tradução de Salma Tannus Muchail, S.P., Edit. Saraiva, 1973.
- Miguel, V.B. - Introdução à Orientação Educacional - Edições Loyola - 1973.
- Nérici, I.G. - Introdução à Orientação Educacional, S.P., editora Atlas - 1976.

- Neves, M.C.D. - Uma Perspectiva Fenomenológica para o Professor em sua Expressão de: O Que é isto a ciência? - Tese de Doutorado, Faculdade de Educação - S.P., Unicamp, 1991.
- Parson, F. - Choosing a Vocation - Boston, Houghton Mifflin, 1909.
- Patto, M.H.S. - Psicologia e Ideologia, S.P., T. A. Queiroz, 1987.
- Pelletier, D.; Noiseux G.; Bujold, Ch. - Desenvolvimento Vocacional e Crescimento Pessoal: Enfoque Operatório - Trad. Ephraim Ferreira Alves, Petrópolis, Edit. Vozes, R.J., 1977.
- Pessotti, I. - "Notas para uma História da Psicologia Brasileira" - In: Quem é o Psicólogo Brasileiro?, Conselho Federal de Psicologia - São Paulo, Edicon, cap I, 1988.
- - Dados para uma História da Psicologia no Brasil, vol 1, ano I, 1 - 14, 1975.
- Pimentel, M.G.; Sigrist, A.G. - Orientação Educacional, R. J. 1976, editora Agir.
- Quadro Estatístico dos Graduados pela Unicamp (Período de 1965-1985 - anexo I e II).
- Rios, C.A. - Qué Es El Psicoanálisis? - Buenos Aires, Editorial la Esfinge, 1982.
- Romanelli, O. de O. - História da Educação no Brasil, 10ª edição, Petrópolis, editora Vozes, 1988.
- Rozestraten, A.I.S. - Representações Profissionais - Observações de alguns Descritores - Tese de Doutorado - Instituto de Psicologia - U.S.P., S.P., 1987.
- Schimidt, M.J.; Pereira, M.L.S. - Orientação Educacional, R. J., editora Agir, 1971.
- Silva, A.T. da - Sentido dos Existenciais Básicos para Heidegger - Tese de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 1991.
- Steiner, E. - Mudança de Paradigma na Filosofia: Fenomenologia Existencial como Dramaturgia da Existência e a Dramaturgia dos Pulsões - In: Fenomenologia e

- Psicologia** - Org. Yolanda Cintrão Forghieri, S.P., Edit. Cortez, 1984.
- Steiner, G - As Idéias de Heidegger - Trad. Álvaro Cabral, do original Heidegger, S.P., Edit. Cultrix, 1978.
- Super, D.E. - Psicologia de los Interesses y las Vocaciones - Buenos Aires, Editorial Kapelusz, S.A., 1967.
- Super, D.E.; Jr, Bohn; J. Martin - Psicologia Ocupacional - Trad. Esdras do Nascimento e Jair Ferreira dos Santos - S.P., Ed. Atlas, 1972.
- Teixeira, R.A. - Para uma Análise Crítica da Orientação Educacional. Subsídios para compreensão e definição de sua prática no Brasil - R. J. - Tese de Mestrado, Fundação Getúlio Vargas, 1979.
- Tillich, P. - A Coragem de Ser - Trad. Eglê Malheiros - R.J., Edit. Paz e Terra, 1967.
- Tratignon, P. - Heidegger - Trad. Armindo José Rodrigues, Lisboa, edições 70, 1965.
- Troca, R.M.S. do - Relatório da Disciplina Estágio - Abordando a área de Recursos humanos da F.F.C.L. - Ribeirão Preto - USP - Apresentado no curso de Administração da UNAERP, 1989.
- Zaslavsky, I. - Evolução dos conceitos em Orientação Vocacional - De uma Visão Estática a uma Visão Dinâmica - tese de Mestrado - Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) - Fundação Getúlio Vargas, R.J., 1979.

Legislação do Ensino

- Decreto-Lei nº 8.621, de 10 de janeiro de 1946, cria o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).
- Decreto-Lei nº 8.622, de 10 de janeiro de 1946, obriga os estabelecimentos comerciais a empregar menores aprendizes.

- Decreto-Lei nº 72.846/68, legalizou o exercício da profissão de Orientador Educacional.
- Lei nº 4.024, de 20/12/61, que fixa diretrizes e bases da Educação Nacional.
- Lei nº 5.540/68, de 28/11/68, fixa as normas de organização e funcionamento do ensino superior.
- Lei nº 5.564/68, fixa normas da profissão de Orientador Educacional, em Introdução à Orientação Educacional - Imídeo G. Nérici, São Paulo, Ed. Atlas, 1980.
- Lei nº 5.692 de 11/08/71, que fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus.
- Lei nº 7.044/82 de 1982, estabelece o fim à obrigatoriedade do ensino profissionalizante.
- Brasil, Leis, decretos, etc. Habilitações profissionais no Ensino do 2º grau - Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, Brasília, 1972.

ANEXOS

DIETECIA ACADÊMICA-UNICAMP
QUADRO ESTATÍSTICO DOS GRADUADOS
PELA UNICAMP 1965 à 1986

	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	TOTAL									
CURSOS	15	21	15	28	15	25	16	26	16	26	16	26	15	26	16	26	15	26	15	26	15	26	1524									
101-MATEMÁTICA																																
102-ESTATÍSTICA																																
103-COMPUTAÇÃO																																
104-FÍSICA																																
105-QUÍMICA																																
106-CIÊNCIAS BIOLÓGICAS																																
107-LETRAS																																
108-ENG. AGRÍCOLA																																
109-ENG. QUÍMICA																																
110-ENG. MECÂNICA																																
111-ENG. ELÉTRICA																																
112-ENG. CIVIL																																
113-ENG. AERONÁUTICA																																
114-PSICOLOGIA																																
115-MEDICINA																																
116-C. SOCIAIS																																
117-C. ECONÔMICAS																																
118-LINGUÍSTICA																																
119-HISTÓRIA																																
120-PSICOSSIA																																
121-ENTENDE																																
122-MÚSICA																																
131-TEC. SANITÁRIA																																
132-TEC. C. CIVIL																																
133-TEC. ORÇ. SELOS																																
TOTAL GERAL	24	18	37	26	74	93	254	251	303	464	426	99	427	110	507	1121	573	1343	426	1162	717	1120	734	1152	454	1153	794	1116	775	1257	628	1187

*TOTAL DOS ALUNOS GRADUADOS PELA UNICAMP DE 1965 à 1975.

*2191 ALUNOS

*TOTAL DOS ALUNOS GRADUADOS PELA UNICAMP DE 1976 à 1986.

*8610 ALUNOS

*TOTAL GERAL DOS ALUNOS GRADUADOS PELA UNICAMP DE 1965 à 1986.

*10741 ALUNOS

CPD-RI-5LS

04C44-020

CPD-04C-01, / 7/178 .

Marli Caroline Sombra.

